



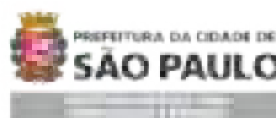
AÇÃO COMUNITÁRIA
PREPARANDO PESSOAS PARA A VIDA

Projeto de Vida: caminhos para o desenvolvimento integral



AÇÃO COMUNITÁRIA DO BRASIL | SÃO PAULO

Projeto de Vida: caminhos para o desenvolvimento integral



SÃO PAULO | JULHO 2014

AÇÃO COMUNITÁRIA DO BRASIL

Oscar Linhares Ferro

Diretor Presidente

Celso Luiz Teani de Freitas

Superintendente

Milton Alves Santos

Gerente do Centro de Desenvolvimento Integral

Maurício Guimarães

Gerente de Relacionamento e Mobilização de Recursos

Josmael Castanho

Gerente Administrativo/Financeiro

Deise Rodrigues Sartori

Gerente do Aclpm bc Desenvolvimento Comunitário

Anadelli Soares Braz

Gerente de Centro do Orientação para o Trabalho

Equipe Técnica do Programa Preparação para o Trabalho

Laize de Barros

Coordenadora

Cristiane Lima

Orientadora Pedagógica

Vanessa Machado

Orientadora Pedagógica

Sara Santos

Assistente

Projeto de Vida: caminhos para o desenvolvimento integral

Este trabalho foi realizado no âmbito do projeto Academia de Jovens Líderes, com recursos do Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (FUMCAD) da cidade de São Paulo. É permitida a reprodução do texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte.

Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Coordenação Editorial: **Claudia Barone, Milton Alves Santos**

Especialistas do Projeto Academia de Jovens Líderes: **Alexandre Isaac, Daniela Provedel e Humberto Dantas**

Revisão de Texto: **América dos Anjos Costa Marinho**

Ilustrações: **Fido Nesti**

Projeto Gráfico: **S,M&A Design | Samuel Ribeiro Jr.**

Organizações parceiras participantes do Projeto Academia de Jovens Líderes

Instituto de Cidadania Padre Josimo Tavares – Magdalena

Instituto de Cidadania Padre Josimo Tavares – Dom José

Instituto de Cidadania Padre Josimo Tavares – Parque Rondon

Movimento Comunitário Estrela Nova

Instituto Cuore

Associação Cidadania Ativa do Macedônia – ACAM

Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente Bom Pastor

Movimento Comunitário do Jardim São Joaquim

Instituto Fomentando Redes e Empreendedorismo Social – INFOREDES

Ação Comunitária - Unidade do Jardim Icarai

- Antiga Associação à Criança, ao Adolescente e Jovem – ACAJI

Associação dos Moradores da Vila Arco Íris – AMAI

Associação Comunitária Auri Verde - CCA Chácara Santo Amaro

Grupo Unido pela Reintegração Infantil – GURI

Centro Social São José – Ana de Fátima

Centro Social São José – Manacás

Centro Social São José – Barro Branco

Associação Beneficente Providência Azul – Centro Social Esperança

Centro Popular de Defesa dos Direitos Humanos Frei Tito de Alencar Lima

- Cidade Júlia

Centro de Promoção Humana - Comunidade Meu Abacateiro

Associação do Parque Santa Amélia e Balneário São Francisco

Centro de Formação Irmã Rita Cavenaghi

Centro de Promoção Humana São Joaquim Santana – Joca

Centro de Promoção Humana São Joaquim Santana – Villa

Instituto Anchieta Grajaú – IAG

Ação Comunitária do Brasil - São Paulo

Projeto de vida : caminhos para o desenvolvimento integral / Ação Comunitária do Brasil – São Paulo ; [coordenação editorial de Claudia Barone, Milton Alves Santos]. – São Paulo : Ação Comunitária do Brasil - São Paulo, 2014

100 p. : il.

ISBN 978-85-66991-04-8

1. Educação de jovens. 2. Trabalhador jovem. 3. Jovens – Aspectos sociais. 4. Educomunicação. 5. Inclusão social. I. Barone, Claudia, ed. II. Santos, Milton Alves, ed. III. Título.

CDD 22.ed. – 374

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária Maria Fátima dos Santos / CRB-8 6818)

ÍNDICE

Sobre a Ação Comunitária	5
Prefácio	9
Apresentação	11
Introdução	21
1 Jovens e a Metodologia do Projeto de Vida	31
2 Educadores e a Metodologia do Projeto de Vida	37
3 Percorso formativo para a construção do Projeto de Vida	43
4 Reflexões a partir de atividades realizadas pelos Jovens	53
Considerações Finais	81
Anexos	85
Referências	95

SOBRE A AÇÃO COMUNITÁRIA

Fundada em 1967, a Ação Comunitária é uma organização sem fins lucrativos, criada e gerida por empresários, que luta contra a exclusão social em três frentes de atuação: o Centro de Desenvolvimento Integral, o Centro de Desenvolvimento Comunitário e o Centro de Orientação para o Trabalho. As atividades são realizadas de forma ampla e integrada por meio dos programas e projetos, guiadas com o objetivo de desenvolver o potencial do público atendido, capacitando-o para fortalecer suas competências e criar suas próprias oportunidades, em regiões de alta vulnerabilidade da cidade de São Paulo. Ao longo de 2013, foram realizados mais de 8400 atendimentos, considerando crianças, adolescentes, jovens, famílias, educadores e líderes comunitários.

A presente publicação é resultado dos trabalhos realizados com o apoio do Fundo Municipal da Criança e do Adolescente (FUMCAD), ao longo de 2013 e 2014, pelo Centro de Desenvolvimento Integral, que tem como objetivo melhorar a qualidade dos serviços socioeducativos, desenvolvendo tecnologias sociais no âmbito da assistência social, da cultura e da educação integral, assim como fortalecer as políticas de proteção social básica, para crianças e adolescentes de 0 a 18 anos.

O **Centro de Desenvolvimento Integral** atua executando vários programas de atendimento direto e indireto para crianças e adolescentes, como a **Formação Continuada de Educadores** que simboliza um importante ponto de encontro entre a Ação Comunitária e o público atendido; os programas **Crê-Ser** (de 6 a 15 anos) e **Preparação Para o Trabalho** (de 15 a 18 anos) que visam ampliar o autoconhecimento e as competências individuais de jovens e crianças, e colaborar para uma inserção positiva na vida produtiva. Todos os resultados das atividades realizadas com crianças e jovens são acompanhados por meio do Sistema de Avaliação de Mudanças e Impactos Sociais da **Ação Comunitária**.

A **Ação Comunitária** acredita que estas iniciativas, executadas de forma integrada com esforços do governo e da sociedade como um todo, contribuirão para a efetiva inclusão social das famílias, crianças e dos adolescentes.

Para saber mais acesse:

<http://www.acomunitaria.org.br/>

<https://www.facebook.com/acaocomunitaria>



“A gente não quer só comida
A gente quer comida
Diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída
Para qualquer parte...

A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer dinheiro
E felicidade

A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer inteiro
E não pela metade...

Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?”

(Comida, Titãs)



PREFÁCIO

Transformar sonhos em planos e planos em realidade é um dos maiores desafios da juventude. Ser um bom pai de família; bem sucedido nos estudos; um profissional conhecido e reconhecido; uma pessoa grata por oferecer condições de integridade e dignidade à própria família; uma pessoa alinhada com o senso de pertencimento à família humana; um ser humano capaz de alinhar seu projeto de vida (o que eu quero fazer com a minha vida?) com o seu propósito de vida: qual a minha missão de vida? Enfim, um jovem capaz de viabilizar-se como pessoa, cidadão e profissional, que não permita que o ter ou o parecer prevaleçam sobre o ser.

É com esse espírito que a equipe da **AÇÃO COMUNITÁRIA** lança a publicação que você tem em mãos: **Projeto de Vida**. Buscando “... ampliar o autoconhecimento e as competências individuais de crianças e jovens, e colaborar para uma inserção positiva na vida produtiva”. Este livro é uma ferramenta orientadora destinada a todo educador comprometido com a possibilidade de exercer uma influência construtiva e impactante na vida do jovem, ajudando-o a iniciar e a amadurecer o cumprimento de duas tarefas existenciais: ir ao encontro de si mesmo, plasmando sua identidade; e se lançar socialmente, edificando seu projeto de vida.

A concepção metodológica deste trabalho está estreitamente vinculada ao saber adquirido a partir da sistematização de um conjunto de experiências desenvolvidas pela **AÇÃO COMUNITÁRIA** e por seus parceiros. Trata-se de uma aposta concreta na realização dos sonhos e no potencial criativo, inventivo e transformador de nossa juventude, que não pode mais ficar alheia a sua realidade pessoal, social, política, econômica, cultural, ambiental e espiritual. A diretriz metodológica deste livro sinaliza, de modo criativo, objetivo e funcional, pistas teóricas e dicas práticas, abordando relevantes eixos temáticos, como: O que são e para que servem os direitos ao lúdico, à cultura, à informação e à participação do jovem? Como efetivá-los e de que forma criar uma ambiência favorável para trabalhá-los, pedagogicamente, ampliando os espaços e mecanismos da ação autêntica e protagonista do jovem como sujeito de sua própria história?

No texto e no contexto desta publicação, a nomenclatura “Educador” é utilizada em suas múltiplas abrangências cronológicas (aspecto temporal), ao longo de suas diversificadas possibilidades topológicas (aspecto espacial). Não importa a denominação: educador social, educador comunitário, educador popular, arte-educador, oficineiro, mestre, educador midiático, monitor ou instrutor. Todos

precisam atuar como educadores, em função de sua atitude básica diante da vida e do trabalho, demonstrando abertura, solidariedade, sensibilidade, altruísmo e compromisso para com a vida de cada educando com quem vive, convive, age e interage na dinâmica do processo educativo.

A dimensão do tempo (visão cronológica) nos remete à demanda de educação permanente. A construção e realização do projeto de vida do jovem é um processo articulado, incessante e insaciável, porque a verdadeira educação não se limita a satisfazer necessidades. Na verdade, ela cria novas e mais complexas necessidades para a vida do educando. O horizonte temporal da realização do projeto de vida do jovem, portanto, se confunde com a sua própria trajetória existencial.

A dimensão do espaço (visão topológica) também é re-dimensionada. Afinal, onde se encerra o território da ação educativa? O exercício das atividades formativas não tem limite espacial. O projeto de vida do jovem pode ser trabalhado em diversos lugares: dentro de casa, nas salas de aula, bibliotecas, escolas, parques ecológicos, feiras de conhecimento, unidades de cumprimento de medidas socioeducativas, nos abrigos, programas sociais e educativos, clubes poliesportivos, museus e muitos outros espaços. O limite para essa empreitada pedagógica, na realidade, é o limite da capacidade de sonhar, protagonizar, empreender e realizar do educando em relação à sua própria vida.

A garantia de direitos como base, a preparação do jovem para fazer escolhas construtivas, assertivas e bem fundamentadas em sua vida como meio, e o seu desenvolvimento integral como fim representam a equação-síntese deste precioso livro. Trata-se de uma publicação singular, que merece ser lida, relida, estudada, socializada e, acima de tudo, ter sua proposta pedagógica colocada em prática, para que a nossa juventude possa olhar com espe-

rança, alegria e otimismo para o futuro, transformando o cenário social, político, econômico, cultural e ambiental em que está inserida, como decorrência da modificação construtiva de seu próprio mundo interno: identidade, autoestima e autoconfiança, pela elevação dos níveis de autoconceito, autossuperação e autoprojeção.

O ato de influir no mundo externo, a partir da edificação de seu próprio mundo interno, é um movimento dialético que o jovem do século XXI, mais do que nunca, necessita e requer. Viver e conviver; protagonizar e empreender; agir e reagir; ensinar e aprender; conhecer e fazer diante da sua circunstância, sem abrir mão do significado (valor) e sentido (direção) que fundamentam sua existência, representa o cerne de toda ação educativa verdadeiramente imbuída do compromisso ético com a causa, da vontade política (disposição para fazer) e da competência técnica (fazer bem feito). Leia, ou melhor, procure estudar e apreciar a proposta pedagógica do livro *Projeto de Vida* **C_kglfmq n_p_m Bcqcl tmjtgkclrm glrcep_j**, exp_glbm suas valiosas lições teóricas e práticas. Não abra k čm bc viver essa emocionante aventura pedagógica!

*Alfredo Carlos Gomes da Costa**

* Pedagogo, especialista e consultor no campo do Desenvolvimento Social. Vasta experiência na publicação de livros voltados para o público jovem e no tema Projeto de Vida.

APRESENTAÇÃO | A METODOLOGIA DO PROJETO DE VIDA NO PROGRAMA PREPARAÇÃO PARA O TRABALHO

“A escolha, portanto pressupõe conflito e será mais segura se a existência do conflito for aceita e houver uma busca de informações a respeito de diversas alternativas; se levar em conta a história da pessoa (autoconhecimento) e o contexto em que ela se dá (econômico/social/político/cultural e tecnológico). Entretanto, tais conhecimentos não resolvem o dilema da escolha, que só se dará através de um profundo ATO DE CORAGEM. Este ato de coragem leva em conta o objetivo e o subjetivo, o racional e o emocional e propõe a elaboração de um projeto de intervenção sobre o passado pessoal e social visando o novo que o modifique, melhore ou o supere”.

Silvio Bock

Diante do investimento na estruturação e aplicação de metodologias a favor da inclusão social, a Ação Comunitária tem confirmado ao longo dos anos, que desenvolver *Projetos de Vida* com jovens significa auxiliá-los na formação de um olhar destemido, fundamentado e ampliado sobre o futuro.

Desta forma, desde 2004, a organização forma educadores para que apoiem jovens de 15 a 18 anos em atividades e vivências de autoconhecimento, bem como de análise de contexto, a fim de que transformem seus sonhos e desejos em planos estruturados, com clareza de intenções e procedimentos. Esse trabalho é desenvolvido em um dos Programas da organização chamado “Programa Preparação para o Trabalho (PPT)”.

O objetivo do PPT é preparar jovens para o mundo do trabalho na perspectiva do Projeto de Vida, o que significa propor estratégias baseadas no desenvolvimento integral do jovem. Assim, preparar para a vida produtiva significa, além de focar na aprendizagem para o mercado de trabalho, oferecer ao educando oportunidades para que ele se desenvolva na vida pessoal, profissional e social. À medida que o jovem investiga e reflete sobre estas áreas, percebe como estão integradas e é capaz de fazer escolhas mais conscientes e assertivas.

PARA REFLETIR



“O homem constitui-se em sua humanidade à medida que desenvolve sua capacidade de fazer escolhas e se lançar ao mundo, transformando-se e transformando-o, em busca de desenvolver projetos para atingir metas e satisfazer desejos pessoais e coletivos a partir de valores históricos, culturalmente situados e socialmente acordados”.

(MACHADO, 2000, p. 2)

Para fortalecer esse processo formativo, os educadores do PPT utilizam estratégias adequadas à faixa etária dos jovens atendidos, que valorizam a diversidade, a ampliação do repertório cultural e a construção de identidade.

Todo o trabalho é desenvolvido na perspectiva da *garantia de direitos*; desta forma, cada conjunto de estratégias é

vinculado a um direito correspondente, sempre tentando atender o desenvolvimento integral do educando.

Os direitos que serão abordados são: Direito à aprendizagem cognitiva; Direito à Informação; Direito à Participação e Direito ao Trabalho Decente.

Na prática, com o apoio dos educadores, os jovens realizam várias atividades de autoconhecimento, busca de informações, troca entre pares e análise de contexto, que os levam gradativamente a pensar em seu futuro. Nesse processo também há a participação dos familiares e de pessoas de referência do jovem.

Neste percurso percebeu-se que havia a necessidade de constituir um registro que representasse o trabalho desenvolvido. Assim, criou-se o portfólio do *Projeto de Vida*, que simboliza todo o processo formativo vivido pelo jovem. Ele é organizado com uma parte dos exercícios que os jovens realizam na formação e é dividido em três tempos: *passado, presente e futuro*.

As atividades relacionadas ao *passado* referem-se à investigação que o jovem faz de sua história de vida; no *presente*, ele faz reflexões para descobrir “Quem sou eu” e, em relação ao *futuro*, constrói planos de ação nas áreas familiar, educacional, profissional e social.

Esse processo é norteado por dois métodos facilitadores: *Imaginação Sociológica* e *Cartografia*. Ambos os métodos embasam e direcionam as atividades que compõem o portfólio. Por meio deles, o jovem desenvolve a capacidade de realizar uma leitura de mundo mais abrangente, a partir de situações que num primeiro momento dizem respeito somente ao âmbito privado.

Como foi mencionado, a abordagem utilizada na metodologia do Projeto de Vida é a *garantia de direitos* e, ao estabelecê-la, a Ação Comunitária pretende contribuir com o desenvolvimento integral dos jovens. Nesta perspectiva, a ação de escolher relaciona-se a essa garantia e

deve ser empreendida num contexto integrado. Ou seja, fazer escolhas em determinado campo não é uma tarefa isolada das demais áreas da vida de um indivíduo, já que o jovem da escola é o mesmo que trabalha, que frequenta projetos sociais e que convive com a família e com o grupo de amigos. Assim, construir e assegurar planos de futuro requer a articulação não somente de várias informações e conhecimentos, mas a conexão de uma gama de direitos.

Vale lembrar que no caso da metodologia do Projeto de Vida esses direitos são: Direito à aprendizagem cognitiva; Direito à Informação; Direito à Participação e Direito ao Trabalho Decente.

À medida que o jovem constrói o portfólio do Projeto de Vida obtém informações e desenvolve habilidades que facilitam a apropriação desses direitos.

A abordagem vinculada aos direitos¹ reconhece que os jovens e adolescentes são sujeitos de direitos¹. Isso é, são aquelas pessoas a quem a lei – em sentido amplo – atribui direitos e obrigações, aqueles cujo comportamento se pretende regular (Cantisano, 2010:01). A legislação brasileira atribui aos adolescentes a condição de pessoas em desenvolvimento, isso implica que a eles é reservada prioridade no âmbito das políticas sociais, pois se reconhece que, uma vez não ofertadas as melhores condições, a sociedade como um todo põe em risco seu objetivo de desenvolver, plenamente, as futuras gerações.

Partindo daquela abordagem, a metodologia do Projeto de Vida é vista pela Ação Comunitária como uma forma de promover o desenvolvimento pleno de adolescentes e jovens brasileiros. A associação entre os direitos já citados resulta no que chamamos de *Direito ao Projeto de Vida*.

Com o intuito de apoiar os educadores no desenvolvimento da metodologia, a Ação Comunitária criou

¹CANTISANO, Pedro J. Quem é o sujeito de direito? A construção científica de um conceito jurídico. Direito. In: *Estado e Sociedade*, n.37, p. 132-151. jul/dez 2010.

descritores de processo que detalham os atributos das ações formativas coerentes com cada um dos *direitos*. Eles são apresentados a seguir.

Direito à aprendizagem cognitiva (leitura, escrita, matemática, oralidade):

O Direito à aprendizagem cognitiva aborda os campos da leitura, da escrita, da oralidade, da matemática e do raciocínio lógico. Partindo da proposta de inclusão social é fundamental que estes campos sejam trabalhados por meio de estratégias na perspectiva do letramento e numeramento, o que viabiliza oportunidades, para que os jovens se desenvolvam, a partir de situações de aprendizagem às quais atribuem sentido.

DESCRITORES: Direito à aprendizagem cognitiva (leitura, escrita, matemática, oralidade)

1. Os jovens atribuem sentido às oportunidades de letramento e numeramento oferecidas pelos educadores.
2. Os jovens relacionam as atividades de letramento e numeramento ao Projeto de Vida.
3. Há momentos planejados e de troca para a prática da leitura.
4. Os textos produzidos pelo jovem são objeto de trabalho dos educadores.
5. Os jovens exercitam a matemática básica e o raciocínio lógico, por meio de atividades pautadas na Educação Financeira.
6. Os jovens realizam atividades que relacionam os conteúdos de leitura e escrita, matemática básica e raciocínio lógico à informática educativa.
7. Os jovens realizam debates, rodas de conversa e

outras atividades coletivas que permitem o desenvolvimento da oralidade.

8. Os jovens utilizam jornais e revistas nas atividades de leitura, escrita e oralidade.
9. Os jovens participam dos jogos teatrais, reconhecendo-os como estratégia para desenvolverem o autoconhecimento, a autoconfiança e a oralidade, assim como para que ampliem seus repertórios culturais.
10. As atividades de informática educativa são atrativas e planejadas de maneira coerente com os fundamentos da metodologia.
11. Os jogos educativos e o acervo de livros sempre estão acessíveis e organizados.

Direito ao acesso à informação:

Direito à informação refere-se ao acesso a conteúdos diversos de forma sistematizada e autônoma, numa proposta de ampliação de conhecimento e de desenvolvimento de visão crítica, para que o jovem tenha mais subsídios nas relações com o mundo e nas tomadas de decisão. Ao acessar mais informações, o educando poderá relacioná-las, refletindo sobre elas e transformando-as em conhecimento, o que o empodera como sujeito e cidadão. Para que esse direito seja assegurado, é fundamental que as condições e os recursos que permitem o acesso à informação sejam garantidos.

DESCRITORES: Direito ao acesso à informação

1. O jovem estabelece a relação entre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o Estatuto da Juventude e seu Projeto de Vida.
2. O jovem conhece as políticas de acesso ao ensino superior e estabelece relação entre estas e seu Projeto de Vida.

ATIVIDADES DO PROJETO DE VIDA: Desenhos elaborados pelos jovens



Produção dos jovens:
Gabriel Silva, 16 anos
Andressa Aguiar, 16 anos
Rafael Santos, 16 anos
Evelyn Herrera, 16 anos
Messias da Cruz, 17 anos

3. O jovem demonstra curiosidade e envolvimento nas atividades realizadas nos espaços e equipamentos culturais.
4. O educador cria momentos para que jovens possam buscar informações de maneira autônoma.
5. As atividades propostas pelos educadores abrangem estratégias que incluem diferentes meios de comunicação: jornal, revista, celular, Internet.
6. Os jornais, revistas e livros são bem conservados e estão acessíveis aos jovens permanentemente.
7. O jovem utiliza correio eletrônico (e-mail).
8. O Plano de Ação do portfólio do Projeto de Vida expressa a relação entre as informações acessadas pelos jovens e suas escolhas.
9. O jovem apresenta e faz uma leitura crítica das informações que acessa e as utiliza em seu Projeto de Vida.
10. O espaço das atividades de informática educativa é adequado e organizado.

Direito à Participação:

O Direito à participação refere-se ao desenvolvimento dos jovens como sujeitos participativos em situações de interesse coletivo. Por meio de competências necessárias ao convívio e à democracia, os educandos conseguem perceber situações que os afetam direta ou indiretamente e como estas impactam no mundo em que vivem. A partir destas percepções, os jovens têm atitudes e constroem planos que consideram o bem comum. A viabilização deste cenário demanda maior investimento em estratégias que promovam reflexão, posicionamento e atitudes dos jovens frente às questões coletivas.

DESCRIPTORIOS: Direito à Participação

1. Os jovens elaboram o “Contrato de Convivência” e o reconhecem como critério de convívio durante todo o processo formativo.
2. As atividades produzidas pelos jovens são valorizadas e expostas no espaço da organização.
3. O educador valoriza e respeita as diversas opiniões e pontos de vista dos jovens, criando espaços (rodas de conversa, debate e fóruns) para que estes sejam ouvidos.
4. Os jovens são estimulados a terem seus pares como fontes de aprendizagem e de informação.
5. Os jovens expressam suas opiniões sobre questões de ordem pública nas redes sociais.
6. Os jovens são envolvidos em ações de mapeamento do bairro, identificam recursos e desafios, propondo intervenções (Ação Protagonica).
7. A Ação Protagonica é escolhida pelos jovens de forma autônoma a partir de seus interesses coletivos.
8. Há oportunidades para que os jovens possam conhecer e acessar as ferramentas de participação na vida pública.
9. Os jovens são envolvidos nas decisões sobre a programação educativa.
10. Os jovens são estimulados fortemente a participar de atividades culturais, esportivas, políticas e formativas em geral.

Direito ao Trabalho Decente:

O Direito ao trabalho decente refere-se ao conhecimento do jovem sobre o mundo do trabalho e seu preparo para que inicie a vida profissional de forma consciente, sendo capaz de avaliar as oportunidades de ocupação e relacioná-las com seu Projeto de Vida.

Diante de um mercado de trabalho que exige cada vez mais, é fundamental que os jovens sejam providos com dados de realidade, para que tenham consciência das defasagens a serem enfrentadas e das potencialidades a serem exploradas. Esse processo precisa ter como premissa e ser permeado pelas prioridades do trabalho decente, que combinam a inserção profissional com elementos como: a valorização dos estudos, o reconhecimento e a aplicação da legislação vigente, o posicionamento político e oportunidades dignas de emprego e trabalho. Tais prioridades fazem parte do documento *Agenda Nacional do Trabalho Decente para a Juventude*, concluído em outubro de 2010.

DESCRIPTORIOS: Direito ao Trabalho Decente

1. São criadas oportunidades para que os jovens conheçam a legislação trabalhista e a agenda do trabalho decente.
2. Os jovens dispõem de atividades planejadas, nas quais podem dialogar sobre o mundo do trabalho.
3. O jovem tem acesso a atividades que apresentem os setores e segmentos da economia, assim como diferenciam o mercado formal e informal de trabalho.
4. Os jovens realizam atividades que propõem a reflexão entre as exigências do mundo de trabalho e as prioridades da Agenda de Trabalho Decente.
5. Os jovens aproveitam as vivências previstas (Visita à empresa e Simulado do Processo

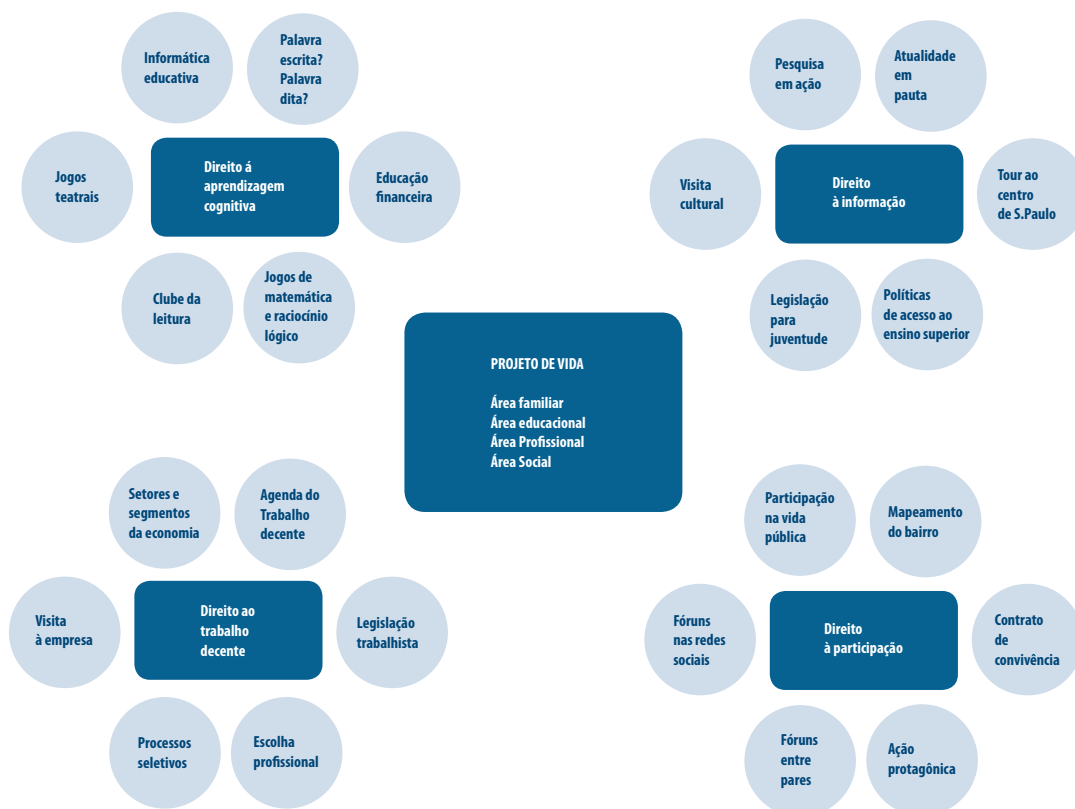
Seletivo) na metodologia para ampliar seus repertórios e rever suas posições sobre o mundo trabalho.

6. O jovem elabora um currículo objetivo e adequado utilizando-o no Simulado do Processo Seletivo.
7. O jovem investiga as profissões de seu interesse e é capaz de identificar as habilidades necessárias para praticá-las.
8. Os jovens assumem como valor articular oportunidades de trabalho e estudo como desenvolvimento profissional.
9. O Plano de Ação do portfólio do Projeto de Vida expressa o processo de autoconhecimento do jovem nas escolhas relacionadas à área profissional.
10. O jovem registra o caminho necessário para alcançar sua escolha profissional no Plano de Ação do portfólio do Projeto de Vida.

Para cada direito mencionado, a metodologia prevê um conjunto de estratégias que facilitam o desenvolvimento do jovem atendido e seu canal de comunicação com os educadores. Os diferentes conteúdos e estratégias se inter-relacionam ao longo do processo formativo, o que é coerente com a proposta integrada do Projeto de Vida.

Segue o Fluxograma do Projeto de Vida, com os quatro direitos e suas respectivas estratégias:

Fluxograma da metodologia do Projeto de Vida



O papel do gestor socioeducativo na implementação da metodologia do Projeto de Vida

Mais um aspecto importante no desenvolvimento da metodologia do Projeto de Vida é o contexto de parceria em que ela é aplicada. Durante o percurso formativo do jovem, a Ação Comunitária conta com organizações sociais para garantir as condições necessárias para o desenvolvimento das atividades propostas. O representante de cada organização parceira, chamado de gestor socioeducativo, não se responsabiliza somente pelas questões institucionais, de infraestrutura e operacionais, mas também assume um papel de formador, à medida que atua conjuntamente com os educadores em vários momentos da formação dos jovens.

Para a Ação Comunitária, o gestor tem papel fundamental na proposta socioeducativa, ele é o principal

responsável pelos processos de execução da proposta metodológica realizados pelos educadores sociais junto aos jovens e suas famílias. É sua função identificar as especificidades do trabalho na comunidade onde atua, o perfil das famílias, as principais necessidades dessa população e buscar alternativas para o enfrentamento e superação dos desafios postos à prática socioeducativa na instituição que representa.

O apoio do gestor aos educadores sociais ao longo do processo formativo e a articulação entre ambos favorece o desenvolvimento da metodologia do Projeto de Vida, principalmente na área social, cujo foco é a formação do educando como cidadão participativo e autônomo. Ele subsidia os educadores com informações da comunidade e medeia as ações formativas que são direcionadas ao território.

ATIVIDADES DO PROJETO DE VIDA: Capas dos portfólios elaborados pelos jovens



Produção dos jovens:
 Sheila A. Matos, 19 anos
 Rafael Nascimento, 17 anos
 Bruna A. Oliveira, 17 anos
 Larissa Dantas, 15 anos
 Samantha Barbosa, 17 anos
 Jaqueline Soares, 16 anos
 Vanessa F. Santos, 18 anos
 Jéssica S. Santos, 17 anos

Nessa perspectiva, educador e gestor desenvolvem um trabalho compartilhado a favor do protagonismo juvenil.

Com o intuito de detalhar o papel do gestor, seguem aspectos importantes para que a metodologia do Projeto de Vida tenha bom êxito:

1. O gestor compartilha da concepção de juventude da Ação Comunitária: *desenvolvimento integral de jovens*, como sujeitos de direitos que demandam oportunidades para o fortalecimento da autonomia e para a construção de Projeto de Vida.

É essencial que o gestor compartilhe da mesma concepção de juventude apresentada pelas propostas da Ação Comunitária, pois é a partir de tal perspectiva que encontrará motivação e engajamento para apoiar a equipe e criar condições favoráveis para o êxito do trabalho socioeducativo.

2. O gestor se reconhece como facilitador do processo socioeducativo.

Como já citado acima, a principal função do gestor é apoiar a equipe na realização das propostas metodológicas junto aos jovens. Por esse motivo, deve compreender e saber gerir processos, a fim de organizar e otimizar o trabalho em equipe. Deve também ter conhecimento sobre gestão de pessoas, sabendo lidar e potencializar o trabalho com diferentes perfis humanos, motivar a equipe, mediar processos de aprendizagem e conduzir o diálogo entre a organização social e os diversos atores sociais com os quais se relaciona.

3. O gestor participa ativamente da implementação da metodologia, apoiando os educadores no planejamento e nas ações junto aos jovens.

É fundamental que o gestor compreenda a proposta metodológica e saiba apoiar a equipe de educadores nas ações a serem realizadas junto aos jovens. É sua função criar

ambiente favorável para a efetivação das propostas, isso implica garantir recursos (materiais, infraestrutura física, organização dos espaços), atuar como facilitador nos processos de apropriação da metodologia, promovendo o alinhamento conceitual e o bom relacionamento em equipe.

4. O gestor planeja e executa os encontros com as famílias, juntamente com os educadores, de acordo com os objetivos da metodologia do Projeto de Vida.

A Ação Comunitária declara como premissa, em sua proposta metodológica socioeducativa de proteção social e desenvolvimento integral de jovens, atuar de maneira compartilhada com famílias, visando favorecer os processos de fortalecimento do protagonismo social dos vínculos familiares e comunitários. Para isso, se faz necessário que o gestor, juntamente com a equipe socioeducativa, elabore um plano, visando estabelecer um diálogo contínuo com esse público, por meio de encontros a serem realizados com frequência mensal ou bimestral com enfoque formativo, criando um ambiente acolhedor de maneira a aproximar as famílias da organização comunitária. Para a realização desse trabalho, o gestor deve focar nos talentos e recursos locais e atuar junto às famílias, de maneira que elas reconheçam seus talentos, suas capacidades, sentindo-se mais empoderadas e tornando-se mais participativas em suas comunidades.

5. O gestor estabelece parcerias com a comunidade local, que favorecem a qualificação das ações com os jovens.

Para a Ação Comunitária, os espaços socioeducativos devem atuar como grandes fomentadores de redes destinadas à proteção social dos jovens. Cabe ao gestor da unidade identificar as principais instituições e atores locais, que podem ser acessados e articulados a fim de promover oportunidades de desenvolvimento, proteção e bem-estar a esse público.

6. O gestor se compromete com as demandas operacionais e administrativas que viabilizam o funcionamento

das ações socioeducativas (disponibilização de tempos e espaços para a realização da formação contínua da equipe, produção de relatórios e organização de dados para avaliação de resultados)

Para disseminar suas metodologias de proteção social e apoiar as organizações parceiras no aprimoramento do trabalho socioeducativo junto aos jovens e famílias, a Ação Comunitária realiza processos de assessoria que envolvem: encontros de formação de educadores, supervisões in loco e monitoramento por meio de relatórios avaliativos dos processos e resultados. Para efetivação desses processos, conta-se com o gestor da organização parceira, para que se comprometa a viabilizar essa proposta, articulando-se com a equipe de educadores e lideranças comunitárias.

7. O gestor planeja e executa paradas técnicas para alinhamento, formação e planejamento socioeducativo junto à equipe de educadores.

Para garantir o alinhamento e envolvimento de toda a equipe, em relação à proposta metodológica, espera-se que o gestor organize paradas técnicas mensais, envolvendo todos os educadores. Esse momento é essencial para que cada membro do grupo possa socializar seus desafios, buscar maior clareza sobre sua função, atuar na procura de soluções conjuntas, compartilhar objetivos, planejar novas ações, avaliar processos e resultados.

8. O gestor controla a frequência e a evasão dos jovens, juntamente com os educadores, realizando o contato presencial e a distância com as famílias, sempre que necessário.

Os jovens e suas famílias enfrentam desafios cotidianos que refletem em seu desempenho e permanência nas atividades socioeducativas. Por esse motivo é importante que o gestor mobilize sua equipe em ações preventivas que envolvam: observação e escuta dos jovens, consulta às famílias em caso de faltas frequentes, desinteresse ou outros fatores que possam acarretar a evasão.

PARA REFLETIR



No evento de finalização do Programa, conversei com a mãe de uma jovem, que faltou no emprego para participar deste encontro de fechamento com jovens e familiares. Fiquei emocionada com seu depoimento:

“Eu me surpreendi com minha filha, pois está responsável, inclusive melhorou na escola. Eu já não acreditava mais na minha filha e hoje consigo vê-la de outra forma”.

Rejane da Silva, gestora da organização Frei Tito de Alencar Lima – Unidade Cidade Júlia.

Na tentativa de contribuir com políticas públicas voltadas para o desenvolvimento integral de jovens, a Ação Comunitária tem investido na sistematização de suas metodologias, a fim de aportar os saberes e práticas que adquiriu ao longo dos anos. Acredita que esta empreitada somente se tornará realidade, se puder contar com uma rede de parceiros que se empenhem pela mesma causa.

Boa leitura!

INTRODUÇÃO



INTRODUÇÃO | PELO DIREITO AO PROJETO DE VIDA



Cada ser humano nasce com um potencial e tem direito a desenvolvê-lo. Mas, para isso acontecer, ele precisa de oportunidades. E as melhores oportunidades são as educativas, que preparam as pessoas para fazerem escolhas. E isso eu chamo de liberdade”.

Antonio Carlos Gomes da Costa

Projeto de Vida e Direitos dos Adolescentes e Jovens

A atual concepção política e social sobre a área da infância e adolescência se alicerça na garantia de direitos e no desenvolvimento integral das crianças e dos adolescentes, coerentemente com o que foi definido pela Constituição Federal de 1988.

Foi expressivo o movimento de defesa da doutrina de proteção integral das crianças e dos adolescentes. O tema foi o que mais recebeu emendas ao anteprojeto apresentado pelos parlamentares antes de definido o texto final da Constituição Federal de 1988. O país vivia uma época de efervescência política que resultou em algo significativo: crianças e adolescentes passaram a ser vistos como “agentes de direitos” ou “sujeitos de direitos”. Assim, eram merecedores de uma lei que abrangesse de forma geral todos aqueles que fossem vistos como crianças e adolescentes. Logo, em 1989 foi aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) pelo Congresso Nacional.

De acordo com Gomes da Costa, especialista em desenvolvimento social por meio da garantia de direitos na infância e na juventude, o ECA é um marco legal na “promoção, defesa e atendimento dos direitos da infância e da juventude”. Ele aponta três aspectos relevantes do documento que o caracterizam como inovador no que se refere à mudança de

olhar em relação a este público. O primeiro associa a nova lei a um “movimento mais amplo de melhoria, ou seja, de reforma da vida social”, do qual fizeram parte pessoas de diferentes áreas, que tinham em comum a “condição de reformadores sociais em torno da luta dos direitos da criança”.

PARA REFLETIR



“O Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

(Redação dada pela Emenda Constitucional n° 65, de 2010)

Constituição da República Federativa do Brasil

O segundo aspecto se refere ao reconhecimento dos direitos da criança e do adolescente como um valor ético e universal, em contraposição às formas de “corporativismo, de elitismo, basismo, dogmatismo religioso ou ideológico e de partidarismos de toda e qualquer espécie”.

PARA REFLETIR



“Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

Art. 1º. Esta lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

Art.2º. Considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até 12 anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre 12 e 18 anos de idade.

Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre 18 e 21 anos de idade.

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 6º Na interpretação desta Lei levar-se-ão em conta os fins sociais a que ela se dirige, as exigências do bem comum, os direitos e deveres individuais e coletivos, e a condição peculiar da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento”.

Estatuto da Criança e do Adolescente

O terceiro aspecto refere-se a “*articulação direito-dever que perpassa todo o corpo do Estatuto*”.

Por fim, ele afirma que a “*condição peculiar de desenvolvimento da criança e do adolescente*” mencionada no Estatuto, pode ser “*somada à condição jurídica de garantia de direitos e à condição política de absoluta prioridade*”².

Dentre os artigos do Estatuto podemos destacar o 53, que de forma bastante clara descreve que todo adolescente tem “*direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho*”. É necessário compreender o sentido de seus dizeres. A cidadania e a preparação para o mercado de trabalho podem ser garantidas de maneiras diferentes? Sim. E como pensar em algo capaz de assegurar princípios tão amplos? Não fica parecendo que garantias desse tipo se perdem na falta de uma forma consistente de vê-las funcionando na prática? Parece que sim. Sobretudo porque ainda temos desafios culturais em relação ao que a lei declara.

Outro referencial legal que orienta nosso trabalho com jovens é a LOAS - LEI ORGÂNICA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL, que coloca a assistência social como direito do cidadão e dever do Estado, especialmente em seu artigo 2º, que estabelece como um dos objetivos da assistência social “*a promoção da integração ao mercado de trabalho*”. Para a Ação Comunitária esta integração ao mercado de trabalho deve ser entendida como integração ao “*mundo do trabalho*”, sendo este o conceito mais amplo e adequado aos desafios e demandas da juventude.

Ao propor estratégias que facilitem a reflexão dos jovens sobre seu projeto de vida profissional, a Ação Comunitária contribui para que esta integração ocorra na perspectiva do desenvolvimento integral e do trabalho decente.

² COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *Natureza e implantação do novo Direito da Criança e do Adolescente*. In: PEREIRA, Tânia da Silva (Coord.). *Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei 8.069/90: estudos sociojurídicos*. Rio de Janeiro: Renovar, 1992.

O Estatuto da Juventude, sancionado em 5 de agosto de 2013, tornou-se mais uma referência para o trabalho da Ação. Ele dispõe sobre os direitos dos jovens (pessoas de 15 a 29 anos de idade), os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude.

PARA REFLETIR



“ Lei 12.852, de 05 de agosto de 2013.

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE.

§ 1º Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.

§ 2º Aos adolescentes com idades entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos aplica-se a Lei 8.069 de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, e excepcionalmente, este Estatuto, quando não conflitar com as normas de proteção integral do adolescente.

Art. 4º O jovem tem direito à participação social e política e à formulação, execução e avaliação das políticas públicas de juventude
Estatuto da Juventude

juventude. Esse eixo se traduz na prática por estratégias pedagógicas que promovem o desenvolvimento das aprendizagens relacionadas à convivência, respeito à diversidade e participação na vida pública da comunidade e da própria cidade.

Com o objetivo de propor uma alternativa a essa necessidade de “ver a lei funcionando na prática”, a Ação Comunitária apresenta aqui uma proposta metodológica capaz de elevar as oportunidades aos jovens para que tenham contato com os princípios da cidadania e com a preparação para o trabalho. A preocupação da organização com tais aspectos resultou na criação de estratégias cujo objetivo central é “promover conhecimentos, habilidades e atitudes que contribuam para o pleno desenvolvimento e inclusão social do público atendido”. É dessa forma que nossa organização procura viabilizar a consecução das leis citadas.

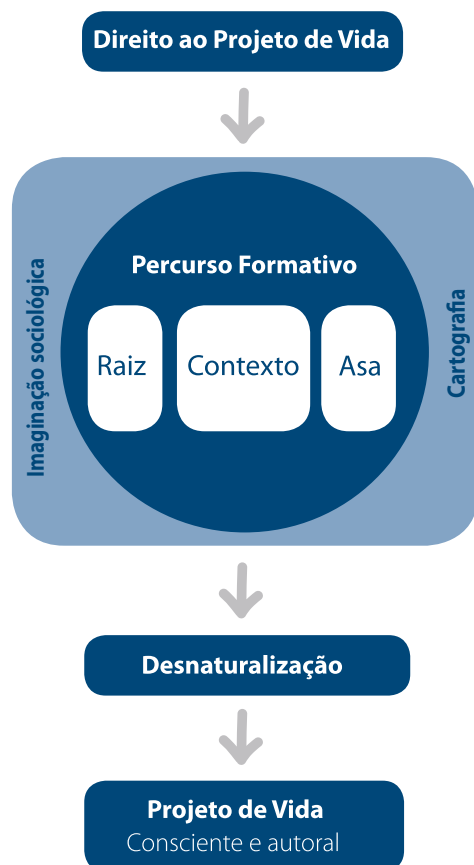
A proposta metodológica apresentada pela Ação Comunitária é resultado de um processo de longos anos de pesquisas e experimentações que queremos compartilhar sistematizando esses saberes acumulados.

A centralidade dessa proposta é baseada no que chamamos de “Direito ao Projeto de Vida”, pois entendemos que esse direito é intrínseco aos princípios explicitados no artigo 53 do ECA, na LOAS e no Estatuto da Juventude, portanto a todos os indivíduos nessa faixa etária. O Projeto de Vida garante ao jovem planejar ações futuras pautadas em princípios éticos e de cidadania. Mas isso não é fácil! Pois demanda um percurso formativo intenso, que promova o autoconhecimento e a capacidade de leitura de contexto, favorecendo o olhar do jovem sobre si mesmo e para o mundo que o cerca, tornando-o capaz de tomar decisões mais conscientes e autorais, o que é fundamental para o desenvolvimento pessoal, social e profissional. Como fruto do processo formativo, cada jovem organiza um portfólio das atividades desenvolvidas chamado “Projeto de Vida”.

Dentre esses direitos destacamos o artigo 4º, que versa sobre o direito à participação social e política dos jovens, eixo central e princípio do trabalho da Ação Comunitária desde que começou seus projetos com

O jovem se apropriando de seus direitos

Todo jovem tem *Direito a um Projeto de Vida* pessoal, social e profissional que contemple as suas perspectivas de futuro, possibilitando seu pleno desenvolvimento. Tendo esta afirmação como pressuposto, propomos um percurso formativo, que denominamos - *Raiz, Contexto, Asa*, que é apoiado por dois métodos facilitadores, a *Imaginação Sociológica* e a *Cartografia*. Durante o percurso formativo, estes métodos promovem a *desnaturalização* das relações, dos contextos, das ideias e dos valores socialmente aceitos, o que é fundamental para que os jovens elaborem projetos de vida conscientes e autorais. No decorrer do processo o jovem se apropria de seus direitos à medida que amplia seu universo de informações, interpretando-as e utilizando-as, de forma propositiva, em suas reflexões e escolhas. Abaixo esquema representativo da proposta metodológica:



Imaginação Sociológica e Cartografia, métodos facilitadores do Projeto de Vida

Durante o percurso formativo *Raiz, Contexto, Asa*, que será detalhado mais à frente, os métodos *Imaginação Sociológica* e *Cartografia* são fundamentais. Essas duas ferramentas metodológicas são aplicadas de forma entrelaçada no processo de formação, contribuindo decisivamente para que o jovem construa de maneira mais estruturada seu Projeto de Vida. À medida que os jovens realizam atividades baseadas nos dois métodos, apresentam mudança no modo de pensar e agir sobre o mundo em que vivem. Esta transformação pode ser visualizada em novas atitudes demonstradas por eles ao longo do percurso formativo, em diferentes níveis.

A primeira ferramenta foi pensada pelo sociólogo norte-americano Charles W. Mills e é definida como “*Imaginação Sociológica*”. A centralidade desse método se traduz no desenvolvimento da capacidade do indivíduo de compreender sua vida e suas relações a partir da análise de contextos sociais e históricos. Por meio dessa estratégia é possível compor uma visão mais realista do mundo à sua volta, possibilitando que os jovens compartilhem outras leituras da realidade, atribuindo sentidos mais amplos a contextos, relações e fenômenos sociais.

PARA REFLETIR



“A imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida (...) permite-lhe levar em conta como os indivíduos, na agitação de sua experiência diária, adquirem frequentemente uma consciência falsa de suas posições sociais.

Charles Wright Mills

No entanto, seria simples desenvolver essa nova percepção das conjunturas? Trata-se, portanto, de um exercício de paciência histórica e pedagógica no processo de ensino-aprendizagem, como dizia Paulo Freire, “a vida de todos e de cada um encontra-se entrelaçada, no passado, no presente e no futuro”.

“Assim, para a construção de um Projeto de Vida mais consciente nos parece fundamental a capacitação desses jovens para melhor compreenderem a “si mesmos, seus valores e sua realidade (Mills, 1959). E os métodos propostos se mostram capazes de reduzir distorções e afastá-los dos pensamentos característicos do senso comum, que reduzem a possibilidade de compreensão da vida social e criam obstáculos para significativas parcelas da juventude.”³

SAIBA MAIS



Novas atitudes dos jovens resultantes do método Imagem Sociológica

- Demonstram segurança ao manifestarem suas ideias e opiniões.
- Descrevem-se de forma positiva, demonstrando autoestima fortalecida.
- Investem no autodesenvolvimento.
- Demonstram curiosidade, fazendo perguntas sobre os fatos pesquisados.
- Percebem-se como sujeitos de uma sociedade (parte de um todo).
- Fazem “leitura de conjunturas” a partir da compreensão de si e de seus pares.

AÇÃO COMUNITÁRIA. *O Jovem e seu Projeto de Vida: metodologia da Ação Comunitária para o desenvolvimento integral do jovem*. São Paulo, 2013, p. 28.

A Imaginação Sociológica se correlaciona e se complementa com a Cartografia potencializando a capacidade do jovem em criar, produzir e intervir no mundo.

A Cartografia propõe uma investigação do território a partir da sua história, da sua realidade e das relações sociais estabelecidas no passado e no presente. A ideia é que os jovens se transformem em ‘fazedores de perguntas’, investigando sua comunidade a partir de novas lentes, identificando as fragilidades, as potencialidades e desafios, relacionando-os com um contexto social mais amplo. De maneira bem simples, a cartografia pode nos ajudar a não banalizar o olhar sobre nosso cotidiano, distinguindo o olho que vê e o olho que percebe. Ao sair de casa e nos depararmos com meninos de rua ou catadores de papelão, podemos até nos indignar num primeiro momento, no entanto, depois que essa cena passa a fazer parte da paisagem social, ela deixa de nos afetar. Desenvolvemos um olhar alienado, que vê não vendo, que não questiona ou procura entender, e que sequer desperta curiosidade. A Cartografia propõe algo desafiador, ver aquilo que vemos todos os dias como se fosse a primeira vez.

PARA REFLETIR



A cartografia é um processo de produção de conhecimento, expresso por um conjunto de informações objetivas e subjetivas, que propõe o diálogo e a combinação entre as experiências, interesses, desejos e saberes e as possibilidades de criar, inventar e intervir. A investigação cartográfica busca acompanhar a vida nos seus movimentos e onde ela está acontecendo, onde circulamos, vivemos, aprendemos, produzimos e nos relacionamos. (Gouveia, 2006)

³ AÇÃO COMUNITÁRIA. *O Jovem e seu Projeto de Vida: metodologia da Ação Comunitária para o desenvolvimento integral do jovem*. São Paulo, 2013, p. 28.

A Cartografia permite que os jovens se apropriem da cultura local, “reconhecendo a diversidade com que os espaços são ocupados e geridos, possibilitando aos ‘jovens pesquisadores’ que reflitam sobre suas práticas, alterando as próprias maneiras de ver, sentir, pensar e perceber seu entorno e o mundo.”⁴

Apesar de a Cartografia propor ações concretas como, por exemplo, o mapeamento do bairro, ela também mobiliza a subjetividade dos jovens provocando lembranças, sentimentos de pertença ou negação e desejos de mudança. Tais desejos impactam decisivamente nas suas reflexões sobre seu projeto de vida. Ao mesmo tempo, vai construindo sua identidade pessoal, profissional e social na busca por uma inserção consciente na sociedade e no mundo do trabalho, ou seja, como um sujeito de direito.

SAIBA MAIS



Novas atitudes dos jovens resultantes do método Cartografia

- Apresentam visão crítica e ampliada em relação às questões sociais.
- Identificam ativos e necessidades da comunidade.
- Estabelecem vínculos entre situações da comunidade, questões divulgadas na mídia e fatos históricos.
- Percebem-se como sujeitos de transformação na comunidade em que vivem.
- Propõem ações de intervenção para a melhoria da comunidade.
- Acessam canais de participação e reivindicação.

A associação dessas duas ferramentas metodológicas, com características acentuadamente práticas, coloca o jovem em contato com seus respectivos mundos de forma mais clara e consciente. Torna-o crítico de sua realidade, observador de seu mundo, de suas chances, de suas oportunidades e de seus respectivos futuros. Esse cenário o leva a desnaturalizar sua história de vida, as situações que vive e suas escolhas. O resultado desse cálculo contribui de forma marcante para a construção de um projeto de vida consistente e condizente com o desafio central de seus direitos: o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho.

A desnaturalização como resultado dos métodos facilitadores do Projeto de Vida

É frequente o uso da expressão: “*Isso é natural*, é assim mesmo...” ou então: “Sempre foi assim, não vai mudar”... Essas expressões nos remetem à ideia de algo que sempre foi e será da mesma forma, e nunca mudará, independente da época e do lugar. É por isso que também ouvimos expressões como: “*É natural que exista a corrupção ou a desigualdade social, pois sempre foi assim*”. Este tipo de pensamento considera que os fenômenos sociais são naturais, e não leva em conta que são constituídos social e historicamente.

Desnaturalizar é *historicizar* as questões sociais ou pessoais de nosso dia a dia. E para fazer isso é necessário internalizar este modo de olhar e observar, este padrão mental de observação que consiste em estranhar e questionar fenômenos sociais e individuais que parecem corriqueiros. Questionar tais fenômenos significa fazer perguntas para conhecê-los, mesmo que nos pareçam familiares: “*Por que isso ocorre?*” “*Sempre foi assim?*” “*É algo que só existe agora?*” “*A quem interessa isso?*”.

A partir da perspectiva do percurso formativo aqui proposto, a análise dos fenômenos sociais será realizada a partir da imaginação sociológica. Desse ponto de vista, os

⁴ Ibid. p. 21.

fenômenos sociais só podem ser compreendidos na sua perspectiva relacional, ou seja, nenhum fenômeno pode ser entendido isoladamente; há que se considerar que a explicação de um determinado fenômeno se dá a partir da análise simultânea de diferentes dimensões da vida em sociedade (política, econômica, histórica, religiosa).

À medida que desnaturalizarmos o mundo em que vivemos, nos desenvolveremos como sujeitos politizados, capazes de compreender a dinâmica das relações nas diferentes culturas e na sociedade em geral. No decorrer desse processo aprofundaremos nossa capacidade de realizar a leitura crítica de mundo, imaginando-o por meio de outras lentes, distintas daquelas que frequentemente utilizamos.

Estranhar situações conhecidas, inclusive aquelas que fazem parte da experiência de vida do jovem, é uma condição necessária para ir além do senso comum e poder analisar criticamente a realidade, bem como sair da aceitação e resignação. Portanto, estranhar é uma atitude que se propõe a conhecer a realidade social ou a si mesmo como observador, que “olha de fora”, e não como se fizesse parte dela.

Ao estranhar e historicizar, portanto, o jovem desnaturaliza e desconstrói a ideia de que as coisas ou pessoas são como são, que não haveria outro modo de ser! Na proposta metodológica aqui apresentada, esse jeito de pensar é resultado da prática da Imaginação Sociológica e das ações de Cartografia. Esses métodos contribuem para a diminuição da sensação de impotência vivida pelos jovens em situações sociais desfavoráveis, na busca da produção de um sentimento de pertencimento e potência. Desse modo, suas escolhas e projetos tornam-se mais genuínos, críticos e contextualizados, privilegiando a singularidade, mas também com um olhar para o coletivo e mais cidadão.

Nossa aposta é que, por meio de atividades práticas pensadas a partir desses métodos, o jovem desenvolva um ‘jeito de pensar desnaturalizado’, sentindo-se cada vez mais empoderado para construir seu Projeto de Vida.

SAIBA MAIS



Os fenômenos sociais são o objeto das Ciências Sociais. Estas estudam os fenômenos ligados à vida dos homens em sociedade. Designamos por fenômeno um determinado tipo de facto com características comuns e semelhantes. O conceito de “fenômeno social total” implica que aquilo que o caracteriza é uma multiplicidade de aspectos que com ele se relacionam. “Marcel Mauss ao falar de fenômeno social total, referia-se ao facto (...) de que as experiências dos atores sociais não são redutíveis a uma única dimensão do real, as suas implicações distribuem-se pelos diferentes níveis do real (...)” (1987, Marques. In: MESQUITA LIMA. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Presença). Este conceito define o real social como pluridimensional, mas único. fenômeno social.

In: Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$fenomeno-social](http://www.infopedia.pt/$fenomeno-social)> Acesso em 06jul2014.

ATIVIDADES DO PROJETO DE VIDA

Objetivo | Promover a reflexão do jovem sobre seus gostos e preferências, relacionando-os com as demandas de seu Projeto de Vida

Coisas que me fazem feliz

Livros
 Chocolate
 Meu namorado
 Meus Amigos
 Deus
 Ser compreendida
 Presentes
 Perfumes
 Meu celular
 Dinheiro
 Ir à igreja
 Abraços
 Meu aniversário
 Encontrar pessoas que pensam como eu
 Ver minha família unida
 Ir ao PPT
 Ser eu mesma

Coisa que me fazem infeliz

Ver gente que eu gosto ir embora
 Ficar em casa sem nada pra fazer
 Sentir-me sozinha
 Ver que o PPT está acabando
 Fazer redação
 Ficar sem livros para ler
 Não ter dinheiro
 Lavar louça
 Dormir pouco
 Egoísmo
 Brigar com meus amigos
 Ver os animais sendo jogados na rua
 Discutir com minha mãe
 Fazer o que eu não quero

Produção da jovem Kayene da Siva, 16 anos

1. JOVENS E A METODOLOGIA DO PROJETO DE VIDA



JOVENS E A METODOLOGIA DO PROJETO DE VIDA

“ A juventude não é progressista nem conservadora por índole, porém é uma potencialidade pronta para qualquer nova oportunidade”.

Mannhein

Para o alcance de bons resultados no processo do desenvolvimento da proposta metodológica do Projeto de Vida, é fundamental que haja o conhecimento acerca do perfil dos jovens com os quais trabalhamos. Afinal de que juventude estamos falando? Enquanto categoria sociológica não podemos defini-la de maneira reducionista, é preciso considerar questões como gênero, etnia, condição social e econômica, cultura local, momento histórico, particularidades e referências de cada “tribo”. Também é preciso compreender suas expectativas e desafios em relação ao presente e ao futuro.

No entanto, antes da tentativa de compreensão acerca do perfil dos jovens atendidos, é preciso que haja conhecimento e identificação em relação à concepção de juventude consolidada pela Ação Comunitária ao longo dos anos. Este é o ponto de partida para a consecução de propostas com possibilidades e potencial de sucesso.

Os jovens beneficiados pelos Programas da Ação Comunitária pertencem a famílias de baixa renda, moradoras da periferia da região sul de São Paulo e de municípios vizinhos. Pertencem à faixa etária de 15 a 18 anos e são estudantes do ensino médio de escolas públicas de São Paulo. Mesmo vivendo em um contexto de vulnerabilidade, muitos desses jovens contam com o apoio de seus familiares para participarem de projetos pontuais com foco

SÍNTESE



Crenças sustentadoras da Concepção de Juventude da Ação Comunitária:

Os jovens devem ser reconhecidos como sujeitos de direitos que demandam oportunidades de participação, para garantir seu desenvolvimento integral (biológico psicológico e social).

Os jovens precisam ser valorizados como atores importantes para o desenvolvimento da sociedade.

A juventude não deve ser vista como um período de espera ou transição, mas como uma fase da vida em que é preciso reconhecer as potencialidades e a capacidade de produção, criação e intervenção dos jovens.

Os projetos desenvolvidos com o público jovem precisam potencializar a capacidade dos jovens em qualificar seus projetos de vida.

Os projetos com foco no desenvolvimento profissional dos jovens devem considerar a perspectiva do trabalho decente (Mais e melhor educação; Conciliação de estudos, trabalho e vida familiar; Inserção ativa e digna no mundo do trabalho; Dialogo social).

na busca de melhor qualificação para a inserção no mundo do trabalho e de preparação para a vida. Logo, é preciso reconhecer essas famílias como aliadas no processo de formação dos jovens e saber que exercem um papel muito importante na construção do Projeto de Vida de cada um deles. Pode não parecer, mas os jovens estão muito atentos aos valores e atitudes de seus familiares e educadores, identificando aspectos de que não gostam e outros que lhes agradam, concordando, rejeitando e refletindo.

Como sinalizamos anteriormente, o pilar principal do processo formativo é a construção de um Projeto de Vida. Não se trata aqui de um projeto de vida hermético e definitivo, especialmente porque estamos falando da juventude que, na elaboração de seus projetos, quaisquer que sejam, lançam mão de diversas e intensas experiências: de pensamentos, palavras e ações. Nessa fase da vida, os jovens se colocam diferentes questões: Quem sou eu? Quem quero ser? Qual o sentido da vida? Quem as pessoas acham que eu sou? No que vou trabalhar? Entre outras questões práticas e até filosóficas.

Nesse processo de descoberta, o jovem vai construindo sua identidade, explorando novas experiências, estabelecendo relação com o mundo que o cerca e fazendo escolhas.

Em relação aos jovens atendidos em nossos projetos, pode-se dizer que estes, geralmente, “tem um tempo menor para tomar decisões” no que se refere à empregabilidade, quando comparados a jovens de camadas sociais mais favorecidas. Mesmo com o apoio da família, os recursos financeiros são limitados e há cobranças para que eles se posicionem mais rapidamente em relação ao trabalho. Devido a essa realidade, muitas vezes, estes jovens sujeitam-se a ocupações que oferecem condições precárias.

Cabe ressaltar que a dinâmica deste contexto não é a mesma para todas as famílias de baixa renda, já que uma parte delas investe no adiamento da inserção do jovem no mundo do trabalho. No entanto, realidades como essas, ainda não ganharam a dimensão necessária, para mudar o cená-

SAIBA MAIS



A temática Identidade permeia todo o processo de desenvolvimento pessoal e social do adolescente, constituindo-se no eixo em torno do qual as aprendizagens vão se organizar e consolidar-se.

O facilitador, ao desenvolver esta temática, deve fundamentar o seu trabalho nos seguintes pontos:

- Autoconhecimento: processo de tomada de consciência de si: do seu nome, seu corpo, seus afetos, suas emoções; seus limites, suas dificuldades; seus valores, suas aptidões e sua história de vida (...)
- Autoestima: valor que o sujeito se atribui; afetividade que dirige a si próprio (...)

SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarice. *Aprendendo a Ser e Conviver*. 2ª ed. São Paulo: FTD, 1999, p.65- 66.

rio de ingresso precoce de jovens na vida produtiva e para diminuir estruturalmente a desigualdade social relacionada ao emprego juvenil.

Outro aspecto que influencia no ingresso dos jovens no mundo do trabalho é a “pressão” exercida pela sociedade de consumo que, por meio de propagandas e campanhas, cria padrões sociais que influenciam decisivamente nas escolhas dos jovens. Ao fazer essas escolhas ficam imbuídos de sentimento de pertença social. No entanto, esses padrões e ideais de consumo determinados pelo mercado são conflitantes com a realidade da maioria de nossos jovens.

PARA REFLETIR



(...) ao lado das ações que estimulem o ingresso dos jovens no mercado de trabalho, são fundamentais ações na perspectiva do trabalho decente, incluindo aquelas dirigidas à melhoria das suas condições de empregabilidade, tais como ações para a elevação da escolaridade e estímulo à qualificação profissional.

Prioridade 3 - Agenda de Trabalho Decente para a juventude

Nossa aposta é que essa metodologia promova experiências diversificadas em que o jovem se aproprie dos fatos sociais que o envolvam e desenvolva criticidade no que diz respeito à dinâmica social, ampliando seu repertório para tomar decisões. Em relação ao trabalho, por exemplo, que ele aprenda a diferenciar as oportunidades no mercado formal e informal, compreendendo os conceitos e a conjuntura das situações de emprego, desemprego e subemprego no país em que vive. Além disso, que consiga identificar os aspectos favoráveis e desfavoráveis à efetivação do seu Projeto de Vida.

Outro aspecto a ser mencionado sobre os jovens é o desafio relacionado às defasagens que apresentam em relação aos conteúdos escolares como, por exemplo, domínio da escrita e matemática, o que impacta diretamente em sua inserção no mundo do trabalho. Os melhores postos de trabalho não são destinados aos jovens que apresentam tais dificuldades, ao contrário, o cenário que se vislumbra é de empregos precários e informais. Portanto, é fundamental que no processo formativo o jovem reflita sobre suas defasagens, sendo apoiado em atividades de autoavaliação que promovam não somente esta reflexão, mas também a própria valorização da escolarização.

Além disso, o jovem precisa desenvolver outras competências exigidas pelo mundo do trabalho como, por exemplo, capacidade de trabalho em equipe, iniciativa, flexibilidade, polivalência e, acima de tudo, disponibilidade para aprender sempre.

Ainda sobre a proposta metodológica, pode-se dizer que é fundamental criar espaços de participação, por meio dos quais o jovem possa opinar, discordar, propor e compor com seus pares e educadores, enfim Participar. Ao exercitar a participação no espaço educativo, ele se prepara para fazê-lo em esferas de decisão coletiva que impactam diretamente a sua vida e a de sua comunidade. Esse contexto metodológico contribui para o desenvolvimento do jovem enquanto sujeito de direito à medida que oferece espaços para reflexão, manifestação, expressão, associação e acesso à informação.

PARA REFLETIR



Os alunos do ensino médio são os que apresentam maior defasagem no aprendizado. Menos de um terço, 29,2% dos estudantes conhecem a língua portuguesa da forma adequada ao período de estudo e apenas 10,3% sabem matemática proporcionalmente ao ano de ensino.

Relatório De Olho nas Metas do movimento Todos pela Educação (TPE)

Comumente, os jovens dizem que não são ouvidos e considerados. Ao construir um Projeto de Vida, eles percebem que participar é direito e responsabilidade de todos, mas acima de tudo uma oportunidade de crescimento. Também são provocados a observar que existem vários jeitos de participar, considerando as características pessoais, os saberes de cada um e os papéis sociais, o que é

importante para sentirem-se autoconfiantes e desenvolverem o respeito à diversidade na interação com outras pessoas... Essa é a riqueza da participação!

Ainda sobre a participação dos educandos, pode-se afirmar que esta representa um ponto chave no processo de aplicação da metodologia, uma vez que possibilita ao educador confirmar ou afastar hipóteses, reorganizar estratégias e rever abordagens, aproximando-se cada vez mais de uma descrição fidedigna dos jovens, à medida que estes se revelam e se transformam a cada atividade proposta.

O reconhecimento dos jovens como sujeitos de direitos é a base, para que estes passem a ser vistos pela sociedade como coparticipantes na construção de um mundo democrático. Tal premissa só pode ser colocada em prática, à medida que canais de diálogo são estabelecidos a fim de dar voz ao público jovem.

Depoimentos de jovens que vivenciaram a metodologia do Projeto de Vida

“*Para mim foi muito importante fazer o Projeto de Vida, pois foi uma experiência ótima, saber um pouco mais do meu passado, ver quem eu era e como cresci, e como vim evoluindo durante o tempo*”.

Felipe Queiroz da Hora, 16 anos

“*O Projeto de Vida me ensinou mais de mim, me mostrou mais da vida e com ele pude ver a vida de um modo mais amplo. Aprendi a ter uma nova visão sobre coisas que sempre achei ser de outro jeito. Me trouxe mais força e confiança sobre quem eu sou e quem eu quero ser*”.

Joice Elen Vieira Souza, 16 anos

“*Sempre fui muito sonhadora, mas nunca tinha planejado sonhos e dado metas para eles. Com o Plano de Ação tenho possibilidades reais. Vou correr atrás de cada sonho*”.

Karine Souza Castelanelli, 17 anos

“*As atividades do Projeto de Vida me ajudaram na organização dos meus pensamentos, opiniões e fatos que vivi. Estou no ensino médio e escuto muito a pergunta: Que faculdade pretende cursar? Pensar no meu futuro e organizá-lo em partes me ajudou a ter um futuro. Foi uma mão na roda!*”.

Sandy da Luz Aparecida Silva, 15 anos

“*Foi muito legal. Eu ficava me imaginando no futuro, em como seria quando terminasse a faculdade, se eu seria um bom profissional. Pensava em formar uma família e em muitas outras imaginações, que formaram meu Plano de Ação*”.

Luan de Moraes Eleutério, 17 anos

“*O Projeto de Vida ajuda você a se descobrir aos poucos. Me ajudou a dividir por etapas o que realmente quero pro meu futuro. Aprendi a tomar decisões pra que eu possa me dar bem daqui pra frente*”.

Ayla dos Santos Pontes, 16 anos

“*Por que fazer um PROJETO DE VIDA? Era o que mais me perguntava antes de conhecer o PPT! Possuía muitos sonhos, desejos, ideias. Sempre cultivei muitos planos para o futuro, mas o que fazer para trazê-los até o mundo real? Percebi que uma forma interessante de realizá-los era fazer um PROJETO DE VIDA*”

Isabella Colvara, 16 anos

“*Ao ler minhas atividades do portfólio me senti como um leitor que vibrava ao recordar sua história de vida. Foi como viajar numa máquina do tempo, pensar no que vivi e no que quero viver*”.

Emerson Ferreira de Souza, 15 anos

2. EDUCADORES E A METODOLOGIA DO PROJETO DE VIDA



EDUCADORES E A METODOLOGIA DO PROJETO DE VIDA



O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento da História."

Paulo Freire

Dentre tantas questões para o educador que trabalha com o público jovem, é tarefa fundamental desse profissional conhecer o contexto no qual atuará, investigando a relação que os diferentes grupos juvenis estabelecem com a escola, com o mundo do trabalho, com a família, com suas comunidades, com a mídia, com a violência, com o tempo livre, com seus sonhos, angústias e frustrações. Nesse sentido, o educador é sempre um estudioso, pois educar é tarefa desafiadora, emancipadora e repleta de certezas, incertezas e descobertas.

Mas qual o perfil desse educador? Na construção de projetos de vida, o educador mais do que oferecer respostas e garantias, promove a ampliação da visão do jovem na intenção de contextualizar percursos e problematizar certezas. A partir de um processo de autocohecimento, pauta sua atuação num profundo respeito à alteridade, singularidade e integridade do jovem.

Ser educador é uma imensa responsabilidade, não se trata apenas de transferir conhecimentos, exige respeito aos saberes dos educandos, criticidade, postura ética, humildade, tolerância, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. Certamente haverá aqueles que conseguem sonhar, estabelecer objetivos e

vislumbrar um futuro melhor para si e para a coletividade, mas também existirão aqueles que não acreditam que podem aprender e que não acreditam em si mesmos. Nesse sentido é preciso procurar descobrir o que o jovem é, o que sabe, o que traz consigo, o que ele se mostra capaz de fazer.

A autoestima é uma questão muito forte na juventude, não é mesmo? É também para esse público que os educadores devem investir e canalizar suas ações, de maneira que esses jovens possam olhar para si mesmos e perceber suas potencialidades, descobrindo que são capazes, como quaisquer outros, de produzir, criar e intervir.

Muitos manuais para educadores falam em “considerar o ponto de vista dos jovens”. Pode parecer simples, mas não é! Isso implica em uma reeducação do olhar sobre eles, evitando olhá-los a partir do que lhes falta, mas a partir de suas potencialidades. Para que a verdadeira escuta se realize é preciso lançar mão de estratégias que os ajudem a pensar sobre si e o mundo, sem fazer julgamentos morais. Esse tipo de posicionamento promove o reconhecimento dos saberes dos jovens, o que é fundamental para o estabelecimento do vínculo educador-educando.

PARA REFLETIR



O papel do educador não é propriamente falar ao educando, sobre sua visão de mundo ou lhe impor esta visão, mas dialogar com ele sobre a sua visão e a dele. Sua tarefa não é falar, dissertar, mas problematizar a realidade concreta do educando, problematizando-se ao mesmo tempo.

Paulo Freire

Se o objetivo é que os jovens diversifiquem seus modos de ser e estar no mundo, é preciso que os educadores experimentem diferentes modos de vê-los e valorizá-los.

Outro ponto importante a ser considerado pelo educador refere-se à definição de estratégias que promovam a desnaturalização dos fatos, como já abordamos anteriormente. Às vezes, situações cotidianas nos parecem naturais, mas efetivamente não são. Seguem alguns exemplos: acostumamos-nos com meninos nos faróis, com velhos catadores de papelão, com cenas de violência entre torcidas de times, com homens que batem em suas companheiras, entre tantos outros fenômenos sociais. Essas situações e fatos parecem fazer parte da paisagem urbana; de tanto vê-las nossa visão já não tem profundidade, pois como diz o poeta Otto Lara Resende “muitas vezes o que nos cerca, o que nos é familiar já não desperta curiosidade”, ou seja, nos parecem naturais.

Ainda nesta perspectiva, pode-se citar outro exemplo: um brasileiro ao visitar a China poderia facilmente estranhar ou se espantar com alguns hábitos alimentares como, por exemplo, a ingestão de insetos, alguns deles ainda vivos, inclusive! E às vezes não é preciso ir tão longe. Na sua própria cidade e mesmo na própria comunidade provavelmente deve existir

uma diversidade de hábitos, gostos, valores e modos de viver. Mas os hábitos dos chineses ou de nossos vizinhos e amigos, como citados no exemplo, se estabeleceram por motivos que lhes são peculiares e possuem trajetórias e histórias próprias que lhes fazem algum sentido. Ao percebermos a realidade de modo histórico, instalamos o raciocínio de que as coisas poderiam ser diferentes, que são diferentes em outros lugares, em outras condições.

Essas situações e fatos não são naturais, ao contrário, são o resultado e produto da nossa cultura, existem explicações para isso, é possível compreender as causas desses fenômenos. Promover a desnaturalização é ofertar oportunidades de aprendizagem em que o jovem desenvolve a capacidade de lançar um olhar de estranhamento sobre a realidade, um olhar curioso, crítico, como se a todo o momento nos questionássemos, porque as coisas são assim, afinal de contas? Reavivar a curiosidade dos jovens, por meio desse estranhamento, nos parece mais importante do que ter respostas definitivas. A capacidade de olhar as coisas por meio dessa “lente” do estranhamento é uma poderosa ferramenta para os jovens terem cada vez mais condições de fazer leituras mais abrangentes e propositivas.

PARA REFLETIR



A função social do educador é ser agente de transformação. Cabe a ele auxiliar na organização dos desejos e necessidades da população com a qual trabalha. Ele se constitui numa referência para a comunidade, participando da estruturação do movimento popular a partir do seu trabalho com os jovens. Sua função não se restringe ao trabalho com os grupos, mas amplia-se para as famílias e a comunidade em geral.

Margarida Serrão e Baleeiro

Educadores somente conseguirão construir condições favoráveis ao desenvolvimento integral dos jovens, se acreditarem que sua função social é de agente de transformação. Esse é o primeiro passo do ofício de educar.

Por fim, é importante dizer que não basta ao educador considerar-se como agente de transformação e dominar o conhecimento necessário para o desenvolvimento das ações formativas com os jovens. Também é preciso ter a capacidade de organizar os conteúdos e estratégias a serem trabalhadas com os educandos assim como refletir sobre a aplicação e efeitos das mesmas, na perspectiva da “ação-reflexão-ação”, como abordou Paulo Freire.

É fundamental para o planejamento da prática educativa, que o educador mantenha um fluxo constante de reflexão sobre suas intervenções. Cada ação gerará uma nova reflexão, que reestruturará uma nova ação a ser realizada, a depender da realidade e da dinâmica de aprendizagem de cada educando. À medida que este processo acontece, o educador revê seus valores, tradições e “certezas”, ampliando seu conhecimento sobre os jovens, aprimorando o canal de comunicação com estes e explorando uma série de lições aprendidas.

Nesta perspectiva, outro aspecto a considerar e a ser explorado é o registro da prática educativa. Ao registrar as ações pretendidas e aquelas realizadas, o educador se debruça sobre a realidade, problematizando-a e estabelecendo relações. Ao fazer isso, reorganiza e ressignifica a ação educativa, tanto para si, como para o educando. Desta forma, as situações de aprendizagem tornam-se mais dinâmicas, estimulantes, significativas e surpreendentes.

Com o intuito de contribuir para a formação de um educador reflexivo, que registra sua prática e se nutre a partir dela, segue um exemplo de registro de planejamento de atividades de uma oficina de Projeto de Vida:

SÍNTESE



Atitudes a serem consideradas pelo educador em sua prática com os educandos. O Educador deverá...

- Conhecer as políticas para a juventude e o perfil dos jovens com os quais atua.
- Compreender que cada grupo de jovens possui suas características e adequar seu olhar e sua prática a esse contexto.
- Acompanhar o jovem durante todo esse processo de descoberta, de forma continuada, encorajando-o e fornecendo dados de realidade para subsidiar suas possíveis escolhas.
- Subsidiar o jovem na análise de contexto, ofertando informações e meios para interpretá-las.
- Conduzir o jovem para que perceba que suas escolhas são influenciadas por dois grupos de fatores: os favoráveis e os desfavoráveis.
- Criar contextos para que o jovem reflita sobre as mesmas questões, retomando valores, conceitos e dúvidas, a fim de aprofundar o aprendizado.
- Orientar o processo de autoconhecimento e de tomada de decisão do jovem, fazendo boas perguntas, que provoquem a reflexão.
- Criar espaços para troca entre os jovens, cuidando para que não haja constrangimentos e falta de respeito com a diversidade.
- Investir na relação educador-educando.

Modelo de Registro do Planejamento de Atividades

Nome do Educador:

Carga horária total: pode ser adequada de acordo com o projeto a ser realizado.

Objetivo geral: Promover atividades aos jovens, que viabilizem a construção do Projeto de Vida.

Objetivo Específico	Estratégias	Recursos	Observações	Avaliação do educador (pós atividade)
Apresentar a proposta de construção do Projeto de Vida aos jovens e sensibilizá-los sobre sua importância no alcance dos sonhos e objetivos pretendidos.	Compartilhar com os jovens um vídeo, trecho de um filme, texto ou imagem, que provoque a reflexão sobre o futuro; Propor uma roda de conversa, para que socializem sua opinião sobre o material compartilhado, utilizando questões, como por exemplo: O que acharam do vídeo? Ele faz vocês pensarem em quê? Qual a relação do vídeo com o futuro? É importante pensarmos no futuro? Por quê? Como definimos o que queremos para nosso futuro? É fácil definir objetivos? Como é isso nos dias de hoje? Existem maneiras diferentes de definir o que queremos para o futuro? Solicitar que os jovens deem o exemplo de um sonho e traçar um esboço de planejamento (objetivo, meta, passo a passo), para que ele se realize; Apresentar a proposta de construção do Projeto de Vida, indicando uma das maneiras de se projetar o futuro; Convidar os jovens para que construam seu Projeto de Vida e realizem várias atividades ao longo do processo formativo.	Equipamentos para a projeção do vídeo ou filme (data show ou televisão). Quadro branco ou flip chart para anotações.	Esse momento não exige aprofundamentos, já que a ideia é sensibilizar os jovens sobre a importância de planejar sonhos, transformando-os em objetivos e definindo o caminho a percorrer para alcançá-los. É preciso ter cuidado para não expor nenhum jovem. Se estes abordarem questões muito particulares, dizer que todos terão oportunidade de refletir sobre estas ao longo do processo de formação. Se for o caso, procurar o jovem após a atividade para conversar.	Nesse item o educador registrará suas reflexões, demandas e encaminhamentos.

3. PERCURSO FORMATIVO PARA A CONSTRUÇÃO DE PROJETO DE VIDA



PERCURSO FORMATIVO PARA A CONSTRUÇÃO DE PROJETO DE VIDA



Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire

Vamos agora abordar de forma detalhada o Percurso Formativo para Construção do Projeto de Vida denominado **Raiz, Contexto e Asa**. Ele faz parte de uma proposta metodológica mais ampla, cuja centralidade é o *Direito ao Projeto de Vida* e é amparado pelos recursos didáticos dos métodos, *Imaginação Sociológica* e *Cartografia*.

Cabe ressaltar que os dois métodos citados embasam as atividades propostas. Tanto as atividades da “Raiz”, como as do “Contexto” e da “Asa” propõem situações, para que os jovens compreendam sua vida a partir da análise de contextos sociais e históricos mais amplos, alterando suas próprias maneiras de ver, sentir, pensar e perceber seu entorno e o mundo.

A seguir é apresentado o fluxograma representativo do percurso formativo, que indica as etapas vivenciadas pelo jovem na construção do Projeto de Vida.

Num primeiro momento, o educando realiza exercícios relacionados à investigação do seu *passado*, etapa que denominamos de **RAIZ**. Uma atividade central desta fase é a “Árvore Genealógica das Profissões”.

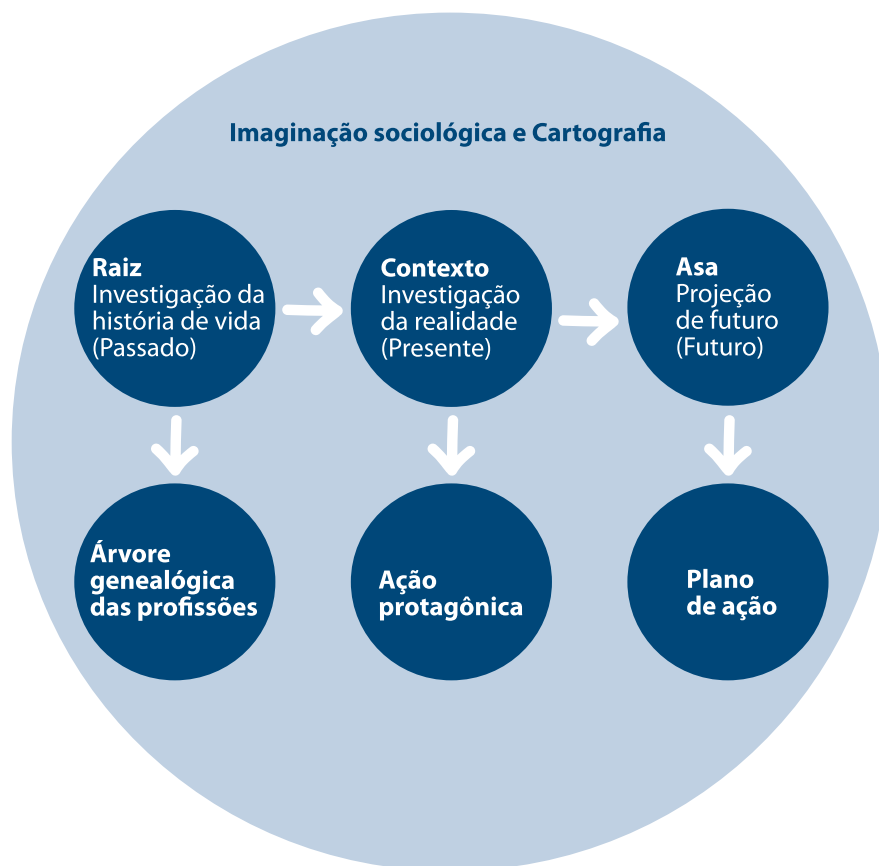
Em seguida, ele busca informações para entender o *presente*, etapa que denominamos de **CONTEXTO**. A atividade essencial desta fase é a “*Ação Protagonica*”.

Por fim, o jovem projeta o seu futuro, construindo o “*Plano de Ação*”, etapa que denominamos de **ASA**.

As atividades mencionadas serão descritas na parte IV deste livro.

Cabe ressaltar que apesar de o fluxograma de atividades estar organizado numa ordem cronológica, o processo de reflexão e desenvolvimento dos jovens não é linear. Uma descoberta sobre o passado, por exemplo, poderá acontecer no momento em que o jovem realiza atividades do futuro. Os educandos podem repetir os exercícios, retomando-os sempre que necessário. Esse processo ocorre num movimento de descoberta constante, no qual o papel do educador como facilitador é fundamental. Ele precisa instigar e apoiar o educando na busca do autoconhecimento e dos fatos ainda desconhecidos.

Fluxograma do percurso formativo do jovem



Planejar é olhar para frente? Claro que sim. Afinal de contas planejar é um gesto de organizar ações para atingirmos objetivos bem definidos para o futuro. No entanto, se não houver desejo de mudança, não há Plano ou Projeto. Ainda mais, não existe possibilidade de planejamento se não tivermos consciência do presente e uma boa noção do passado. O seguinte exemplo reforça tal pensamento: todo começo de ano uma pessoa faz planos e projetos relacionados com sua vida: fazer mais exercícios, se alimentar melhor, estudar mais, dar mais atenção às pessoas que ama, largar alguns vícios, etc. Quando o ritmo extenuante do cotidiano volta, a pessoa comete os mesmos equívocos e comportamentos que se propôs a mudar. Comumente diz-se que ela está repetindo o passado. O que lhe falta então? Somente força de vontade? Não parece tão simples assim. Até mesmo um simples plano de mudança de

comportamento requer estratégias, escolhas, investigações, análise de informações do passado e do presente.

Procedendo dessa maneira o resultado será o sucesso? Ninguém pode afirmar isso com a mais absoluta certeza, mas quanto mais nos prepararmos para a fase de planejamento, maiores as chances de sucesso. É sobre isso que desejamos refletir. Mas não sem antes fazer uma observação adicional: na breve descrição anterior sobre mudança de comportamento, falamos de um indivíduo e seu desejo. Um sujeito, no singular. Mas espere um pouco. Tomemos o exemplo de “largar alguns vícios”, como o de fumar. Parar de fumar é uma perturbação pessoal ou uma questão de ordem pública? Em última instância é uma decisão absolutamente individual. Mas é preciso olhar ao redor, abandonando as barreiras que parecem transfor-

mar um dado problema em algo único. Quantas pessoas passam pelo mesmo problema? Se o drama fosse único existiriam campanhas governamentais para deixarmos esse terrível vício? O que representam aquelas fotos no verso dos maços de cigarro? Por que não vemos mais apenas publicitários na televisão? É preciso perceber como as coisas mudaram e são amplas. Ao problematizarmos desta forma, concluímos que se trata aqui de uma questão de ordem pública.

Seguindo a mesma lógica, pode-se pensar noutro exemplo: um jovem participou do vestibular de uma universidade pública e não foi aprovado. Passar no vestibular é uma questão apenas de meritocracia? Os jovens apresentam as mesmas condições para obterem esta aprovação? As chances de ingresso no ensino superior público são iguais para todos os cursos oferecidos? Quais os caminhos para obter preparo, para que este objetivo seja alcançado? O que são as cotas de acesso às universidades públicas? Quais as diferenças entre o ensino público e o privado? Novamente, com estas perguntas esta questão é colocada num contexto de ordem pública.

Exercícios e reflexões desse tipo devem orientar a formação que ofertamos aos nossos jovens. Quando eles nos apresentam seus desejos, sonhos, medos, temores e planos, o quanto são capazes de perceber o mundo à sua volta? O quanto são capazes de perceber que esses sonhos e planos não podem ser vistos isoladamente? O quanto percebem que eles estão interconectados com seu contexto social?

O planejamento aqui estruturado deve conter então a capacidade de utilizar o passado, o presente e as leituras mais amplas do contexto na busca pela criação de um planejamento, de um projeto de vida. A Ação Comunitária no desenvolvimento de seu trabalho com jovens lança mão da estratégia “Percurso Formativo para a construção de Projetos de Vida”. Trata-se de um recurso pedagógico para favorecer os jovens a elaborarem planos de ação baseados na investigação de suas histórias de vida pessoal e

familiar e em análises de conjuntura e contexto social da realidade atual.

Um jovem será levado então a olhar para sua **RAIZ** – sua origem, sua história pessoal e familiar. E certamente, a partir desse exercício, poderá compreender, em parte, quais processos e relações influenciaram sua história de vida. Ele precisa olhar para o passado percebendo que este está vivo em nós e se manifesta a todo instante nas nossas ações e nas perspectivas de futuro. Ao longo desse processo conseguirá vislumbrar sua história familiar para além da “superfície”, das situações aparentes, alcançando uma profundidade que lhe permite compreender o sentido de suas próprias escolhas. A partir da investigação da memória de seus familiares, busca informações que lhe possibilitam realizar uma leitura crítica do passado. Em resumo, poderá afirmar com maior clareza: **de onde venho**.

A pesquisa sobre a origem pessoal e familiar contribui para o alargamento da percepção do **CONTEXTO** em que vive. Todos nós analisamos, de maneira informal nosso contexto, por meio dos sinais que recebemos do mundo exterior. Fazemos isso para melhor entender o mundo ao redor e como ele muda. As atividades do **percurso formativo** pretendem oferecer aos jovens ferramentas para fazerem análises mais conscientes da realidade, ou seja, uma análise sistemática do contexto, produzida de maneira organizada e com intencionalidade de compreender situações e relações. Esse tipo de análise nos fornece uma percepção mais dinâmica da realidade, para além das aparências. No entanto, não se trata de uma tarefa fácil, pois a realidade é sempre multifacetada, e é preciso disciplina e estudo para compreender as inter-relações que formam uma totalidade. Em resumo, o jovem poderá afirmar com maior clareza: **onde estou**.

Feitos os dois primeiros exercícios, os desejos poderão ser mais bem estruturados, consolidando um plano, um projeto de vida construído com base em dados, informações e posicionamentos, ofertando **ASA** para um futuro mais provável, que demandará esforços, perseverança e toma-

das de decisão. “O futuro é uma astronave que tentamos pilotar”, ele não está predeterminado, nem tampouco depende exclusivamente de cada indivíduo, somos produto do meio ao mesmo tempo em que o construímos.

Para transformar visão de futuro em ações não basta apenas que o jovem considere seus sonhos intangíveis, mas que tenha uma visão contextualizada, capaz de orientar e diversificar suas escolhas, considerando a sociedade em que vive. Em resumo, poderá vislumbrar com maior clareza: **para onde vou**.

Note que destacamos três pontos essenciais: a Raiz, o Contexto e a Asa. Esse percurso deve levar os jovens a refletirem com maior profundidade três perguntas básicas: De onde venho? Onde estou? Para onde vou? O desafio de todo esse trabalho é buscar respostas para tais questões, na verdade: ofertar ao jovem uma visão mais ampla de mundo, capaz de lhe permitir buscar respostas consistentes para tais indagações. Isso sem a pretensão

de cristalizar tais respostas. A maturidade pode mudar sua visão de passado e futuro, mas o intuito é lhe permitir a construção de uma base mais sólida, de onde possa partir sua capacidade de desenhar seu futuro.

Para tanto não esgotaremos, nesse momento, o método empregado pela Ação Comunitária na construção de um projeto de vida. Apenas apresentaremos, em cada um dos princípios e etapas do planejamento de vida, um exemplo de atividade que deve ser sempre pensado, aperfeiçoado e trabalhado. No caso da **Raiz**, ou de responder de onde vim, o intuito é pensar na *Árvore Genealógica das Profissões*, como exercício capaz de investigar a história, servindo de pretexto para um olhar amplo sobre o passado. No caso do **Contexto**, o mapeamento do bairro permitirá investigar a realidade em busca de uma *Ação Protagônica*. Por fim, no caso da **Asa**, o intuito é que esse voo para o futuro traga consigo um desenho da projeção de futuro por meio do que chamamos de *Plano de Ação*.

Descrição da atividade Árvore Genealógica das Profissões

Princípio	Atividade	Descrição e resultados dessa atividade
RAIZ	Árvore Genealógica das Profissões	O que é? Investigação da história de vida dos familiares com ênfase nos aspectos escolar e profissional por meio de diálogo previamente orientado pelo educador. Para quê? Contribuir para a construção da identidade do jovem favorecendo o Aprender a Escolher nos âmbitos escolares e profissionais. Como faz? 1º - Levantar previamente com os jovens as informações e hipóteses que estes têm a respeito da história de vida de seus familiares. O levantamento pode ser realizado por meio de roda de conversa e registro individual. 2º - Orientar o diálogo a ser realizado com os familiares a partir das seguintes perguntas: Quem são meus antecedentes? Como eles eram ou são? E meus avós? E meus pais? Em que trabalham? Frequentaram a escola? Ainda estudam? 3º - Solicitar ao jovem que desenhe ou organize, de acordo com suas habilidades, uma árvore genealógica com as informações obtidas no diálogo com seus familiares: nome, idade, grau de parentesco e profissão. 4º - Solicitar aos jovens que realizem uma pesquisa sobre as profissões exercidas por seus familiares, utilizando recursos diversos (internet, jornal, revista, diálogo com pessoas de referência, etc.). Propor uma roda de conversa a partir das profissões pesquisadas. Para relembrar! • <i>O jovem precisa ser preparado para tentar estabelecer uma conversa harmoniosa com seus familiares e não para assumir o papel de entrevistador que precisa dar conta de um questionário. Ele precisa entender que a proposta da atividade é ampliar o conhecimento sobre sua história de vida, e isso inclui a trajetória de seus familiares, o que não significa que não conseguir informações de imediato comprometa seu projeto de vida.</i> • <i>Cada família tem sua própria dinâmica, configuração e um jeito particular de lidar com esses aspectos.</i> • <i>O educador também precisa cuidar para que o espaço de socialização seja seguro e focado em questões coletivas, o que evita exposições e constrangimentos ente os jovens.</i> Quais as possibilidades de impacto no jovem? • Melhor compreensão de sua história de vida. Mudança positiva na relação com familiares. Reconhecimento da trajetória e do empenho profissional dos familiares. Desejo de ir além das conquistas de seus familiares. Autoestima fortalecida. Consciência das oportunidades que podem viabilizar um futuro promissor. Aprendizado sobre os meios/recursos para realização de pesquisa sobre as profissões. • Desenvolvimento da capacidade de analisar contextos a partir de informações particulares, utilizando a pesquisa por meio de recursos diversos (internet, jornal, revista, entrevista, diálogo informal, etc.).

Descrição da atividade Ação Protagônica

Princípio	Atividade	Descrição e resultados dessa atividade
CONTEXTO	Ação Protagônica	O que é? Reconhecimento da paisagem comunitária, das relações existentes no território, da importância de ações de intervenção na comunidade local e do papel do jovem enquanto agente de transformação social. Para quê? Fornecer ao jovem “chaves” para o conhecimento e compreensão da sua realidade, contribuindo para que ele desenvolva um olhar crítico sobre a comunidade em que vive, identifique fenômenos sociais e se reconheça como um sujeito que pode transformar a realidade por meio da cidadania participativa. Como faz? 1º - Mediar roda de conversa com os jovens com o intuito de fazer um levantamento sobre o conhecimento e visão destes sobre a comunidade. A ideia é identificar o status de consciência do jovem antes de qualquer intervenção educativa (Marco Zero); 2º - Realizar com os jovens um tour pela comunidade (Mapeamento do Bairro). É importante que seja feito um planejamento desta atividade em relação aos seguintes aspectos: horários, trajeto, divisão dos educandos em grupos; identificação dos jovens com crachá ou camiseta, perguntas norteadoras para a observação, forma de abordagem dos moradores e comerciantes locais, forma de registro (fotos, anotações, etc.). 3º - Mediar discussão em grupo a partir das observações e materiais levantados pelos jovens no Mapeamento do Bairro. Ao final da atividade é possível verificar o status de consciência do jovem após a intervenção educativa (Marco 1). 4º - Propor pesquisa para que os jovens busquem mais informações sobre suas observações e “conclusões”. Sugerir a utilização de recursos diversos: internet, jornal, revista, conversa com pessoas da comunidade, professores da escola e familiares; 5º - Mediar discussão a partir da pesquisa realizada pelos jovens facilitando a identificação de fatos recorrentes e fenômenos sociais. 6º - Levantar com o grupo de jovens os principais aspectos observados durante todo o processo de exploração do território e de pesquisa. 7º - Definir com o grupo de jovens o aspecto observado que mais lhe interessa e que ofereça possibilidades de intervenção (propor votação se necessário ou a escolha de mais de um aspecto, se for possível). 8º - Definir com os jovens a intervenção a ser realizada, considerando as condições disponíveis. 9º - Auxiliar na organização dos subgrupos e nas tarefas a serem realizadas por eles (cronograma, planejamento, definição dos responsáveis, registros, comunicação com atores externos, etc.). Essa etapa é nomeada de Marco 2 e refere-se ao desenvolvimento da Ação Protagônica. 10º - Acompanhar o processo de trabalho dos subgrupos. 11º - Avaliar com os jovens a intervenção realizada na comunidade.



Princípio	Atividade	Descrição e resultados dessa atividade
CONTEXTO	Ação Protagonica	Para relembrar! • <i>O jovem precisa ser estimulado e orientado a comparar as situações que observa em sua comunidade com cenários divulgados pelas mídias, especialmente as de grande circulação (jornais, revistas, internet, etc.). Desta forma, ele perceberá semelhanças entre diferentes realidades, o que contribuirá para a ampliação de visão de mundo e para a identificação de questões comuns, que embasam posicionamentos coletivos.</i> • <i>O educador precisa envolver a liderança comunitária no processo de formação do jovem, já que é a comunidade que está em pauta. A participação deste líder deve ocorrer desde o Marco Zero.</i> • <i>O desenvolvimento da Ação Protagonica (Marco 2) não se restringe ao dia de sua execução. Ele é iniciado logo após a escolha dos jovens sobre a ação de intervenção a ser realizada. Logo, inclui a execução e o preparo da ação.</i> Quais as possibilidades de impacto no jovem? • Visão ampliada e crítica sobre o contexto social em que vive. • Desenvolvimento da capacidade de identificação de fenômenos sociais. • Envolvimento e posicionamentos em relação às questões sociais. • Descoberta de possibilidades para a resolução de problemas sociais. • Consciência sobre o reflexo de suas atitudes na sociedade. • Desejo de contribuir para a melhoria da comunidade. • Descoberta da viabilidade e dos efeitos de ações coletivas. • Descoberta de caminhos (instituições, órgãos governamentais, processos) para possíveis ações de cidadania. • Desenvolvimento da capacidade de analisar contextos, utilizando a pesquisa a partir de recursos diversos (internet, jornal, revista, entrevista, diálogo informal, etc.).



Princípio	Atividade	Descrição e resultados dessa atividade
ASA	Plano de Ação	O que é? Projeção de perspectivas de futuro com definição de objetivos e metas construídas a partir de desejos, sonhos e dados concretos da realidade. Para quê? Contribuir para que o jovem faça escolhas mais conscientes e éticas, sendo capaz de reconhecer os processos necessários para o alcance dos objetivos e metas declaradas, assim como os desafios correspondentes e os meios para superá-los. Como faz? 1º- Preparar um momento de sensibilização, para que o jovem perceba o sentido e a importância de estruturar seus desejos, sonhos e objetivos. 2º - Solicitar aos jovens que registrem seus planos para o futuro, elaborando uma lista dos desejos, sonhos e objetivos que desejam alcançar em um determinado tempo; 3º- Solicitar que distribuam os sonhos e objetivos em quatro áreas: familiar, educacional, profissional e social (não há problema se o jovem não apresentar planos para todas as áreas ou se tiver mais de um plano ou, ainda, se não tiver clareza do que quer). 4º - Propor que os jovens realizem pesquisa sobre os objetivos pretendidos a partir dos seguintes temas: tipos de curso, faculdades, profissões existentes, políticas públicas de acesso ao ensino superior e ao mercado de trabalho, configurações familiares e sociais, etc.). 5º - Mediar grupos de discussão a partir das pesquisas realizadas pelos jovens. 6º - Apresentar a estrutura do Plano de Ação (anexo 3). 7º - Solicitar que os jovens preencham o instrumento do Plano de Ação, considerando os objetivos pretendidos após o processo de pesquisa. O Plano deverá ser revisitado ao longo do processo formativo, após cada nova pesquisa e discussão em grupo. Para lembrar! • <i>Os sonhos dos jovens representam um elemento muito importante no processo de elaboração do Plano de Ação. Eles é que geram a força motivadora para que o jovem se envolva com a proposta. Tal fato não impede que sonhos sejam explorados, se modifiquem ou mesmo, sejam abandonados. O papel do educador é fazer com que eles sejam compreendidos pelo jovem a partir de um contexto de realidade. A lógica do Plano de Ação segue a mesma perspectiva, já que este não é imutável, ao contrário, é dinâmico à medida que o jovem faz novas descobertas sobre si e acerca do mundo em que vive.</i> • <i>A definição do caminho a percorrer é fundamental, para que os objetivos e metas sejam alcançados. Logo, o educador deve auxiliar o jovem na percepção de que aceitar uma determinada etapa não significa comprometer o plano como um todo. Muito pelo contrário, para que o projeto de vida se realize, na maioria das vezes, as pessoas precisam passar por algumas fases em que elas não se realizam. Na área profissional esta situação é comum.</i> • <i>É importante que o educador proponha a revisão de algumas atividades relacionadas ao Plano de Ação, pois à medida que o jovem retoma um exercício realizado, tem a chance de aprofundá-lo com novas informações e conhecimentos.</i> Quais as possibilidades de impacto no jovem? • Maior Autoconhecimento (potencialidades e pontos a serem desenvolvidos). • Desenvolvimento da autonomia. • Declaração de valores e princípios. • Capacidade de identificar interesses profissionais e estudantis. • Aprofundamento da leitura de mundo. • Compreensão de que o planejamento é fundamental nas tomadas de decisão ao longo da vida. • Realização de escolhas/tomadas de decisão mais conscientes e contextualizadas. • Capacidade de identificação dos desafios relacionados aos objetivos e metas declaradas, como de possíveis soluções para alcançá-los. • Noção dos recursos financeiros necessários para a execução dos objetivos e metas declaradas.

4 . REFLEXÕES A PARTIR DE ATIVIDADES REALIZADAS PELOS JOVENS



REFLEXÕES A PARTIR DE ATIVIDADES REALIZADAS PELOS JOVENS

“A questão está em como transformar as dificuldades em possibilidades. Por isso na luta para mudar, não podemos ser nem só pacientes, nem só impacientes, mas pacientemente impacientes. A paciência ilimitada, que jamais se inquieta, termina por imobilizar a prática transformadora. O mesmo ocorre com a impaciência voluntarista, que exige o resultado imediato da ação, enquanto ainda a planeja.”

Paulo Freire

As atividades desenvolvidas no percurso formativo **Raiz**, **Contexto** e **Asa** não são somente estratégias que contribuem para o desenvolvimento dos jovens, mas também funcionam como fonte de informação, para que o educador aprofunde seu conhecimento sobre o público com o qual trabalha, a fim de aprimorar sua prática educativa.

Além disso, cada atividade é embasada por uma concepção político-pedagógica, o que a faz ser imbuída de intencionalidade. Este aspecto precisa ser de domínio do educador e estar presente em seu planejamento, planos diários, em sua postura e na relação com o educando. Em outras palavras, a concepção que fundamenta o trabalho desenvolvido precisa ser traduzida na prática formativa pelo educador, revelando e consolidando um “jeito de fazer” que é construído pela instituição que empreende o projeto, seus colaboradores e parceiros. Assim sendo, ao planejar e executar qualquer estratégia, o educador precisa considerar algumas premissas, como por exemplo: garantia e forma do acolhimento dos jovens; sensibilização e apresentação dos objetivos e resultados que se pretende alcançar, para que haja participação ativa dos educandos; garantia de avaliações compartilhadas ao longo do

processo formativo, coerência e encadeamento entre as etapas da atividade, registro da prática educativa e clareza quanto aos indicadores de processo e de resultado.

A partir desta perspectiva, apresentaremos breves considerações, com base em produções de jovens realizadas ao longo desses anos de aplicação da metodologia, que apresentaram aspectos recorrentes, revelando informações sobre o perfil do público atendido e indicando direções e parâmetros para o desenvolvimento da metodologia.

Cabe ressaltar que é por meio da análise deste amplo conjunto de produções, que a Ação Comunitária mantém um fluxo contínuo de avaliação e de aprimoramento das metodologias empreendidas junto ao público atendido.

Os métodos **Imaginação Sociológica** e **Cartografia** foram utilizados no processo de aplicação destas atividades e seus princípios estão presentes nas reflexões apresentadas na introdução deste livro.

As atividades analisadas a seguir foram apresentadas na parte III e são: “Árvore Genealógica”, “Ação Protagonista” e “Plano de Ação”.

ATIVIDADES DO PROJETO DE VIDA

Objetivo | Pesquisar fatos que aconteceram no ano de nascimento, relacionando a história de vida com o contexto social, a fim de facilitar a construção do Projeto de Vida.

Ano em que nasci

Nasci em 1998 e muitos fatos marcaram o Brasil.

Na política, o presidente Fernando Henrique Cardoso foi reeleito e Lula adiou novamente o sonho de assumir a Presidência da República. Foi derrotado por FHC logo no primeiro turno. O petista teve 21.475.218 votos (31,71% dos válidos). FHC, que colheu a segunda safra de frutos políticos da estabilização e fim da inflação com o Plano Real, teve 35.936.540 votos (53,06% dos válidos).

Algumas figuras importantes faleceram e deixaram que o mundo contasse a sua história, que foi escrita durante a sua passagem por aqui, entre estas pessoas estão o pai do Soul no Brasil, Tim Maia e o ator e músico americano Frank Sinatra.

No futebol, o ano ficou marcado pela derrota do Brasil para a França na Copa do Mundo. O placar foi de 3 a 0 no jogo da final. Perdemos o tão sonhado Pentacampeonato. O Corinthians foi campeão brasileiro pela segunda vez.

Sete meninas estudantes de jornalismo resolveram usar a comunicação como uma forma de defender os direitos das crianças e dos adolescentes. Esta atitude marcou a vida de muitas crianças e adolescentes”.

Fatos que pesquisei:

5 de janeiro: João Acácio Pereira da Costa, o Bandido da Luz Vermelha, é assassinado com um tiro de espingarda, em Florianópolis, Santa Catarina.

22 de janeiro: Entra em vigor o novo Código de Trânsito Brasileiro.

22 de fevereiro: O desabamento de parte do Condomínio Palace II na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, destrói 44 apartamentos e deixa oito mortos soterrados.

24 de março: Presidente Fernando Henrique Cardoso sanciona com 17 vetos a Lei Pelé, que estabelece as novas regras para o esporte no país.

4 de agosto: Francisco de Assis Pereira, acusado de matar pelo menos oito mulheres no Parque do Estado em São Paulo, é preso em Itaquí, Rio Grande do Sul.

12 de agosto: O Tribunal Superior Eleitoral recusa por unanimidade o pedido de registro da candidatura do ex-presidente Fernando Collor de Mello à presidência da República na eleição presidencial de 1998.

25 de agosto: O ex-policial militar Marcos Aurélio Dias de Alcântara é condenado a 204 anos de prisão pela justiça do Rio de Janeiro por ter participado da Chacina da Candelária de 1993.

4 de outubro: Fernando Henrique Cardoso é reeleito presidente do Brasil em primeiro turno e torna-se o primeiro presidente a se reeleger na história do país.

Produção da jovem: Carla Araujo dos Santos, 15 anos

Atividade 1:

Árvore genealógica

SÍNTESE



Proposta da Atividade:

O jovem desenha sua árvore genealógica a partir do diálogo com seus familiares, com ênfase nos aspectos escolares e profissionais.

O primeiro conjunto de considerações refere-se à investigação que o jovem faz de seu passado, a partir do diálogo com seus familiares e amigos, como a busca de informações para compreender estruturalmente suas relações com esses sujeitos e a história que compartilham. Ao pesquisar a história de vida, o jovem identifica as influências familiares sobre suas escolhas e suas respectivas conjunturas. O que não significa, simplesmente, descartar decisões tomadas, mas se conscientizar sobre elas. Tal processo é complexo, uma vez que as escolhas dos sujeitos são influenciadas por uma multiplicidade de relações, interesses e acontecimentos.

O papel do educador nesse processo é muito importante, à medida que acompanha o jovem nesta investigação, fazendo boas perguntas que o levem a perceber “os bastidores” dos fatos que compõem o “Quem sou eu”. Ao ser provocado com intencionalidade e na medida certa, o jovem desenvolve a capacidade de problematizar a realidade, tornando-se um “fazedor de perguntas”, que consegue estabelecer relações entre as respostas que encontra, refletindo sobre suas escolhas.

Assim, cabe ao educador pensar em seu papel na construção consistente das escolhas dos jovens. Por exemplo: um menino responde que deseja ser jogador de futebol. Ele se dedica aos treinos desde criança, frequenta uma escola da modalidade e conhece pessoas que jogaram ou jogam profissionalmente, além de ressaltar sua admiração por jogadores de renome que estão na mídia. Quais as chances de esses sonhos se concretizarem? Como saber de tudo que envolve os desejos desses jovens? Como saber o quanto sua família o estimula e apoia nesse sentido?

Ao educador não cabe julgamentos e juízos de valores em boa parte dos casos, mas sim questões e observações que contribuam para uma leitura de mundo por parte dos jovens. Provocações, quando bem feitas, podem contribuir de forma expressiva para o amadurecimento de respostas.

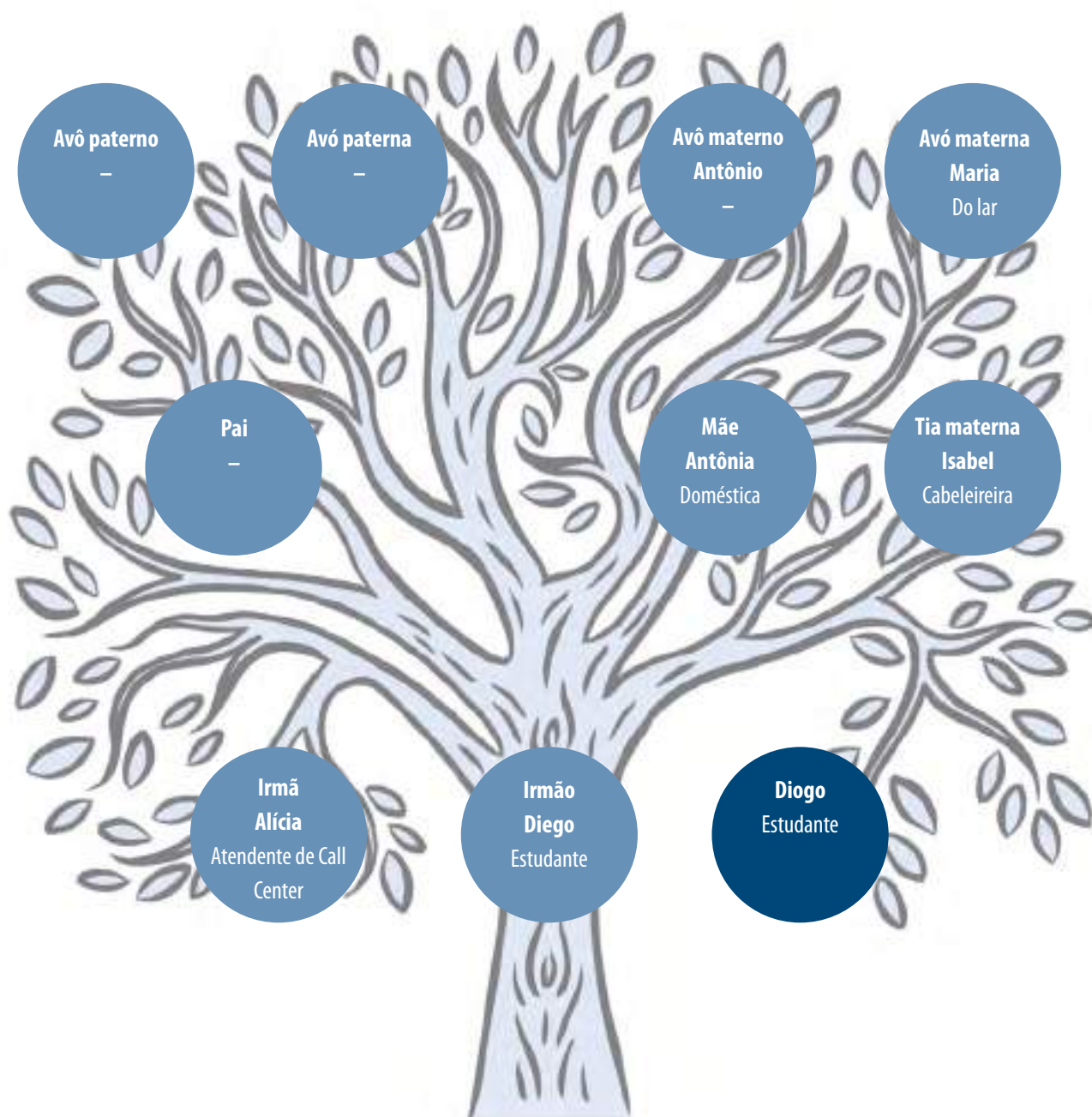
SAIBA MAIS



Carreiro (2007) conclui que a posição de cada família na estrutura social determina significativa, mas não absolutamente, a história estudantil e laboral dos seus filhos. As considerações traçadas são importantes para situar genericamente a questão da influência do projeto familiar sobre o projeto de vida no trabalho de seus filhos, marcando as determinações que cada família sofre, em termos de possibilidades e restrições, ao oferecer elementos para auxiliar na instrumentação subjetiva e objetiva desse projeto de vida.

Ribeiro, M. A. A influência psicossocial da família e da escola no projeto de vida no trabalho dos jovens. *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 5(1), São João del-Rei, janeiro/julho 2010

Árvore Genealógica das Profissões A



Árvore tipo A: não apresenta todas as informações que aparentemente precisariam constar. O jovem apresenta o desenho sem preencher todos os campos sobre seus ascendentes.

Para relembrar! Olhar para o passado é fundamental na elaboração de um Projeto de Vida estruturado. No entanto, é preciso que o educador garanta o respeito aos valores, ao tempo de elaboração e à história de cada jovem.

Contextualização da Árvore A

Diogo aceitou realizar a atividade, só que demorou um pouco para entregá-la ao educador. Preciso ser lembrado, mais de uma vez sobre o prazo de entrega. Esse lembrete foi feito com muito cuidado, pois o educador sabia que cada jovem apresenta uma dinâmica singular de investigação da história de vida.

À medida que o processo de elaboração do projeto de vida avançava, Diogo estreitava o vínculo com seu educador e com os demais jovens. Foi no decorrer desse processo que num dia, de repente, ele falou sobre seu pai.

Disse que ele e seu irmão gêmeo tinham cinco anos de idade quando seu pai foi embora, sem deixar endereço. Ele e sua mãe brigavam muito, porque ele bebia e ficava agressivo (batia nela e nas crianças). Desde então, sua mãe teve que se virar para sustentar os filhos. Contou com a ajuda de sua irmã mais nova. Diogo disse que seu pai nunca deu notícias, muito menos ajudou financeiramente sua mãe. Não queria se lembrar da existência dele!

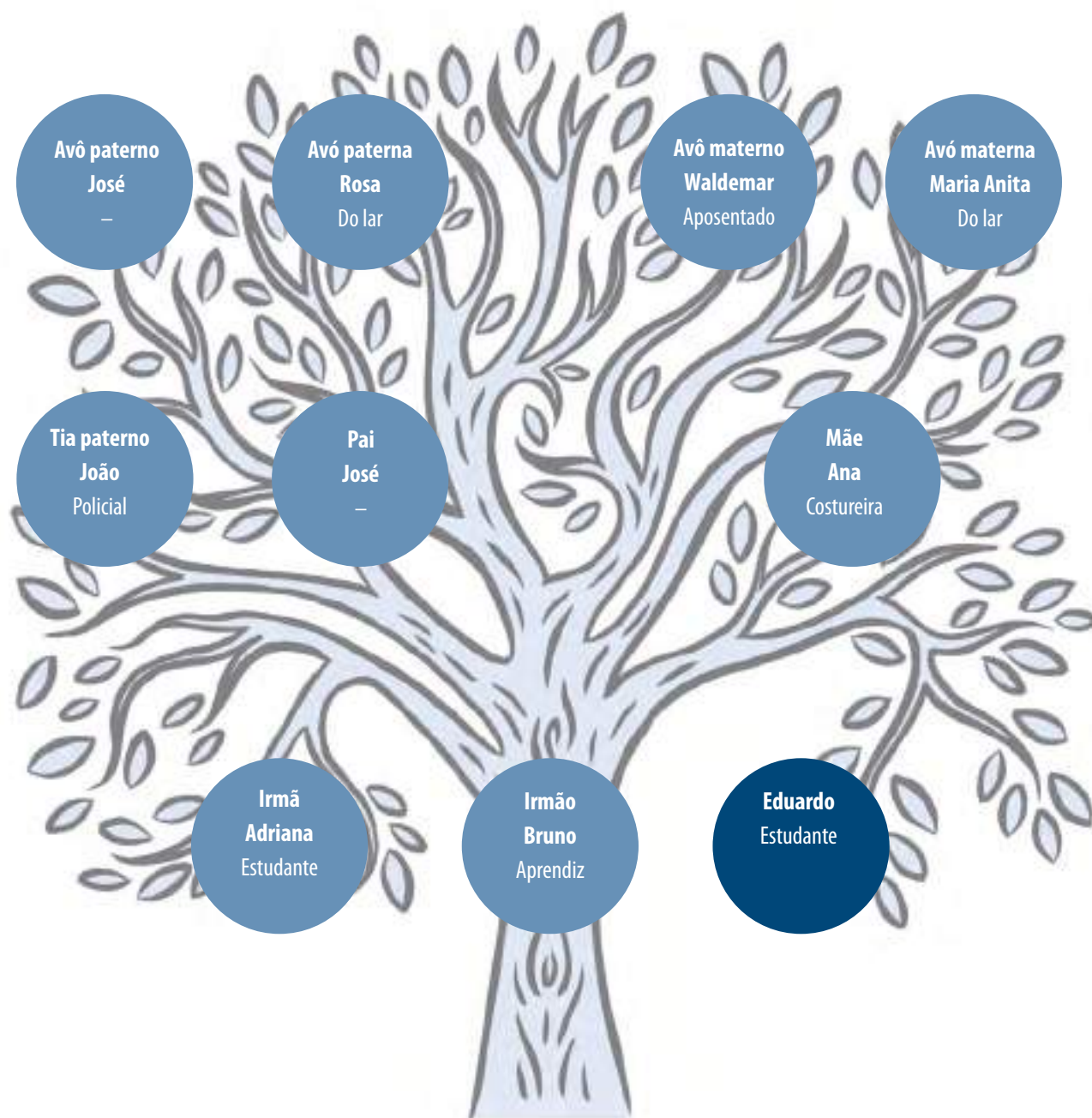
Observações sobre a árvore genealógica A

Por que aprendemos História na escola? Para termos contato com o passado a ponto de conhecermos nossas origens? Essa pode ser uma parte da resposta para a pergunta, mas certamente essa questão não se esgota num desejo de olharmos para trás. Um velho provérbio chinês diz que uma longa caminhada começa pelo primeiro passo, o que representa dizer que somos, certamente, o resultado de uma trajetória repleta de alternativas, decisões, situações passadas e consequências vividas. Todos os passos farão parte da chegada. Assim, a compreensão do passado é essencial na construção de identidade do indivíduo.

Nessa perspectiva, uma das primeiras atividades desenvolvidas com os jovens no processo de construção do Projeto de Vida é a “Árvore Genealógica das Profissões”, descrita anteriormente. Esta atividade, aparentemente simples, precisa ser cuidada pelo educador, uma vez que mobiliza sentimentos e uma gama de informações desconhecidas ou não reveladas, que estão presentes no universo familiar. Além disso, cada jovem possui uma configuração familiar específica, que precisa ser respeitada e compreendida. O educador precisa ter sensibilidade pedagógica para fazer a leitura quando um jovem apresenta uma árvore genealógica supostamente incompleta ou com um número excessivo de informações que privilegia um dos seus familiares. Ele precisa entender o que está nas entrelinhas daquela atividade, para reorganizar as estratégias que pretende utilizar e para que a prática educativa tenha sentido para o jovem. Como disse Paulo Freire, “é escutando que aprendemos a falar com eles”. Desta forma, o educador deve respeitar os valores pessoais dos jovens e rejeitar qualquer tipo de discriminação, investindo no diálogo permanente com o educando.

Ele atuará como facilitador no diálogo do jovem com seu passado, mantendo uma postura ética, orientada pela singularidade de cada educando.

Árvore Genealógica das Profissões B



Árvore tipo B : “indica” que o jovem faz escolhas, reproduzindo a história familiar ou sendo influenciado por ela.

Para relembrar! Este tipo de estratégia mostra o quanto a história familiar pode influenciar nas decisões dos jovens. O papel do educador é auxiliar o jovem nesta percepção, em emitir juízos de valor.

Contextualização da Árvore B

Eduardo demonstrou disposição para realizar a atividade. Ao entregá-la, o educador percebeu que o jovem não mencionou a idade e a profissão do pai. Ele lembrou que havia tido contato algumas vezes com a mãe de Eduardo e ela mencionara que seu marido tinha sido um bom pai e que seu filho sentia muita falta dele.

Eduardo era um jovem comprometido com o que fazia e mantinha amizade com a maior parte dos jovens do projeto, mais especialmente com dois outros, que eram seus vizinhos. Desde o primeiro dia, ele declarou que queria ser policial. No entanto, gostava de falar sobre projetos gráficos e criava imagens para representar tudo o que via: objetos, situações, etc. É como se ele se comunicasse por meio das imagens que criava. Vivia com um papel e lápis nas mãos. Seus desenhos eram criativos e apresentavam detalhes que os diferenciavam.

Sabemos que o fato de Eduardo ter uma capacidade diferenciada para fazer uma leitura da realidade por meio de desenhos não o impediria de ser policial. Porém, apesar de ele demonstrar um discurso convicto em relação à escolha profissional, não demonstrava alegria em relação a esta. Ao contrário, ficava muito irritado quando seus colegas criticavam a profissão de policial e durante alguns dias mantinha-se afastado da turma.

O educador resolveu conversar com a mãe do jovem e compreendeu melhor o comportamento de Eduardo, ao saber que seu pai era policial e havia falecido num confronto entre a polícia e criminosos. Então, provavelmente, esse era o sentimento que o motivava a escolher a profissão?

A mãe do jovem confessou ter muito medo sobre esta escolha e que não queria que seu filho tivesse o mesmo destino de seu marido. Também disse que esta decisão era apoiada por seu cunhado, que morava com ela, seus pais e seus filhos. Ele era irmão de seu marido, também era policial e Eduardo gostava muito dele.

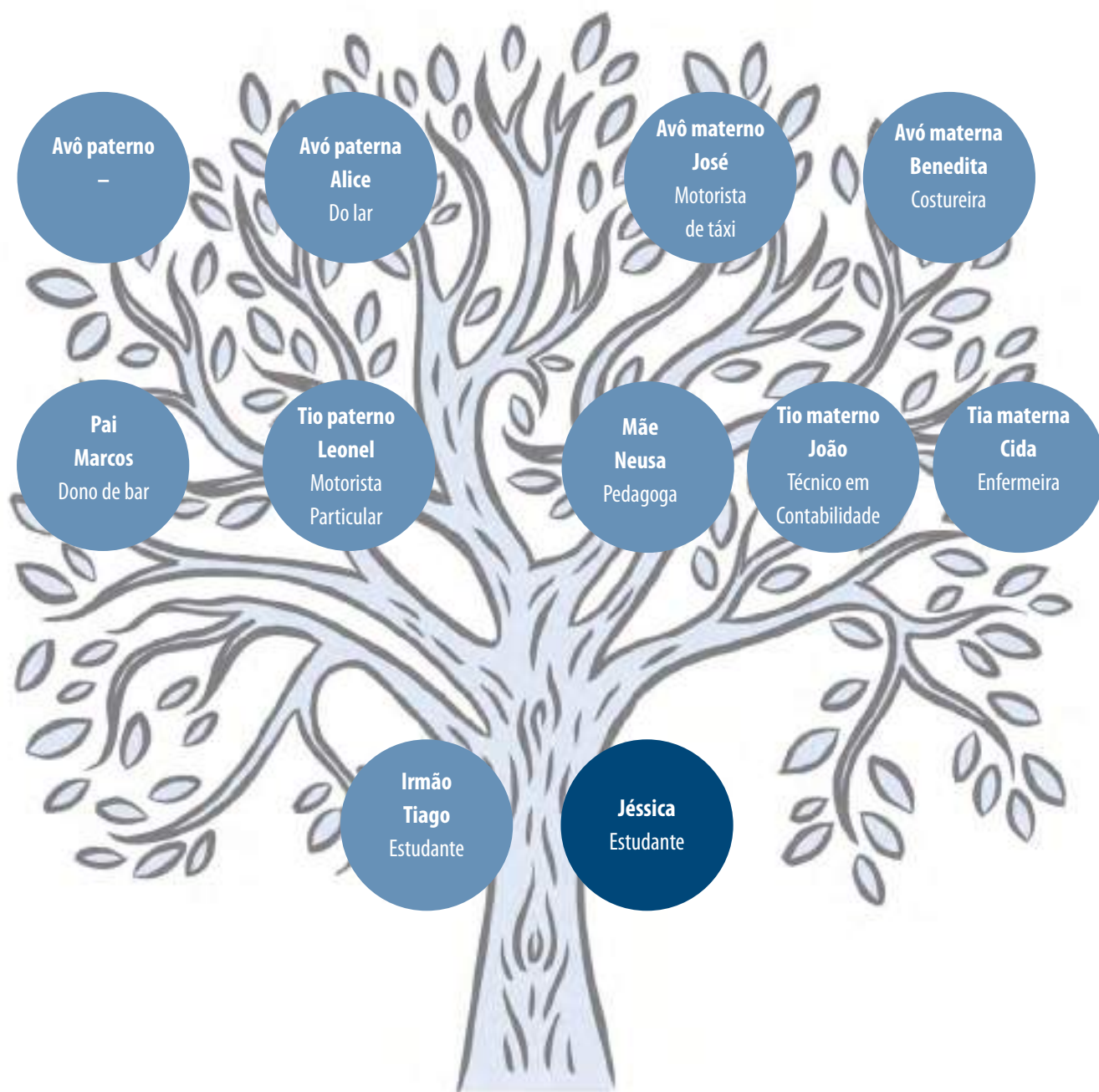
Observações sobre a árvore genealógica B

Compreender o passado, e os avanços históricos, bem como perceber a conjuntura torna possível planejar o futuro. Desde crianças, mesmo que em tom de brincadeira, ouvimos essa pergunta: “o que você quer ser quando crescer?”. Mais maduros, cursando o ensino médio e nos preparando para enfrentar tal questão, voltamos a ela: “o que o jovem planeja para o seu futuro”? Será que, ao tentar responder a essa pergunta, o jovem é influenciado pelas “brincadeiras” que os adultos faziam na sua infância? Refletir sobre o passado nos faz perceber relações como estas e o quanto elas influenciam nossas escolhas.

O jovem deve ter liberdade para responder questões desse tipo, sem ser induzido a dar uma resposta que atenda a realidade imediata ou a prejulgamentos. O educador precisa acompanhá-lo no percurso de descoberta das motivações de suas escolhas, auxiliando-o na reflexão sobre seus sonhos e desejos.

Buscar a RAIZ é essencial. O passado é importante na constituição do Ser e no processo de escolha. Imagine se o jovem for capaz de entender o caráter estratégico de uma escolha que sua mãe (pai ou parente com o qual convive) fez na vida. O quanto tais informações poderiam contribuir positivamente para o desenvolvimento do seu autoconhecimento e tomadas de decisão. Um dos desafios do educador, nesse caso, é compreender que existem diferentes níveis de liberdade de diálogo entre os jovens e seus familiares. A despeito de tal aspecto, o exercício de montagem da “Árvore genealógica das Profissões” provavelmente terá uma dinâmica específica para cada jovem, uma vez que as histórias de vida possuem sentidos e processos singulares. Não se trata de paralisar o processo de aprendizado do educando e assumir uma postura terapêutica ou de proteção exacerbada, mas de considerar o ritmo e o contexto de cada um na investigação de seu passado. Cabe ressaltar que independentemente de o jovem não ter esgotado as possibilidades dessa atividade, isso não o impede de realizar os outros exercícios propostos. O importante é que o jovem perceba o peso da história nas construções presentes e futuras.

Árvore Genealógica das Profissões C



Árvore tipo C: É recorrente, demonstrando que muitas famílias têm trajetórias comuns em relação ao grau de escolaridade e às características ocupacionais de trabalho.

Para relembrar! Os educandos poderão realizar uma pesquisa para situar historicamente as informações coletadas junto aos familiares, a fim de identificar fenômenos sociais.

Contextualização da Árvore C

Jéssica demonstrou bastante entusiasmo diante da orientação do educador e não teve dificuldade para realizar a atividade proposta.

Na roda de conversa, momento em que os jovens socializaram as descobertas em relação aos seus familiares, a jovem apresentou um número considerável de informações, indo além do que foi previamente solicitado.

Em sua explanação, observou-se a existência de familiares com nível de ensino superior, que eram muito presentes na vida da jovem. Ela contou a história de seus pais e investiu nos detalhes sobre seus tios maternos, dizendo que eles conversavam muito com ela sobre a importância dos estudos.

Também comentou que seu pai dizia, o tempo todo, que ela e seu irmão precisavam aproveitar a oportunidade que estavam tendo, pois ele não teve a mesma sorte. Já sua mãe dizia que ela só deveria pensar em casamento depois de concluir a faculdade e escolher uma profissão.

Jéssica disse que seu sonho era cursar “Direito” e ser uma advogada de sucesso. Que gostava de assistir a filmes que mostravam advogados resolvendo causas difíceis.

Observações sobre a árvore genealógica C

É comum que jovens pertencentes a famílias que tiveram a oportunidade de investir mais na escolaridade também estudem mais. Independentemente disso, geralmente, os familiares sonham que os seus descendentes busquem uma condição de vida melhor que a deles, logo, lutam por isso, apoiando-os dentro de suas possibilidades.

Após investigar seu passado e perceber sua influência nas situações do presente e nos planos para o futuro, o próximo passo do jovem seria a busca de informações de ordem pública, necessárias ao processo de desnaturalização e ao desenvolvimento da capacidade de realizar análise de contextos mais abrangentes. Nessa perspectiva, investir em espaços para que os educandos compartilhem suas árvores pode ser interessante e produtivo, desde que sejam norteados por combinados que preservem a ética, para que nenhum deles se sinta desrespeitado. À medida que compartilham seus exercícios podem perceber padrões comuns. Por exemplo: muitos avós e avôs são nascidos em outros estados, não tiveram a oportunidade de estudar formalmente e estiveram longe de uma faculdade. Isso, por sinal, é algo que muitos dos pais também não tiveram a chance de realizar.

A busca por padrões comuns permite a percepção de tendências. Tomemos as aulas de História da escola: lembra-se daquela pirâmide da Idade Média em que não existia mobilidade? Profissionalmente, neto de ferreiro seria avô de ferreiro, e assim sucessivamente. Cenários como esses mudaram? Em que medida? Impactam na vida dos jovens? De que forma? Ao buscar respostas para questões como essas, os jovens desenvolvem a capacidade de identificar fenômenos sociais e perceber como estes se relacionam com suas vidas à medida que podem influenciar os objetivos pretendidos.

Realizar a montagem da árvore é uma proposta abrangente, pois não requer apenas o nome dos casais que deram origem aos seus filhos e netos, mas principalmente propõe entender o que faziam, por meio de pesquisas e problematizações.

Atividade 2:

Ação Protagonica

SÍNTESE



Proposta da atividade: O jovem expressa sua opinião sobre a comunidade em que vive, a investiga, buscando informações e dialogando com os moradores e comerciantes locais. A partir destas ações, define e organiza com seus pares uma ação de intervenção para a melhoria da comunidade.

A atividade é realizada em três momentos:

Marco Zero (status de consciência social do jovem antes de qualquer intervenção do educador; é identificado por roda de conversa) – O que os jovens sabem e acham da comunidade em que vivem?

Marco 1 (status de consciência social do jovem após a intervenção do educador; é identificado depois que os jovens fazem o Mapeamento do Bairro) – O que os jovens acham e esperam da comunidade em que vivem após a ação educativa? Como se veem neste território?

Marco 2 (desenvolvimento da ação protagonista) – Qual a ação de intervenção dos jovens no território? Como ela será viabilizada?

Nas ruas movimentadas do bairro, todos os dias várias cenas se repetem: pessoas andam correndo, atrasadas para o trabalho; o comércio local abre e fecha suas portas; famílias levam seus filhos para a escola; o caminhão da coleta de lixo para de esquina em esquina recolhendo “tudo” o que é descartado pelos moradores; crianças e jovens circulam na quadra da comunidade; casais de namorados procuram locais mais reservados; o ponto de ônibus fica cheio nos horários de pico; pessoas são

vítimas de violência; a música ecoa pelas casas; em dias de chuva o clima e o trânsito ficam “embaçados” e greves mudam tudo de uma hora para outra. Esses e outros acontecimentos compõem o cenário de uma comunidade. Mas qual será o significado destas situações para as pessoas que vivem neste território? Será que os sentidos mudam de acordo com a percepção e a história de cada indivíduo? Com certeza sim. A forma como cada morador se envolve com a comunidade em que vive está relacionada a diversos fatores que, quando combinados, resultam em jeitos próprios de conexão com o lugar de moradia.

Mesmo que cada sujeito se relacione de forma peculiar com os eventos do dia a dia, alguns apresentam uma visão mais superficial e banalizada sobre os fatos do cotidiano, enquanto que outros enxergam a realidade por uma lente mais apurada, curiosa e inquieta.

Diante de tal contexto cabe a seguinte pergunta: será que é possível formarmos jovens para que utilizem esta lente mais analítica nas relações com sua comunidade, enfim, com o mundo em que vivem? Mas como fazer isso?

Partindo da metodologia que temos empreendido, que propõe o desenvolvimento de jovens atentos à dinâmica de sua comunidade e que sejam capazes de realizar uma leitura crítica das situações que a envolvem, pode-se dar uma resposta afirmativa à questão acima colocada.

Um caminho que favorece tal desenvolvimento e fundamenta nossas estratégias é o do *Protagonismo Juvenil*, proposto por Gomes da Costa, que apresenta o jovem como ator principal de ações de intervenção social, num processo de ampliação da capacidade para interferir ativamente, de forma construtiva e autônoma na realidade em que vive. Para o autor, “*Protagonismo juvenil é a participação do adolescente em atividades que extrapolam os âmbitos de seus interesses individuais e familiares e que podem ter como espaço a escola, os diversos âmbitos da vida comunitária; igrejas, clubes, associações e até mesmo a sociedade em sentido mais amplo, através de campanhas, movimentos e*

outras formas de mobilização que transcendem os limites de seu entorno sócio-comunitário” (Costa, 1996:90).

A concepção de *Protagonismo Juvenil* é complementada por Tristan McCowan que, apesar de reconhecer a autonomia como elemento fundamental na educação para a cidadania, afirma que esta só tem aplicabilidade à medida que o sujeito pode olhar para sua comunidade, agindo ativamente na mesma. Para ele, *“enquanto que a cidadania crítica exige que os indivíduos tenham uma certa independência de escolha e liberdade de pensamento, ela também requer que eles tenham um forte compromisso com princípios de justiça, e que se unam em interesse mútuo, expresso através de direitos e deveres. A autonomia não garante o interesse necessário em assuntos de interesse público (...). A cidadania crítica implica não apenas compreender – mas também opor-se ativamente a abusos da justiça, ou seja, rejeitar leis injustas e remover governos ineficazes”*.⁵

Portanto, para McCowan, as iniciativas dos jovens em relação ao seu território deverão estar associadas a ações conscientes e ativas de participação na vida pública. Em outras palavras, a autonomia, elemento central do protagonismo, precisa ser combinada a uma visão crítica e política das questões de ordem pública, como também a ações propositivas de transformação social.

No entanto, é preciso dizer que esse desenvolvimento ocorre de forma diferenciada em cada jovem, o que significa que durante o percurso formativo são alcançados diversos níveis de compreensão e participação em relação às questões de ordem pública. O jovem pode avançar nestes níveis à medida que participa e experimenta novas ações sociais. Ao participar, ele se torna um protagonista do meio em que vive.

Com o intuito de problematizar alguns aprendizados dessa experiência formativa, abordaremos três níveis de participação dos jovens que apresentaram aspectos mais recorrentes. Para isso, somente para efeito didático, organizamos tais elementos em três tipos de ações protagonicas: *Imediata, Solidária e Politizada*.

SAIBA MAIS



“Participar, para o adolescente, é influir, através de palavras e atos, nos acontecimentos que afetam a sua vida e a vida de todos aqueles em relação aos quais ele assumiu uma atitude de não-indiferença, uma atitude de valorização positiva (...) trata-se, para o adolescente, de uma oportunidade de vivência cidadã concreta, como etapa imprescindível do processo de desenvolvimento pessoal e social pleno”.

O adolescente vivencia a participação em “estágios de desenvolvimento pessoal e social dos jovens como os níveis de protagonismo obtidos em cada ação”.

Saiba mais...

COSTA, Antônio Carlos Gomes da; VIEIRA, Maria Adenil. *Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. São Paulo: FTD; Salvador, BA: Fundação Odebrecht, 2006.

⁵ McCOWAN, Tristan. Os Fundamentos do questionamento crítico na educação para a cidadania. In: *Currículo sem Fronteira*, v.6, n.2, p. 140-155, Jul/Dez 2006.

Descrição da Ação Protagonica A

Nome da ação de intervenção: *A arte dá voz aos muros!*

Definição: No processo de escolha da ação de intervenção na comunidade, educador e liderança comunitária lançaram aos jovens a ideia da pintura do muro da organização (o paredão realmente precisava de tinta!). A sugestão foi rapidamente aceita, ainda mais que havia um jovem no grupo que tinha habilidade em grafite. A turma ficou bem animada!

Planejamento: Organizados em grupo pelo educador, os jovens fizeram um levantamento das possibilidades para angariar os recursos necessários para a ação de intervenção. Com o incentivo do educador resolveram solicitar contribuições no comércio local.

Desenvolvimento: O educador elaborou um Ofício de Doação e o entregou aos jovens, para que estes iniciassem o processo de arrecadação. Após duas semanas de tentativas para conscientizar os comerciantes sobre a importância da pintura do muro, os jovens conseguiram levantar uma parte do dinheiro.

A outra parte foi levantada com a participação dos jovens numa festa beneficente da organização que tinha como objetivo arrecadar fundos. A liderança ofereceu a eles uma barraca que venderia alimentos. Eles mobilizaram seus familiares para que doassem bolos, tortas e salgados, já que cada grupo de voluntários precisava oferecer os produtos que venderiam na barraca de sua responsabilidade.

Ação Protagonica tipo A : Imediata

É caracterizada pela urgência, ou seja, atende a uma necessidade imediata. Pode ser legitimada pelos jovens, mas não é resultado de um processo adequado e profundo de reflexão, problematização e debate. A ação é pontual e seu efeito encerra-se com sua conclusão.

Com o recurso doado pelos comerciantes locais e o viabilizado na festa, a liderança providenciou a compra dos materiais necessários para a pintura e grafiteagem do muro.

O educador escolheu o dia do evento de acordo com o calendário das atividades.

Antes da ação, os jovens desenharam as imagens a serem grafitadas com base no tema do projeto anual da organização: “Primavera, florescer para viver!”.

No dia da ação protagonica, os jovens receberam orientações do grafiteiro e de um pintor voluntário da organização. O muro foi pintado e alguns “grafites” foram desenhados: flores, crianças, cores variadas e pinceladas de verde.

Resultado: O muro foi pintado e grafitado. Os jovens ficaram bem satisfeitos, comemoraram e foram parabenizados pelo educador e pela liderança comunitária.

Depoimento jovem: *“Precisamos fazer a nossa parte, contribuir com o trabalho que a Associação faz para as crianças e jovens. Aprendi muito com esta experiência”.*

Marcelo Alves, 16 anos

Para lembrar!

O educador precisa garantir os espaços de reflexão e debate dos jovens sobre as questões sociais, para que o envolvimento dos mesmos com a ação de intervenção ultrapasse a fronteira da execução. Tal avanço gera a leitura crítica de mundo e, por sua vez, contribui para a formação de sujeitos conscientes em relação às questões coletivas. De qualquer maneira, esse tipo de iniciativa deve ser valorizado e visto como uma oportunidade para que o debate sobre a eficiência e eficácia de ações pontuais seja ampliado.

Observações sobre a Ação Protagônica A: O primeiro nível de participação refere-se às ações que chamamos de *imediatas*. Este tipo de ação está relacionado a uma necessidade que é apresentada pelos adultos ao grupo de jovens previamente, ou seja, antes do Marco 1 (*status de consciência social do jovem após a intervenção do educador*). Esta conduta, geralmente, exerce uma influência significativa sobre os sujeitos que executarão a ação protagônica, limitando as possibilidades de problematização e de escolha.

Como diz Gomes da Costa, “é inegável, porém, que a participação dos jovens (construtiva ou não) estará sempre relacionada, de alguma forma, à postura e atuação assumidas pelos adultos ante as questões que afetam o conjunto da sociedade”. Mesmo assim, é fundamental que o jovem tenha oportunidade de vivenciar reflexões e debates sobre o leque de questões que permeiam seu entorno social. Só desta forma ele avançará como sujeito de transformação.

À medida que o jovem tem a oportunidade de observar situações com um olhar mais atento e curioso, se debruçando sobre os fatos que lhe saltam aos olhos, desenvolverá a capacidade de perceber o que não é aparente num primeiro momento. Este exercício é fundamental para que o educando faça uma leitura crítica da comunidade em que vive, identificando suas problemáticas e potencialidades. Enfim, com um olhar mais treinado, o jovem é capaz de interpretar o meio em que vive. O próximo passo é ser um protagonista que contribui para a transformação deste contexto.

Cabe ressaltar que, quando tal processo não é garantido pelos educadores, os educandos não vivenciam o percurso formativo necessário, para que desenvolvam as habilidades cartográficas, essenciais para o desenvolvimento de uma postura investigativa, crítica e positiva do território.

Por outro lado, não se pode negar que a Ação Protagônica Imediata também tem utilidade na proposta de formação dos jovens, pois é um momento em que uma demanda social é colocada em pauta. Por meio desta ação, o jovem poderá despertar para a importância de sua participação na comunidade em que vive. Além disso, também terá a chance de realizar uma intervenção social com seus pares, o que é muito importante para a formação da consciência coletiva. Porém, a ação se enquadra no nível inicial da participação, uma vez que a tendência é que os jovens se limitem a participar da execução, o que não possibilita desdobramentos e nem a percepção do fenômeno social relacionado à ação realizada

Descrição da Ação Protagonica B

Nome da ação de intervenção: Alegria e lazer para todas as gerações!

Definição: Após o mapeamento do bairro, que possibilitou aos jovens circularem pelas ruas da cidade, conversando com moradores e comerciantes locais, o educador mediou uma roda de conversa para levantamento dos temas de interesse dos jovens e escolha da ação de intervenção a ser realizada. No final do debate sobre as situações observadas no tour pelo bairro, os jovens decidiram que fariam dois dias de ação protagonista: uma visita à casa de idosos e um dia de recreação para as crianças da comunidade na organização social onde o projeto do qual participavam acontecia.

Planejamento: Organizados em grupo pelo educador, os jovens definiram que tipo de programação utilizariam nos dois dias de intervenção.

Com os idosos fariam mediação de leitura e levariam o violão para cantar algumas músicas. Entregariam filipetas coloridas com frases de motivação.

Com as crianças fariam brincadeiras, mediação de leitura e também cantariam músicas infantis. Decidiram que levantariam recurso financeiro para comprar lanche e doces para as crianças.

Desenvolvimento: Em relação à ação na casa de idosos, a liderança comunitária entrou em contato com a direção da instituição apresentando a proposta da visita dos jovens, que logo foi bem aceita. O educador organizou os jovens em duplas ou trios para atuarem proporcionalmente ao número de idosos. A atividade com os idosos foi iniciada com música, dois jovens que tocavam violão e uma jovem que cantava lideraram esse momento. Em seguida, cada grupo de jovens escolheu um idoso para mediar leituras e conversarem. Antes de acabar a atividade, houve mais um momento de música.

Ao se despedirem, os jovens entregaram as filipetas com as frases de motivação que pesquisaram no Google.

Em relação ao dia de recreação para as crianças da comunidade, os jovens, organizados pelo educador em grupos, fizeram um levantamento de brincadeiras e músicas para utilizarem com as crianças: gincana, pular corda, dança da cadeira, escravos de Jó, galinha gorda, peteca, músicas de roda, entre outras. Também escolheram os livros infantis para as mediações de leitura. Cada grupo de jovens ficou responsável por um conjunto de brincadeiras, *músicas e livros*.

Os jovens também se organizaram para levantar os ingredientes para o lanche e os doces a serem oferecidos às crianças. Eles solicitaram os alimentos no comércio local, utilizando um ofício elaborado pela liderança comunitária. Também contaram com a ajuda de seus familiares. A cozinheira da organização prepararia o lanche que seria colocado em uma mesa decorada pelos jovens.

Os convites para o evento também foram feitos e distribuídos pelos jovens.

No dia da ação de intervenção, os jovens chegaram mais cedo para organizar o espaço. As crianças começaram a chegar, algumas acompanhadas de jovens e um ou outro adulto. Os jovens receberam a todos e os entreteram com as atividades planejadas.

Resultado: Os idosos receberam a visita dos jovens. As crianças foram beneficiadas com um dia de recreação. Jovens, educadores e liderança comunitária demonstraram muita satisfação com o evento realizado.

Depoimento jovem: “Foi muito bom dar um pouco de alegria para essas pessoas. Adorei brincar com as crianças e conversar com pessoas bem mais velhas, que não têm muita gente para conversar”
(Tayná, 16 anos)

Ação Protagônica tipo B: Solidária

É caracterizada pela bondade que se materializa em iniciativas de ajuda a grupos específicos como, por exemplo, os idosos, as crianças, os doentes, os deficientes, vítimas de desastres naturais, entre outros. A ação pode ser pontual ou de tempo mais prolongado e seu efeito atinge prioritariamente o grupo ao qual é destinada. Não gera mudanças estruturais.

Para relembrar!

O educador precisa auxiliar o jovem na busca de informações e em análises que o levem a compreender o contexto das ações que pretende realizar. Com este progresso a leitura crítica de mundo é ampliada e os sujeitos percebem que as ações desenvolvidas estão relacionadas com questões de ordem pública. Geralmente essas ações podem ser vistas como assistencialistas, portanto de menor importância. No entanto, são de fundamental importância para os beneficiados e para que os jovens desenvolvam uma percepção mais aprofundada acerca dos fenômenos sociais presentes na realidade desses públicos.

Observações sobre a Ação Protagônica B: Quanto ao segundo nível de participação, relaciona-se às ações que chamamos de *solidárias*. Este tipo de ação indica o desejo dos sujeitos de ajudarem o próximo, com o intuito de gerar bem-estar momentâneo, criando um clima de alegria, bem-estar, união e esperança. O sentimento que prevalece é o de ajudar alguém que precisa.

Geralmente, esse tipo de ação é mais mobilizadora, uma vez que atrai mais pessoas simpatizantes, que se dispõem a apoiá-la de alguma maneira. Mas quais são os fatores que facilitam tal ato de mobilização? Podem-se mencionar dois aspectos. Um deles associa-se

ao fato de o resultado neste tipo de intervenção ser rápido e de fácil visualização. O outro refere-se ao sentimento de bem-estar suceder numa via de mão dupla, já que todos os envolvidos (beneficiados e benéficos) sentem-se bem com o desenvolvimento do evento, demonstrando satisfação, prazer e harmonia.

A Ação Protagônica escolhida pelos jovens pode ser do tipo *Solidária*, mesmo após o Marco 1, que é caracterizado pela intervenção que o educador realiza para que o jovem reflita sobre seu posicionamento inicial acerca da comunidade. Essa circunstância pode estar relacionada à visão política dos educadores envolvidos no processo educativo ou ainda a um tempo delimitado de formação, que não permite maior investimento na identificação de fatos sociais e no aprofundamento da consciência social. Dessa maneira, pode-se dizer que intervenções como estas, mesmo que duradouras, estão pouco relacionadas às instâncias de decisão política, a não ser que sejam combinadas a iniciativas mais politizadas.

Embora a *Ação Protagônica Solidária* não seja abrangente do ponto de vista da utilização dos canais e das ferramentas de participação, igualmente à Ação Imediata, também deve ser valorizada, pois os jovens debruçam-se sobre o campo das questões públicas, colocando em prática o protagonismo juvenil. Além disso, poderá ser mais explorada à medida que o jovem ultrapassa as fronteiras da execução e avalia o processo da intervenção realizada, percebendo o que deu certo e errado e o que poderia fazer de diferente. Ao ponderar, o jovem desenvolve novos pontos de vista, revê valores, formando uma visão mais crítica do mundo em que vive.

Descrição da Ação Protagonica C

Nome da ação de intervenção: Luta pelo lazer na comunidade!

Definição: Durante o mapeamento do bairro, os jovens foram impactados pela situação de uma das áreas da cidade, que estava em condições precárias. Conversando com os moradores, descobriram que aquela área fazia parte de um projeto de integração e lazer da comunidade, que seria um grande parque e ofereceria: quadras poliesportivas, pistas de skate, atletismo, ciclismo, praça para ginástica, piscinas, teatro de arena, pavilhão para exposições e um núcleo de educação ambiental. No entanto, o projeto foi iniciado, mas não foi concluído e o lugar encontrava-se com os muros pichados, vestiários destruídos, playground alagado, pista de atletismo esburacada, espaço cultural e quadras abandonadas e faltava pavimento nas ruas. Os jovens resolveram fazer uma pesquisa sobre o projeto do parque e reivindicar a continuidade do mesmo.

Planejamento: Organizados em grupo pelo educador, os jovens decidiram realizar as seguintes atividades:

Fazer uma pesquisa no Google sobre o projeto do parque.

Conversar novamente com moradores do bairro para levantar mais informações.

Fazer um abaixo-assinado que reivindicasse a retomada do projeto do parque.

Elaborar os documentos necessários solicitando a conclusão do projeto do parque e entregá-lo à subprefeitura juntamente com o abaixo-assinado.

Desenvolvimento: O educador apoiou todo o processo de desenvolvimento das atividades realizadas pelos jovens, orientando-os e estimulando-os a buscar mais informações sobre a situação da área em questão. Também apresentou a eles um estudo de caso sobre a reivindicação

para revitalização de uma área verde em uma comunidade de São Paulo.

Com a pesquisa realizada, descobriram que a área tinha uma extensão de 188 mil m², com capacidade para atender 370 mil pessoas. Também souberam pelo site da subprefeitura que o prefeito na época declarou que o parque seria entregue em seis meses, o que não aconteceu e cinco anos haviam se passado. Outra informação que levantaram é que o prédio que deveria abrigar a administração do parque contaria com uma área educativa, composta por salas de multiuso para a realização de oficinas culturais e cursos diversos. Também haveria um auditório para 240 pessoas. Os trabalhos incluiriam a despoluição de dois córregos.

Neste percurso explorativo os jovens aprenderam o que é um plano diretor e qual é a sua finalidade.

A partir das informações levantadas, os jovens pesquisaram modelos de abaixo-assinados e elaboraram um referente à situação do futuro parque. Circularam o documento na comunidade, conversando com os moradores e reforçando a importância da mobilização a favor da conclusão do projeto de lazer, esporte e cultura para o território.

Os jovens também buscaram informações sobre os caminhos para a reivindicação da retomada do projeto. Descobriram que precisariam redigir vários ofícios direcionados aos seguintes órgãos: Subprefeitura, Eletropaulo, Sabesp e Guarda Civil. Também enviaram um release sobre a reivindicação a dois jornais do bairro.

Os documentos foram elaborados pelos jovens e entregues aos órgãos de responsabilidade.

Resultado: A reivindicação da conclusão do projeto do parque foi formalizada pelos jovens. Moradores foram mobilizados em torno da reivindicação. Jovens mais informados sobre os mecanismos de participação. Jovens

mais conscientes e empoderados em relação a ações de participação na vida pública.

Depoimento jovem: “Ficamos indignados com a situação da área de lazer. O dinheiro dos impostos está sendo jogado fora. Todos da comunidade precisam fazer o que podem para mudar essa situação”

(Marcelo, 17 anos)

Ação Protagonica tipo C: Politizada

É caracterizada por uma visão sistêmica e democrática de sociedade, mesmo que esta ainda seja incipiente. A ação pressupõe desdobramentos, mesmo que não esteja vinculada à prática política constante, à militância, organizações ou partidos. É uma intervenção que utiliza canais e ferramentas de participação política.

Para lembrar!

O educador precisa apresentar os canais e ferramentas de participação ao jovem, para que este desenvolva autonomia, transformando-se em um sujeito que participe ativamente da vida pública. Desta forma, sua visão de mundo será amparada pela defesa de causas públicas.

Observações sobre a Ação Protagonica C: Por fim, para abordar o terceiro nível de participação recorreremos ao que chamamos de ações *politizadas*. Este tipo de ação pressupõe a utilização de canais e ferramentas de participação, o que contribui para o desenvolvimento de um projeto político e democrático.

A Ação Protagonica Politizada é viabilizada à medida que o educador acolhe os pontos de vista dos jovens,

os problematiza, oferecendo espaços organizados de discussão e pesquisa sobre os diversos assuntos e iniciativas abordadas.

Vale dizer que, quanto maior for o investimento na educação para a participação, maiores serão as chances de formação de uma visão crítica e propositiva de mundo. Logo, quanto mais o jovem empreender ações sociais, investigando-as; experimentar os meios de participação, compreendendo-os na lógica dos direitos e responsabilidades; refletir sobre o contexto em que vive, revendo suas opiniões e atitudes, se desenvolverá enquanto sujeito politizado. Ele se tornará gradativamente um sujeito politizado, que desnaturaliza sua história de vida e a da humanidade, compreenderá mais profundamente as relações e questões sociais que o cercam, para fazer intervenções mais coerentes com uma sociedade democrática.

Vale lembrar que esse processo não é homogêneo, ao contrário, ele é singular à realidade e dinâmica de aprendizado de cada jovem. O importante é que todos os jovens vivenciem, compreendam e assimilem a lógica de desenvolvimento de uma *ação politizada*. Ou seja, percebam a relevância de fazer perguntas sobre a realidade social; busquem informações e estabeleçam relações entre elas; conheçam e utilizem os canais e ferramentas de participação; escolham uma ação social que queiram realizar e aprendam a transformá-la em uma questão a ser investigada. À medida que esse processo avança, o jovem desenvolve uma visão sistêmica e democrática da realidade.

Na proposta do protagonismo juvenil, o papel do educador é de grande relevância, à medida que sua atuação influencia na participação e no desenvolvimento da autonomia dos jovens. Desta forma, este deverá propor estratégias que possibilitem aos educandos planejar, executar e avaliar a ação social para que os níveis de participação aumentem, contribuindo assim para que estes se desenvolvam enquanto sujeitos de direitos.

ATIVIDADES DO PROJETO DE VIDA

Objetivo | Criar um texto sobre sua experiência na construção do Projeto de Vida.

Objetivos

Na maior simplicidade, de um jeito diferente.
Eu liberto palavras, que saem da minha mente.
E de cabeça erguida, vou seguindo sempre em frente.

Na brisa do vento minhas rimas eu vou desenvolvendo.
Espero que entendam o que eu estou querendo.
Espero que percebam o que cada verso está dizendo.

O meu caminho quem sou eu.
E as chances de algo dar errado pra mim desapareceu.
Superar todos os obstáculos esse objetivo é meu.
Essas chances eu criei não foi ninguém que me deu.

Eu não vou parar, até porque, já cheguei até aqui.
Não tem nada que me faça tirar um pé para desistir.
Entendeu? A vida assim que é e eu vou sempre persistir.
Chegar ao futuro olhar para trás e sorrir.
Ficar feliz com caminho que trilhei até aqui.
E com orgulho me lembrar de que esse caminho eu que fiz.

Fico feliz por perceber minha capacidade.
Alcansei meus objetivos sempre pelo certo.
Sem causar nenhum desastre.

Percebendo quem estava do meu lado de verdade.
Acharam que eu não percebia, mas eu ignorava a falsidade.

Se você definiu um objetivo não tem o porquê parar.
É uma dica que eu dou só que vai de você aceitar.
Não desista enquanto não alcançar.

Palavras têm valor,
Para seguintes palavras o valor é você quem dá.

Produção do jovem: Gabriel Carneiro, 18 anos

Atividade 3:

Plano de Ação

SÍNTESE



Proposta da atividade: O jovem elabora um plano de ação futuro nas áreas familiar, educacional, profissional e social. Para cada objetivo, ele precisará declarar metas, descrever o caminho para atingi-las, apontando as dificuldades que podem ocorrer e as possíveis soluções.

A busca de informações é fundamental, para que o jovem utilize a análise de contexto nas reflexões sobre suas escolhas.

A juventude é marcada pelas descobertas, questionamentos e pela intensa busca da identidade. Diante de um mundo repleto de informações e tecnologia, onde as mudanças acontecem diariamente, esse processo é aguçado e o jovem precisa lidar com tudo, ao mesmo tempo, na tentativa de encontrar o seu caminho. Nesse cenário também se acrescenta a expectativa das famílias e a pressão da sociedade para que ele tome decisões, se responsabilizando por elas. Mas sabemos que o processo de escolha, nesse momento da vida, não é tão simples assim.

Vivendo uma fase assinalada pela experimentação, é natural que as escolhas do jovem sejam permeadas pela mudança, incertezas e diversidade de caminhos. O importante é que, nesta fase, ele tenha a oportunidade de analisar as possibilidades a partir da investigação e compreensão da realidade que o cerca. Logo, realizar exercícios de reflexão e pesquisa sobre suas experiências torna-se necessário para a ampliação da

capacidade de escolha, o que contribui para a elaboração de planos de ação mais conscientes e com maiores chances de serem realizados.

SAIBA MAIS



Indicadores para orientar o educador na avaliação da capacidade do jovem em construir Planos de Ação mais conscientes e realizáveis:

- Aumento do nível de reflexão e da capacidade de tomar decisões.
- Maior clareza no estabelecimento de metas e estratégias na construção do projeto de vida: tipo, consistência e adequação à realidade.
- Maior clareza na identificação dos interesses pessoais e profissionais.
- Ampliação do nível de conhecimento com relação às profissões e demandas do mercado.
- Aumento da capacidade de análise com relação à inserção no mundo do trabalho: possibilidades e limitações (...)

SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarice. *Aprendendo a Ser e Conviver*. 2. ed. São Paulo: FTD, 1999, p. 279.

Plano de Ação A

Área profissional				
Objetivo	Metas	Passo a passo	Dificuldades que podem ocorrer	Possíveis soluções
Conseguir um emprego em uma empresa boa para que eu possa pagar minha faculdade	1ª - Pesquisar no jornal ofertas de emprego	Comprar o jornal	Não ter dinheiro	Pedir emprestado
	2ª - Enviar meu currículo para as empresas	Fazer o currículo	Não conseguir fazer um currículo muito bom	Me esforçar para fazer um currículo melhor
	3ª - Ser chamado para participar de entrevistas de emprego	Me preparar	Acordar atrasado Ficar doente no dia da entrevista Não encontrar uma vaga de emprego que se encaixe no meu perfil	Dormir bem no dia anterior Não desistir de procurar
	4ª - Ir bem na entrevista de emprego	Decorar as perguntas que os entrevistadores mais fazem	Esquecer algumas respostas Não ter sorte	Me esforçar para lembrar das respostas, acreditar que posso e não deixar o desânimo tomar conta de mim
	5ª - Abrir uma conta no banco para receber o salário	Escolher um bom banco	Não conseguir abrir a conta por falta de dinheiro	Ter calma e não desistir e insistir em buscar as soluções

Plano de Ação tipo A:

Os objetivos declarados são sustentados por estratégias superficiais e sem consistência, que se baseiam em desejos e atitudes impulsivas e iminentes. Esse tipo de plano é alimentado por uma autoestima extremamente “fortalecida” e que muitas vezes contribui para que o jovem desconsidere os dados de realidade em suas análises.

O jovem diz que alcançará seus objetivos se tiver força de vontade, acreditar em si mesmo, não desistir, não abandonar suas escolhas e se tiver determinação. Nesse plano as metas não são consideradas ou são equivocadas.

Para lembrar!

O educador precisa propor exercícios que auxiliem o jovem na busca e reflexão de dados de realidade, sem perder de vista a importância do fortalecimento da autoestima para a realização do plano de ação. É fundamental que o jovem aprenda a fazer a leitura de contexto para tomar decisões, qualquer que seja o empenho necessário para alcançar o que se pretende.

Observações sobre o Plano de Ação A: Quando educadores buscam orientar jovens para a construção de seus futuros, algumas perguntas podem ser feitas: será que essa orientação é tendenciosa e carregada de valores de quem educa? Será que o acesso à informação de qualidade é garantido? Será que existem oportunidades para que a informação se transforme em conhecimento e seja aplicada pelo jovem? Enfim, quais os cuidados que precisam ser tomados? Quais critérios precisam ser adotados? É possível orientar para que jovens construam planos para o futuro? Para que elaborem projetos de vida conectados à realidade?

No processo de orientação para o futuro é fundamental que o educador considere o perfil do jovem com o qual pretende trabalhar. No caso do jovem pertencente às camadas mais populares, um aspecto a ser considerado é que existe uma significativa demanda pelo fortalecimento da autoestima desse sujeito. Isto ocorre devido a fatores como, por exemplo, baixo repertório cultural, falta de acesso a instituições de ensino de qualidade, circulação restrita à comunidade, não conhecimento das políticas de acesso, poucas referências de casos de mobilidade social, entre outras. Outro fator, este presente nas várias juventudes, é a necessidade que os jovens têm de construir sua própria individualidade, o que gera um cenário de experimentação, de questionamentos, dúvidas e expectativas em busca da emancipação. À medida que a autoestima é fortalecida, o jovem consegue passar por este percurso com mais autonomia, para tomar decisões e enfrentar adversidades.

Portanto, conclui-se que fortalecer a autoestima é um dos primeiros investimentos que deve ser feito pelo educador, para que o jovem descubra a si mesmo e ao outro, desenvolva a capacidade de formular e expressar suas ideias e construa planos de ação para o futuro.

Com a autoestima fortalecida, o jovem é capaz de acreditar em si mesmo para alcançar seus objetivos e metas, bem como de lidar com as dificuldades que podem ocorrer. No entanto, não basta apenas acreditar! É preciso buscar in-

formações e compará-las, analisando o contexto no qual os objetivos se inserem. O olhar sobre o contexto localiza o jovem em seu tempo e espaço, viabilizando escolhas fundamentadas e calculadas. O mundo a sua volta não existe à toa, ele é o resultado de decisões históricas e conjunturas presentes que influenciam a vida das pessoas.

À medida que os jovens são capazes de notar que seus avós, muito provavelmente, em linhas gerais, estudaram menos que seus pais, que provavelmente estudaram menos do que eles, jovens, pretendem estudar ou já estudaram, podem associar esse contexto à visão que a sociedade atual tem de trabalho e estudo. Ela mudou ao longo das décadas mais recentes. Faz anos, trabalhar para um jovem era essencial, estudar era quase um luxo, sobretudo em algumas classes sociais. Hoje, ao contrário de antigamente, temos leis que proíbem o trabalho em certas idades, respeitando princípios constitucionais. Como evoluímos para isso? O jovem seria capaz de notar que é em função desses valores que ele sai da escola e vai a um projeto social, ou se matricula em cursinhos de qualificação profissional sem mesmo ter ingressado no mercado de trabalho? Por que muitos deles não trabalham? Os valores da sociedade atual permitem que seus pais façam a seguinte leitura: quanto mais tempo meus filhos dedicam à educação, maior a probabilidade de eles seguirem uma carreira que lhes ofereça melhores condições sociais e econômicas. O que é isso? Um cálculo pautado no passado. Que passado? Das famílias que não tiveram a chance de estudar e sabem o quanto esse investimento lhes fez falta na vida. Ter a percepção de contextos como esses, faz com que o jovem valorize as oportunidades de formação e as priorize em seus planos de ação, comprometendo-se com momentos de estudo e aprendizagem.

Conclui-se que a autoestima isolada não se sustenta, pois precisa estar associada à busca das novas e “velhas” informações que, submetidas a um olhar crítico e curioso, transformam-se em ativos no processo de escolha dos jovens pesquisadores.

Plano de Ação B

Área social				
Objetivo	Metas	Passo a passo	Dificuldades que podem ocorrer	Possíveis soluções
Contribuir para diminuir a corrupção no Brasil	1ª - Protestar (sempre)	Procurar amigos que queiram protestar comigo Marcar um ponto de encontro com os amigos no centro de São Paulo	Não encontrar ninguém que queira protestar	Pedir para um amigo me acompanhar, mesmo que ele não proteste. Tentar convencê-lo de que a união faz a força
	2ª - Votar melhor (na eleição)	Conhecer os candidatos pela propaganda na televisão Conversar com pessoas de confiança sobre os candidatos	Não achar bons políticos	Anular meu voto
	3ª - Pensar em boas propostas para o país (quando conseguir entender as notícias de economia e política)	Ler no jornal as notícias de economia e política	Não entender as notícias	Ser persistente e continuar lendo Pedir ajuda para meu educador
	4ª - Ter atitudes honestas (sempre)	Fazer uma lista de atitudes desonestas Pensar em formas para não ser desonesto	Não encontrar pessoas honestas Confundir honestidade com o "jeitinho brasileiro"	Pedir ajuda para meus familiares e amigos

Plano de Ação tipo B:

Os objetivos são sustentados por estratégias baseadas numa análise de contexto aleatória, generalizada e fundada no senso comum. O jovem utiliza informações do cotidiano, que fazem parte do seu universo de conhecimento, para definir o caminho (passo a passo) necessário para que seus objetivos sejam alcançados. Nesse tipo de plano há um descompasso entre as metas e as ações declaradas, revelando incoerência

Para lembrar!

O educador precisa propor exercícios para que o jovem aprenda a fazer perguntas sobre a realidade que o cerca e sobre as situações consideradas "normais". Além disso, também precisa prepará-lo para que entenda que a meta é um indicador do grau de atingimento de um certo objetivo, portanto, ela mostra o quanto perto ou longe estamos deste. Desta maneira, objetivo e meta precisam caminhar juntos no desenvolvimento do plano de ação.

Observações sobre o Plano de Ação B: Como já foi dito, utilizar dados de realidade na projeção do futuro é fundamental. No entanto, como o jovem deve fazer isso? Ele pode usar qualquer informação? Deve considerá-la isoladamente? Que tipo de pesquisa deve fazer? Quanto tempo deve gastar com esta atividade? Deve buscar pessoas de referência para ouvi-las a respeito do assunto que lhe interessa?

É comum que pessoas tomem decisões baseadas em sonhos, padrões sociais, status, tradições, resultados imediatos ou apenas na própria moda. Quais são as chances de estas escolhas darem certo? Provavelmente, uma parte delas alcance bom resultado. Mas como ampliar as possibilidades de sucesso, reduzir os riscos ou calculá-los com maior precisão? Como conciliar sonhos com planejamento e estabelecimento de metas, uma vez que o intuito não é ignorar os desejos das pessoas e seus momentos de vida? Mesmo porque, no caso das ações formativas com jovens, ignorar ou desvalorizar seus sonhos significa bloquear o canal de comunicação *educador-educando*, que precisa ser estabelecido para que estes sujeitos estejam abertos ao aprendizado.

No caso da juventude, o desafio de transformar sonhos em ações planejadas e dimensionadas é maior. Os jovens sonham alto! Neste momento de vida a prática de sonhar é intensa, descompromissada e sem critérios estabelecidos. Não à toa chamamos de ASA essa etapa do trabalho de construção do Projeto de Vida. É hora de voar, de viajar. Mas ao mesmo tempo é importante planejar e estabelecer metas. É possível conciliar tais aspectos e, embora esta tarefa não seja simples, é necessária.

O objetivo não deve ser o de empreender um processo no qual o jovem elabore um planejamento conclusivo e “impecável”, ao contrário disso, o que importa é o investimento que é feito no exercício do ato de planejar. Esta tarefa precisa ser realizada, a partir de dados concretos e considerando o caminho a percorrer na direção do

destino desejado. Assim sendo, se o jovem compreender que “viagens” calculadas, planejadas com começo, meio e fim, podem ser mais bem sucedidas, ampliará suas chances de alcançar o que deseja.

Nesta perspectiva, o educador acompanhará o jovem em suas “viagens”, fornecendo-lhe as ferramentas necessárias para que identifique as trajetórias existentes, como também perceba que há vários caminhos para alcançar o objetivo almejado, uns mais curtos, outros mais longos, os incertos e, ainda, aqueles que são opostos ao que se pretende.

Orientar os jovens para que sonhem planejadamente, identificando e interpretando padrões, utilizando informações de maneira qualificada e associada, contribui para que os limites do seu projeto de vida sejam ampliados e que as chances de realização aumentem. Nesse processo, a análise de contexto deixa de ser aleatória e generalizada, passando a ser feita com foco e fundamento. O jovem construirá o passo a passo dos objetivos a serem alcançados, investigando as dificuldades que podem ocorrer e como superá-las. À medida que faz isso, afasta-se do senso comum, formulando respostas mais estruturadas e menos superficiais.

Enfim, seu desejo de voar e seu potencial de abrir a ASA são orientados de forma clara e criteriosa. Aqui ele é livre para escolher, mas imediatamente levado a entender os limites de suas escolhas, como também a necessidade de que as ações futuras tenham coerência com a dinâmica do mundo em que vive.

Plano de Ação C

Área educacional				
Objetivo	Metas	Passo a passo	Dificuldades que pode ocorrer	Possíveis soluções
Fazer faculdade de Arquitetura	1ª - Pesquisar as faculdades ou cursos técnicos que oferecem o curso (janeiro/2013)	Acessar a internet e realizar a pesquisa depois de pedir as orientações para meu educador Visitar as faculdades que mais interessaram e conversar com pessoas que estudaram nestas instituições	Não conseguir autorização para conhecer as faculdades Não conhecer pessoas que estudaram nestas instituições	Procurar pessoas que possam me ajudar a ter o acesso às faculdades Perguntar para os educadores se eles conhecem alguém
	2ª - Elaborar uma planilha de gastos considerando todas as despesas envolvidas (mensalidade, transporte, alimentação e livros) (janeiro/2013)	Pedir a orientação do educador para utilizar todos os recursos do Excel necessários e para auxiliar no formato da planilha Levantar as informações para a elaboração da planilha (valor de cada despesa necessária)	Levantar o que é preciso fazer para me inscrever no vestibular Fazer minha inscrição e realizar a prova	Pedir a ajuda dos meus pais e do meu educador
	3ª - Prestar o vestibular na instituição escolhida (outubro/2013)	Levantar o que é preciso fazer para me inscrever no vestibular Fazer minha inscrição e realizar a prova	Não entender as notícias	Pedir para meu tio que está bem de vida
	4ª - Me formar em arquitetura (Novembro/2017)	Estudar para garantir as notas necessárias para me formar Frequentar as aulas	Ter dificuldade em Matemática	Pedir ajuda para meu professor e tentar estudar com um colega da faculdade que tire boas notas nesta matéria

Plano de Ação tipo C

Os objetivos são sustentados por uma análise de contexto mais aprofundada e estruturada. O jovem considera dados de realidade na definição do caminho a percorrer para alcançar os objetivos. Nesse plano de ação há maior entendimento do jovem sobre o conceito de meta, e esta se mostra coerente em relação ao objetivo declarado.

Para lembrar!

O importante é que o educando se aproprie da lógica do planejamento para a vida, precisa saber que projetos futuros não são imutáveis, que podem ser modificados, aprofundados ou descartados. Afinal, o jovem encontra-se numa intensa fase de experimentação. Mudar não significa falta de comprometimento.

Observações sobre o Plano de Ação C: Investir na construção de um plano de ação mais estruturado e aprofundado possibilita aos jovens compreender os contextos de objetivos que são recorrentes entre seus pares: fazer cursinhos de curta duração para se aprimorar; conseguir um emprego que ofereça boa remuneração, ajudar a família com recursos financeiros; construir uma família feliz e tranquila; fazer faculdade; comprar uma casa com piscina; comprar um carro importado, viajar pelo mundo inteiro, se esforçar muito para alcançar os objetivos, etc.

Ao tentar fazer uma leitura desses objetivos, buscando informações, o jovem se depara com questões de ordem social, familiar, pessoal e as associa, obtendo mais elementos que podem embasar suas decisões. No caso da escolha profissional associada a uma possível faculdade, por exemplo, a pesquisa não deve apontar apenas um curso ou uma carreira de forma genérica. Mas sim indicar uma escola específica, o preço de sua mensalidade, sua localização, o turno em que o curso é oferecido, se está credenciada no Ministério da Educação (MEC), se existem perspectivas para a carreira pretendida no mercado de trabalho, se existem profissões similares ou conexas, entre outras informações. Até mesmo os classificados de empregos devem ser consultados: que tipos de função se oferecem para iniciantes nessa carreira? Que tipo de remuneração é oferecida? Se há muita oferta de emprego? Qual o regime de contratação? Desta maneira, o jovem poderá abrir suas asas, mas não sem antes apresentar seu plano de voo.

Nesse processo de elaboração do plano de ação, as descobertas podem ser facilitadas por situações coletivas. Por meio de rodas de conversa, os jovens podem perceber a si mesmos e ao mundo: O que os demais colegas desejam? O que há de comum e diferente entre meus desejos e os dos outros? O quanto a pesquisa de outro jovem pode contribuir com minhas escolhas? Como cada jovem reage às escolhas? As pessoas encontram diferentes caminhos para alcançarem objetivos que

são iguais ou similares? Existem elementos comuns entre as famílias dos meus pares? Como cada um lida com os desafios?

Quanto maior for o subsídio ao jovem na leitura de mundo para que projete o futuro, maior será sua capacidade de consolidar seus planejamentos com clareza e percepção de realidade. Essa ampliação poderá auxiliar na identificação de aspectos positivos e negativos de seus intuítos, na identificação de facilidades e dificuldades, bem como na definição dos tempos adequados para cada ação declarada. Além disso, o jovem poderá considerar suas habilidades e aquelas que precisa desenvolver, para que alcance seus objetivos. Em resumo, projetar o futuro, de forma consistente, significa fazer escolhas com base no autoconhecimento e na investigação da realidade, ou seja, é empreender um exame cada vez mais minucioso de si e dos outros que o cercam. Mais ainda, é conhecer e interpretar as instituições, os diferentes interesses, as relações e as oportunidades existentes. Tal empreendimento requer curiosidade, autoconfiança, resiliência, capacidade de prospecção e visão destemida de futuro.

Cabe ressaltar que o plano de ação é mutável e pode ser revisto à medida que o conhecimento sobre si mesmo e os cenários mudem. O intuito final não é fazer com que o jovem construa planos para o futuro definitivos, mas propor exercícios para que descubra a si mesmo e construa uma orientação para a vida, formando sua identidade. Ao conhecer e problematizar o mundo em que vive, encontrará sua maneira de Viver e Conviver. Tal processo é dinâmico e se transforma a cada instante.

ATIVIDADES DO PROJETO DE VIDA

Objetivo | Completar as seguintes frases, refletindo sobre o tema “Quem Sou Eu?”

Quem sou eu?

Eu sempre gostei de **tirar fotos**.

Meus pais gostariam **que eu fosse médico**.

Imagino-me no futuro **fazendo Propagandas**.

Quando criança, eu queria **ser bombeiro**.

No mundo em que vivemos, vale mais a pena **estudar e aprender**.

Do que **ver os anos passarem**.

Se não estudasse, eu teria que **trabalhar duro**.

Prefiro **fazer faculdade**.

Do que **fazer curso profissionalizante**.

Não me consigo ver **despreparado**.

Quando me perguntam sobre minha futura profissão, eu digo **serei modelo fotográfico e de propagandas**.

Para escolher minha profissão, levo em consideração **o que gosto de fazer**.

Enfim, eu me sinto **determinado**.

Produção do jovem: Wesley Veras, 15 anos

CONSIDERAÇÕES FINAIS



CONSIDERAÇÕES FINAIS



Em vez de uma inteligência que separa o complexo do mundo em pedaços isolados, fraciona os problemas e unidimensionaliza o multidimensional, como afirma Edgar Morin, precisamos de uma perspectiva que integre, organize e totalize. Só assim teremos como aproveitar de modo pleno as inúmeras possibilidades de compreensão e reflexão propiciadas pela evolução geral dos conhecimentos.”

(Nogueira, 2001)

Mesmo com o avanço das políticas públicas no campo da educação nos últimos anos, o Brasil ainda possui uma das maiores taxas de analfabetismo entre pessoas com 15 anos ou mais, ocupando o 8.º lugar entre os países com este problema. Esse dado foi divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), apontando que ainda é necessário investir em iniciativas e políticas que contribuam para o enfrentamento dos desafios e consequentemente para a redução do analfabetismo. Uma das causas indicadas pela UNESCO é a falta de preparo dos educadores e o fato de as atividades não serem atraentes aos estudantes.

Partindo da premissa de que o educador é peça chave no processo de superação da situação da educação no Brasil, quais estratégias precisam ser estruturadas e que decisões precisam ser tomadas para que esses profissionais sintam-se motivados e dispostos a encontrar novos canais de comunicação com os educandos?

A solução não depende somente de boas estratégias para mobilizar o interesse do estudante, já que os descontentamentos desses profissionais incluem, por exemplo, melhores condições de trabalho. No entanto, descobrir no-

vas formas a favor do aprendizado dos educandos é um elemento fundamental, para que o cenário da educação seja modificado.

Nesta perspectiva, a metodologia apresentada neste livro significa uma tentativa de propor ferramentas e lógicas que contribuam para a prática dos educadores, estimulando-os e ajudando-os a desatar alguns nós que se colocam ao longo do processo formativo. À medida que conseguem visualizar o aprendizado efetivo e a mudança no projeto de vida dos jovens com os quais atuam, motivam-se ao perceber o quanto sua atuação é importante para formar sujeitos mais autônomos e participativos, que sejam capazes de contribuir para o alcance de uma sociedade mais democrática e igualitária.

Educadores mais preparados e entusiasmados têm sua capacidade ampliada de auxiliar jovens na luta por seus direitos, inspirando-os e apoiando-os nesse processo.

Conforme o jovem analisa o contexto no qual está inserido, investigando sua história, a dinâmica das relações e os canais de participação, desenvolve um olhar mais abrangente para fazer escolhas e construir seu Projeto de Vida.

Ele aprende a fazer isso a cada vivência formativa, fazendo perguntas, interagindo com seus pares e desconfiando de cada “verdade” que lhe é apresentada. Ao comparar “verdades” e situações recorrentes, o jovem percebe a cultura da qual faz parte e desnaturaliza fatos que sempre interpretou como naturais, o que o empodera para pensar em novos caminhos para sua história de vida.

A metodologia do Projeto de Vida é marcada pelo *olhar atento ao detalhe* e por um *caráter de abrangência* ao mesmo tempo. Esses dois aspectos são colocados em prática à medida que o educador valoriza e explora cada percepção e informação sobre o educando, não perdendo de vista o movimento do grupo de jovens e o contexto de suas histórias. Já os educandos conciliam tais aspectos quando realizam leituras abrangentes sobre situações do cotidiano que, num primeiro momento, eram interpretadas por eles como fatos que só lhes diziam respeito.

Ao longo do percurso formativo (*Raiz, Contexto e Asa*), cada acontecimento da vida privada pode ser “transformado” em fenômeno social pelo jovem, revelando cenários econômicos, desigualdades, estruturas políticas, relações de poder, lógicas e demandas do mundo do trabalho, entre outras situações sociais.

O que fundamenta e orienta essa prática educativa é o fato de amparar esse processo a partir de métodos facilitadores (*Imaginação Sociológica e Cartografia*), indicando um jeito singular de formar sujeitos autônomos com base numa visão política emancipatória.

Outro aspecto a ser mencionado é que os jovens que vivenciam a metodologia proposta não iniciam esse processo “zerados”, ou seja, possuem valores, crenças, conhecimentos e concepções que se mostram, no início e ao longo do processo formativo, influenciando a dinâmica de aprendizado do educando e orientando a prática do educador. Desta forma, a ideia não é provocar o jovem para que construa um Projeto de Vida totalmente novo, desconectado de suas origens, desejos, sonhos e

contextos, mas apoiá-lo na reflexão e estruturação do projeto preexistente, para que ele o amplie e o modifique conforme sua visão de mundo se torne mais abrangente e fundamentada.

Esperamos que esses referenciais possam empoderar os educadores e lideranças comunitárias que se empenham na defesa do direito do jovem ao desenvolvimento integral e à sua efetiva participação na vida pública.

Acreditamos que projetos e ações como estas têm um considerável potencial de transformação da sociedade e são de extrema relevância frente aos desafios presentes no contexto social que envolve nossos jovens. As iniciativas que atendem esta perspectiva, quando combinadas, ampliam as janelas de oportunidade a favor da mudança social e contribuem para a prevalência de um fluxo contínuo de conhecimento.

Enfim, a metodologia do Projeto de Vida representa uma semente na tentativa de contribuir para a disseminação do conhecimento e para a formação de uma rede de atores sociais em prol do desenvolvimento integral dos educandos. Por meio das estratégias propostas, pretende-se formar jovens para que aprendam a escolher, educando-se para a vida pessoal, para o mundo do trabalho e para participar na vida pública.

ANEXOS



ANEXO 1: ATIVIDADE DE IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA

Nome da atividade:

“Nem pior, nem melhor: apenas diferentes”.

Intencionalidade:

O propósito da atividade é levar os jovens a perceber que entre seus pares existem semelhanças e diferenças que os tornam únicos. E é dentro dessa diversidade que surgem desafios, como a necessidade de investir em princípios gerais de tolerância.

Compreender múltiplas realidades oferece ao jovem uma visão mais ampla sobre o ambiente em que se vive. Entender tais diversidades em perspectiva histórica vai auxiliá-lo na construção de um olhar múltiplo sobre a sociedade.

Objetivo:

Possibilitar ao jovem a percepção de si mesmo em meio à diversidade, encarando-a como algo singular, mas que pode ser associada a outros sujeitos, a fim de que desenvolva a capacidade de melhor entender o mundo em que vive, a partir de leituras mais abrangentes.

Passo a Passo:

Primeira Etapa:

O educador anunciará alguns aspectos para dividir os jovens em subgrupos sucessivamente. Eles podem ser separados por um número de variáveis que os levem ao isolamento pleno, ou seja, até ficarem sozinhos.

Cada jovem receberá uma folha de papel em branco e anotará suas características à medida que o educador apresentar as opções.

O educador deverá inserir o número de aspectos necessários, para separar plenamente a turma de jovens. O ideal é que a sala, ou espaço ao ar livre, seja amplo para que eles percebam o isolamento.

Alguns exemplos de variáveis que podem ser utilizados para separar os jovens:

Gênero: masculino e feminino.

Relacionamento conjugal dos pais: vivem juntos ou não vivem juntos.

É importante manter os critérios sempre com DUAS possibilidades. Após essa segunda variável, serão quatro grupos: meninos de pais separados, meninos de pais que vivem juntos e meninas nas duas condições.

Religião: católicos e não católicos.

Essa religião foi escolhida somente pelo fato de estatisticamente dois terços da população brasileira serem de católicos, mas isso não está relacionado com a desvalorização de outras religiões, que também podem ser utilizadas como critério para a formação dos subgrupos.

Time de futebol: corintianos e não corintianos; flamenguistas ou não flamenguistas, entre outros.

Etnia: negros, brancos, indígenas, etc.

Esta é uma variável que pode ser aproveitada pelo educador, para que o conceito de etnia seja apresentado aos jovens, estimulando-os a respeitar as diversidades e compreender a história da formação do povo brasileiro.

Número de irmãos: Dois ou mais irmãos; um ou nenhum irmão.

O educador deverá inserir variáveis até os jovens ficarem sozinhos, sempre tomando cuidado para que não sejam

feitos comentários, que possam gerar sentimentos negativos ou desrespeito.

Depois de separados, o educador pedirá para que circulem pela sala e procurem encontrar alguém idêntico (a). Alguém que tenha todas as suas características. Muito provavelmente, não encontrarão esta pessoa.

O próximo passo é pedir para que o grupo volte a circular pela sala e que cada jovem encontre alguém que seja melhor que ele: “De olho nas características, dê a mão para alguém que seja melhor que você”.

Se isso ocorrer, o educador deverá “desfazer” tais junções por meio de um discurso que valorize a autoestima e a valorização da diversidade.

Em seguida, pode-se solicitar que escolham uma característica que julgem “legal” e a utilizem para escolher alguém.

O intuito é mostrar que eles têm liberdade para se aproximar de quem gostam, admiram ou com quem querem manter relacionamento.

No final, os jovens estarão próximos e “entrelaçados”, daí a conclusão: nem melhores, nem piores, apenas diferentes!

O educador finalizará a primeira etapa da atividade ressaltando a ideia da conclusão.

Segunda Etapa:

A próxima etapa consiste na pesquisa sobre as características apresentadas pelos jovens. Eles devem buscar estatísticas que dimensionem suas características com base em perguntas como:

Qual o percentual de distribuição, na sociedade, das religiões, das preferências futebolísticas, dos gêneros, das etnias?

Com a pesquisa será possível notar que ninguém está

sozinho em suas escolhas e características. Essa constatação é o início possível para que haja a percepção de vida em sociedade, com diversidade e tolerância.

A pesquisa pode ser estimulada com dados do IBGE, por exemplo.

Uma boa solução é distribuir aos jovens tabelas com as características que foram citadas na primeira etapa.

Formando duplas ou trios, podem olhar juntos as tabelas. Eles vão desvendar o mundo que os cerca.

Se, nessas tabelas, existirem dados em perspectiva histórica, MELHOR, pois eles serão capazes de notar tendências como, por exemplo: aumento no número de negros no Brasil, aumento no número de evangélicos, predominância discreta das mulheres em relação aos homens, aumento do número de famílias chefiadas por mulheres, etc. Nem todas as características utilizadas precisam estar nas tabelas.

A partir de uma reflexão sobre os dados, as duplas / trios podem ser estimuladas (os) a fazer apresentações rápidas aos demais jovens, sobre o que lhes chamou mais a atenção.

Ouvidas as análises, é importante que criem, estabeleçam e apresentem hipóteses para entender por que OCORREU aquilo que lhes chamou a atenção, ou seja, quais foram as causas dos fatos analisados pelos jovens.

No final, vale a pena dizer que a verificação dessas hipóteses, respondidas com o uso de métodos científicos, é o que chamamos de ciência – nesse caso ela é social, porque busca desvendar um fenômeno percebido em nossa sociedade!

Pontos essenciais:

A GRANDE questão é lembrar que toda a atividade precisa ser baseada em perguntas.

A todo o momento, os jovens devem ser estimulados a entender que, embora sejam únicos (valorização da diversidade), são capazes de viver em harmonia, dentro dos limites da tolerância.

Por meio da pesquisa, os jovens devem ser instigados a formular hipóteses, desenvolvendo uma visão mais ampla da realidade.

É importante estimular debates e perguntar o que acham da reflexão alheia.

Sugestões para aprofundamento da atividade:

Filmes:

Manderlay - Lars Von Trier
Quase dois irmãos - Lucia Murat
O Baile - Ettore Scola
Narradores de Javé - Eliane Caffé

Sites:

www.ibge.gov.br
www.seade.gov.br
www.ipea.gov.br
www.pnud.org.br

Anexo 2: Cartografia

Nome da atividade:

“Expedição Cartográfica”

Intencionalidade:

O intuito da atividade é adensar e ampliar o universo de atuação dos jovens a partir de uma perspectiva cartográfica. A ideia é proporcionar a eles um conhecimento mais aprofundado da comunidade em que vivem, além de estimulá-los e apoiá-los em ações de protagonismo juvenil que influenciem a coletividade.

A Cartografia é aliada da Imaginação Sociológica, à medida que auxilia o jovem no desenvolvimento de uma percepção mais ampla da comunidade, para que eles possam ser protagonistas de suas histórias e refletir sobre seus projetos, tanto individuais, como coletivos.

Objetivo:

Dar subsídios para que os jovens reflitam e discutam sobre as seguintes questões:

Os espaços possíveis para uma convivência prazerosa, saudável e de aprendizagens.

O reconhecimento e o mapeamento da paisagem social e ambiental da comunidade.

A relação entre comunidade e escola.

O trabalho realizado pelas entidades e associações da comunidade.

A relação entre as questões sociais da comunidade e de contextos sociais mais amplos.

Passo a Passo:

Primeira Etapa:

Aquecimento: entrevistas no grupo, para que os jovens se familiarizem com esta prática, antes de entrevistarem as pessoas da comunidade.

Cada jovem escreve em uma folha de papel “sua música preferida”, “a comida de que mais gosta”, “o melhor filme que já viu”, “a atividade de lazer preferida”.

Depois disso, cada jovem fixa o papel em seu peito e o grupo circula pela sala observando as preferências dos outros jovens.

O educador sugere a formação de duplas, considerando a “proximidade” das preferências. Em seguida cada jovem entrevista seu parceiro de dupla, anotando todas as informações em um papel, de modo a conhecer outras preferências, escolhas, posicionamentos, crenças e características do entrevistado.

É importante que colham o maior número possível de informações sobre o outro e que registrem o conteúdo das entrevistas.

Depois disso, cada um apresenta seu entrevistado para o grupo e, em seguida, verifica se suas hipóteses *se confirmaram, ou seja, se aquilo que imaginou do outro foi de alguma maneira confirmado por ele*.

Segunda etapa:

Expedição Cartográfica: os jovens realizam um tour pela comunidade, que tem caráter investigativo. Eles fotografam, filmam e entrevistam as pessoas que vivem na comunidade, anotando impressões, suposições e questionamentos.

O educador organizará o grupo de jovens em duplas ou trios. Juntamente com os jovens, definirá um roteiro do

trajeto a ser percorrido durante o tour pela comunidade, como também o papel que cada jovem deve desempenhar.

É preciso considerar as habilidades individuais (os mais falantes, os mais observadores, os mais criativos, os mais metódicos, os que têm facilidade para escrever), tanto para garantir diferentes olhares e percepções no processo de investigação, como para criar condições para que todos os jovens participem da atividade.

Lembrando sempre que essas habilidades não são inatas, que podem e devem ser aprendidas e aperfeiçoadas na relação entre educador e educando.

Munidos de papel e caneta, os jovens circularão pela comunidade, fotografando, filmando, entrevistando outros jovens e lideranças comunitárias, conversando com moradores antigos e professores das escolas, visitando espaços culturais, conhecendo grupos artísticos, além de ouvir os trabalhadores das organizações/instituições e do comércio local.

Esse processo fornecerá ao educador e aos jovens um material precioso para o fomento de futuras investigações e análises. A ideia é que, depois da “expedição cartográfica”, eles possam se apropriar melhor do universo da comunidade, reconhecendo a diversidade com que os espaços locais são ocupados e geridos, além de refletir sobre suas práticas, alterando as maneiras de ver, sentir, pensar e perceber o entorno.

Proposta de roteiro para conversa com pessoas da comunidade:

É sempre bom promover um encontro com os jovens para dirimir as dúvidas que possam surgir a propósito dos conceitos, ideias e palavras existentes na “*sugestão de roteiro para conversa*”.

As conversas com os diferentes atores da comunidade podem ser gravadas (desde que seja com autorização

prévia do entrevistado), para facilitar discussões e sistematizações posteriores.

Um “ensaio” deixará os jovens mais seguros.

Seguem algumas sugestões de perguntas para as entrevistas:

Entrevistas com “Outros jovens da comunidade”

Quais as três principais coisas que gostaria que existissem no bairro? Quais as opções de estudo, lazer e cultura do bairro? O que você gosta de fazer nas horas de lazer? Qual a sua opinião sobre a sua escola? E o que você gostaria que a escola oferecesse? Por quê? Você conhece o trabalho de alguma instituição local? Você participa de algum grupo de jovens? Qual? Como sua comunidade aparece no jornal, no rádio, na televisão? O que você acha do que é dito sobre ela? Quais as três piores coisas que acontecem no bairro?

Entrevistas com “Moradores Antigos”

Você sabe de onde vem o nome da região onde mora? Fale sobre as pessoas e famílias que, na sua opinião, ajudaram a construir essa comunidade. Conte um pouco da história da comunidade e de como foram chegando a luz elétrica, o transporte coletivo, as primeiras fábricas, o comércio, as primeiras escolas, o posto de saúde, a igreja, etc. Quais as primeiras festas que aconteceram na sua comunidade? Como elas surgiram? Qual o acontecimento mais importante da sua comunidade? Você participou dele? Qual era o lugar mais bonito da comunidade quando você era jovem? Se você pudesse mudar algum fato histórico da sua região, o que mudaria? Há algum outro fato ou história que você gostaria de relatar? Fale das coisas boas e dos problemas que essa história deixou.

Os jovens podem reunir dois ou três moradores e realizar uma entrevista coletiva, que pode ser gravada e posteriormente editada. Dessa maneira, a conversa pode ser mais produtiva, com um formato de “bate papo”.

Entrevistas com “Trabalhadores das organizações e instituições locais”

Há quantos anos a organização se instalou na comunidade? Quais os objetivos da organização e qual a faixa etária do público atendido? Que critérios existem para o atendimento? E como é feita a divulgação? Como você classificaria a população local: participativa, solidária, desinteressada, desmobilizada? Qual o principal problema da região? A organização participa de algum fórum, associação, conselho, movimento reivindicatório? A organização realiza trabalho em parceria? E o que determina a escolha de parceiros?

Entrevistas com os “Comerciantes Locais”

Há quanto tempo você tem comércio na região? Já teve problemas com violência? Quais mudanças poderiam contribuir para a melhoria do seu comércio? Como os comerciantes poderiam contribuir para a melhoria da comunidade? Você já realizou alguma ação nesse sentido?

Entrevistas com “Professores das escolas”

Qual sua opinião sobre a escola e sobre os jovens que a frequentam? O que mais dificulta o trabalho da escola? Do seu ponto de vista, o que há de bom e o que falta na escola? Quem pode ajudar a resolver os problemas da escola e do bairro? Existe Grêmio ou outra forma de organização dos alunos? Como funciona? Que outras atividades podem ser desenvolvidas na escola, além das aulas propriamente ditas? Você participa de algum grupo da comunidade: associação de moradores, movimento reivindicatório, conselhos/fóruns, partido político, grupo religioso?

Orientações para o desenvolvimento da entrevista:

Lembrar que a entrevista é uma conversa aberta, mas orientada por um objetivo. Existe uma “agenda oculta” que direciona o rumo da conversa por meio das pergun-

tas em cada questão. As respostas serão assinaladas só pelo jovem pesquisador.

É preciso evitar a contaminação das respostas: fixar a atenção no entrevistado principal, lembrando sempre que é o ponto de vista do entrevistado que interessa. No caso de a conversa ser com um casal, focalizar em um dos dois e perguntar sempre para a mesma pessoa.

Tomar cuidado para não emitir juízos de valor durante a entrevista, evitando exercer qualquer influência sobre as respostas dadas. Os valores e opiniões do entrevistado é que interessam.

Criar um clima de cordialidade e simpatia. Conduzir a entrevista calmamente. Insistir sem forçar as respostas.

O entrevistador precisa suportar os silêncios. Não deve induzir respostas. Diante de respostas vagas ou “não sei”, tentar ajudar o entrevistado. Pode ser que o entrevistado nunca tenha pensado antes na questão colocada e precise de uma ajuda para organizar o pensamento e dar uma opinião.

Estar atento às fantasias e temores do entrevistado: ele pode imaginar que o entrevistador mantém vínculos com alguma instituição ou pessoa que poderia prejudicá-lo; ou que suas queixas vão resolver seus problemas (porque o entrevistador é representante do governo); situações deste tipo pedem que o entrevistador retome a finalidade do trabalho, dando os esclarecimentos necessários.

Reforçar sempre a importância da opinião do entrevistado.

Pontos essenciais:

Durante o processo os jovens precisam ter espaço para elaborar e executar (na medida do possível) novas ideias.

O processo precisa ser participativo, estimulando o protagonismo juvenil.

Os jovens precisam desenvolver ações de reflexão e de intervenção sobre seus projetos de vida, à medida que aprofundam o conhecimento sobre as questões sociais.

Sugestões para aprofundamento da atividade:

Texto:

MONTENEGRO, Fábio; Vera Masagão. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor. São Paulo: Global, 2002.

Vídeo:

Atitude em Cena (2003, Direção Joinha Filmes). Dur 17'
Além da Lousa, Culturas Juvenis, Presente (2000, Direção Grupo Educação Ritmo Rua) Dur. 14'

Site:

Observatório Jovem do Rio de Janeiro - <<http://www.uff.br/observatoriojovem/>>

Anexo 3 - Plano de Ação

O PLANO DE AÇÃO não é imutável, ele deve ser revisto e adequado às necessidades da pessoa interessada e do seu contexto de vida. Durante a construção é importante que as etapas fiquem claras e tenham coerência entre si, para que objetivos sejam possíveis.

Outro aspecto fundamental nesse processo é a análise dos dados de realidade. Analisar a realidade não significa descartar os sonhos, mas considerar o contexto e verificar se as condições são favoráveis ou não às escolhas. Em outras palavras, ninguém está isolado do mundo para tomar decisões, logo, elas precisam ser tomadas considerando o mercado de trabalho, as condições econômicas, a cultura, a sociedade e o conhecimento sobre si mesmo.

O planejamento é fundamental na construção do PLANO DE AÇÃO. Planejar é refletir sobre as ações que pretendemos realizar para alcançar nossos objetivos.

Objetivos do Plano de Ação:

Sensibilizar o jovem sobre a importância do planejamento da vida futura com base no autoconhecimento e na observação da realidade.

Auxiliar o jovem na definição de objetivos e metas para o futuro a partir da análise do mundo, correlacionando esse processo com o autoconhecimento desenvolvido nas atividades referentes ao Passado e ao Presente.

Construir o Plano de Ação (sugestão de tempo de projeção: 5 anos).

Desenvolvimento da atividade:

O jovem construirá um Plano de Ação para as áreas Familiar, Educacional, Profissional e Social.

Após apresentar a proposta de construção do Plano de

Ação, o educador deverá explicar a definição de cada área ao educando, além de sensibilizá-lo em relação aos temas e esclarecer dúvidas.

O Plano de cada área será desenvolvido em quatro etapas: Análise de contexto para a definição de objetivos e metas; Definição de objetivos; Estabelecimento das metas; Identificação do Passo a Passo.

O educador deverá apresentar a proposta de cada etapa, definindo-a e ressaltando a importância de cada uma delas no processo de tomada de decisões.

Em todas as etapas, o educador deverá auxiliar o jovem na busca de elementos para administrar as dificuldades que podem ocorrer e na descoberta de possíveis soluções.

Orientações gerais ao educador:

É papel do educador subsidiar o jovem na análise de contexto, fornecendo informações e meios para interpretá-las.

O jovem precisa ser subsidiado para que perceba os dois grupos de fatores relacionados às escolhas: favoráveis e desfavoráveis.

Cada etapa é pré-requisito para a outra. Antes de avançar nas etapas, o educador deverá orientar o jovem para que este faça uma revisão do plano construído até aquele momento.

O educador precisa criar contextos para que o jovem reflita sobre as mesmas questões em todas as etapas, assim, haverá aprofundamento das reflexões. Desta forma, as escolhas feitas em uma determinada etapa devem ser revistas na etapa seguinte e durante todo o processo.

Cabe ao educador cuidar para que o jovem tenha clareza de processo do estabelecimento dos objetivos e das metas.

O processo de autoconhecimento e de tomada de decisão do

jovem deve ser fomentado pelo educador com boas perguntas, que provoquem a reflexão e a busca de novas informações.

Sugestão de questões para análise / mediação / provocação:

Área Familiar

Está voltada aos relacionamentos com os familiares.

Pode-se refletir se há investimento nesta área, fazendo perguntas do tipo: Como você tem se relacionado com seus familiares? Como tem resolvido os conflitos com familiares? Como é a família que deseja ter?

Área Educacional

Está relacionada ao aprendizado por meio de estudos, pesquisas, cursos, leituras, participação em eventos culturais, entre outros.

Pode-se refletir se há investimento nesta área fazendo perguntas como: Quantos livros você leu? Fez recentemente algum curso relacionado a qualquer área de sua vida? Deseja fazer cursos técnicos ou de graduação? Tem ido ao teatro, cinema? Quanto tem estudado ultimamente? Tem utilizado a internet para pesquisa?

Área Profissional

Está relacionada às ações concretas que atendam o PLANO DE AÇÃO. O foco principal para os jovens é a Inserção no Mercado de Trabalho.

Pode-se refletir se há investimento nesta área fazendo perguntas como: Você tem investido em sua preparação para a inserção no mercado de trabalho? Tem se informado sobre o comportamento adequado em uma entrevista de emprego? Consegue relacionar os estudos com a área profissional? Tem pensado em como seu primeiro emprego pode contribuir para alcançar seus objetivos a médio e longo prazos? Em quais áreas se identifica e

deseja buscar oportunidades? Pensa em empreender seu próprio negócio?

Área Social

Está relacionada com o olhar e as ações sobre a escola, o bairro, a comunidade, a sociedade como um todo. Além disso, também trata das relações que são estabelecidas com as pessoas por meio do lazer, do voluntariado, do convívio escolar, etc.

Pode-se refletir se há investimento nesta área fazendo perguntas como: O que você tem feito para viver num bairro melhor? Tem contribuído para que a sociedade seja mais justa? O que você acha que está errado no seu bairro, na sua cidade, no seu país? Tem doado seu tempo a trabalhos sociais? O que tem feito para ajudar o próximo? Como tem se relacionado com seus amigos? E os amigos da internet? Como tem resolvido os conflitos com amigos? E com as pessoas da escola? Que amigos deseja ter?

Modelo de estrutura de Plano de Ação:

	Curto Prazo	Médio Prazo	Longo Prazo
Objetivo			
Metas			
Passo a passo			
Dificuldades que poderão ocorrer			
Soluções possíveis			

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Wendel Helena; BRANCO, Martoni P. Pedro (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

_____. Espaços de juventude. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (Org.). *Políticas públicas: juventude em pauta*. 2. Ed. São Paulo: Cortez: Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2008, p. 219-228.

AÇÃO COMUNITÁRIA. *O jovem e seu projeto de vida: metodologia da Ação Comunitária para o desenvolvimento integral do jovem*. São Paulo, 2013.

ALAVA, S. (Org.). *Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais?* Porto Alegre: Artmed, 2002.

BASTOS, Juliana Curzi. Efetivação de escolhas profissionais de jovens oriundos do ensino público: um olhar sobre suas trajetórias. In: *Revista Brasileira de Orientação Profissional*. São Paulo, v. 6, n. 2, dez. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902005000200004-&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em: 16 jul. 2012.

BAUMAN, Zygmunt, MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a sociologia*. Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BENJAMIN, W. O narrador. In *Obras escolhidas*. S. Paulo: Brasiliense, 1986.

BOCK, Silvio Duarte. *Orientação profissional: a abordagem sócio-histórica*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BOCK, S.D. *A escolha profissional de sujeitos de baixa renda recém-egressos do ensino médio*. Tese de doutorado defendida na UNICAMP, em 2008. Disponível em: <[http://](http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000447716)

libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000447716>. Acesso em: 07 mai. 2014 (fazer cadastro para acessar).

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. *Orientação vocacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

CANTISANO, Pedro J. Quem é o sujeito de direito? A construção científica de um conceito jurídico. Direito. In: *Estado e Sociedade*, n.37, p.132-151. Jul/Dez 2010.

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA (CENPEC). *Educação e Cidadania: um programa para adolescentes em situação de risco*. São Paulo: CENPEC, 2002.

_____. *Jovens urbanos: sistematização de uma metodologia*. São Paulo: Fundação Itaú Social, CENPEC, 2008.

_____. Oficinas + Participação = Educação Integral/oficinas. Disponível em: <<http://www.educacaoeparticipacao.org.br/index.php/oficinas>> . Acesso em: 26 mai. 2013.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *Pedagogia da presença: da solidão ao encontro*. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001.

COSTA, Antônio C. G.; COSTA, Alfredo C. G.; PIMENTEL, Antônio P. G. *Educação e vida: um guia para o adolescente*. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 1998.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da; VIEIRA, Maria Adenil. *Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. São Paulo: FTD; Salvador, BA: Fundação Odebrecht, 2006.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *Natureza e implan-*

- tação do novo direito da criança e do adolescente. In: PEREIRA, Tânia da Silva (Coord.). *Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei 8.69/90: estudos sociojurídicos*. Rio de Janeiro: Renovar, 1992.
- CUNHA, Jorge Luiz da; ROWER, Joana Elisa. Ensinar o que não se sabe: estranhar e desnaturalizar em relatos (auto)biográficos. In: *Educação*. Santa Maria, v. 39, n. 01, abr. 2014.
- DANTAS, M. *A lógica do capital-informação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.
- DANTAS, Humberto; MARTINS JR, José Paulo (Org.). *Introdução à política brasileira*. São Paulo: Paulus, 2007.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.
- DIEESE, Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Econômicos. A ocupação nos mercados de trabalhos metropolitanos. In: *Estudos & Pesquisas*, ano 3, n. 24, set. 2006, p. 2-17. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2006/2006pedjovensocupacao.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2014.
- DOLTO, Françoise. *A causa dos adolescentes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- ELIAS, M. Del C.; SANCHES, E.C. Freinet e pedagogia: uma velha ideia muito atual. In: FORMOSINHO, Júlia Oliveira, KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA Mônica Appenzato (Org.). *Pedagogias da infância: dialogando com o passado, construindo o futuro*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- GOUVEIA, M. J. Cartografia como instrumento da pedagogia social. I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL. São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2006.
- ISAAC, Alexandre. *Uma metodologia para formação de jovens pesquisadores*. São Paulo: Instituto de Cidadania Empresarial, 2006.
- _____. Uma metodologia para formação de jovens pesquisadores. In: Instituto de Cidadania Empresarial (ICE: 2005.), p. 15. Disponível em: <<http://www.ice.org.br/downloads/conhecimento/Metodologia%20jovens%20pesquisadores.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2013.
- INSTITUTO FLORESTAN FERNANDES. *Juventude e cidadania em São Paulo: o direito ao futuro*. SP, 2000.
- LIMA, M.T. Técnica do “Círculo da Vida”. In: LEVENFUS, R.S.; SOARES, D.H.P.; COLS. *Orientação vocacional ocupacional*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 314-326.
- MESQUITA LIMA, Augusto de. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Presença, 1987.
- MARSHALL, Theodor H. *Cidadania, classe social e status*. Trad. Meton Porto Gadelha. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- MCCOWAN, Tristan. Os fundamentos do questionamento crítico na educação para a cidadania. In: *Currículo sem fronteira*. V.6, n.2, p. 140-155, Jul/Dez 2006.
- MILLS, Charles W (1959). *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MONTENEGRO, Fábio; RIBEIRO, Vera Masagão. *Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor*. São Paulo: Global, 2002.
- MORAES, D. (Org.). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

MOTA, Lourenço (Org.). *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*. São Paulo: SENAC, 1999.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. *Em defesa da política*. São Paulo: SENAC, 2001.

RIBEIRO, M. A. A influência psicossocial da família e da escola no projeto de vida no trabalho dos jovens. *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 5(1), São João del-Rei, janeiro/julho 2010

_____. Juventude e trabalho: construindo a carreira em situação de vulnerabilidade. In *Arquivos Brasileiros de Psicologia* (UFRJ. 2003). V. 63, p. 58-70, 2011.

SANDHOLTZ, J. H.; RINGSTAFF, C.; DWYER, D. C. *Ensinando com tecnologia: criando salas de aula centradas nos alunos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SENAC. Referenciais para a educação profissional do SENAC / Maria Helena Barreto Gonçalves; Joana Botini; Beatriz Arruda de Araújo Pinheiro et al. Rio de Janeiro: SENAC/DFP/DI, 2004.

SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarice. *Aprendendo a Ser e Conviver*. 2. ed. São Paulo: FTD, 1999.

VALORE, Luciana Albanese; VIARO, Renee Volpato. Profissão e sociedade no projeto de vida de adolescentes em orientação profissional. In: *Revista Brasileira de Orientação Profissional* [online]. Dez. 2007, vol.8. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902007000200006>. Acesso em: 10 jul. 2010.

Fundada em 1967, a Ação Comunitária é uma organização sem fins lucrativos, criada e gerida por empresários, que luta contra a exclusão social em três frentes de atuação: o Centro de Desenvolvimento Integral, o Centro de Desenvolvimento Comunitário e o Centro de Orientação para o Trabalho. As atividades são realizadas de forma ampla e integrada por meio dos programas e projetos, guiadas com o objetivo de desenvolver o potencial do público atendido, capacitando-o para fortalecer suas competências e criar suas próprias oportunidades, em regiões de alta vulnerabilidade da cidade de São Paulo. Ao longo de 2013, foram realizados mais de 8400 atendimentos, considerando crianças, adolescentes, jovens, famílias, educadores e líderes comunitários.

A presente publicação é resultado dos trabalhos realizados com o apoio do Fundo Municipal da Criança e do Adolescente (FUMCAD), ao longo de 2013 e 2014, pelo Centro de Desenvolvimento Integral, que tem como objetivo melhorar a qualidade dos serviços socioeducativos, desenvolvendo tecnologias sociais no âmbito da assistência social, da cultura e da educação integral, assim como fortalecer as políticas de proteção social básica, para crianças e adolescentes de 0 a 18 anos.

O **Centro de Desenvolvimento Integral** atua executando vários programas de atendimento direto e indireto para crianças e adolescentes, como a **Formação Continuada de Educadores** que simboliza um importante ponto de encontro entre a Ação Comunitária e o público atendido; os programas **Crê-Ser** (de 5 a 15 anos) e **Preparação Para o Trabalho** (de 16 a 18 anos) que visam ampliar o autoconhecimento e as competências individuais de jovens e crianças, e colaborar para uma inserção positiva na vida produtiva. Todos os resultados das atividades realizadas com crianças e jovens são acompanhados por meio do Sistema de Avaliação de Mudanças e Impactos Sociais da **Ação Comunitária**.

A **Ação Comunitária** acredita que estas iniciativas, executadas de forma integrada com esforços do governo e da sociedade como um todo, contribuirão para a efetiva inclusão social das famílias, crianças e dos adolescentes.

Para saber mais acesse:

<http://www.acomunitaria.org.br/>

<https://www.facebook.com/acaocomunitaria>



AÇÃO COMUNITÁRIA
PREPARANDO PESSOAS PARA A VIDA

